

Síntese do Bol. Geomet. A. Seixas Netto, válido até às 23,18 hs. do dia 5 de janeiro de 1969
FRENTE FRIA: Em curso; PRESSÃO ATMOSFERICA MEDIA: 1011,8 milibares; TEMPERATURA MEDIA: 31,6° Centígrados; UMIDADE RELATIVA MEDIA: 83,1%; PLUVIOSIDADE: 25 mms.: Negativo — 12,5 mms.: Instável — Cumulus — Chuviscos esparsos — Tempo médio: Estável.

O ESTADO

O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

Florianópolis, Domingo, 5 de janeiro de 1969 — Ano 51 — N° 16.052 — Edição de hoje — 16 páginas — NCR\$ 0,20

O Brasil estabeleceu em 1968 novos recordes de exportação de produtos agro-pecuários, destacando-se o milho, a carne e o arroz. O Ministério do Planejamento revelou que a nova política de preços mínimos encorajou os produtos agrícolas que passaram a ser melhor remunerados.

SINTESE

CLEMENCIA AO DOADOR DE RIM

O secretário da Justiça da Guanábara, prof. Cotrim Neto, vai enviar ao presidente da República pedido de clemência ao detento Jorge Correia de Sá, conhecido por "Pente Fino", que doou um rim à professora Creusula Ferreira, para o enxerto realizado esta semana pela equipe do médico Edson Teixeira, do Hospital Silvestre. Fundamentará o pedido no art. 23, inciso 20, da Constituição. Enquanto isso, a professora Cleusula "passa bem e apresenta temperatura e pulsações normais", segundo o último boletim médico. O médico que efetuou a operação disse que pretende realizar a segunda parte da intervenção (a retirada do rim lesionado) assim que a paciente sair do período crítico de rejeição. O doador que cumpre pena na Penitenciária "Lemos de Brito", está "em excelentes condições, perfeitamente lucido, dormindo bem e alimentando-se de líquidos".

TELEFONES PARA BRASÍLIA

A Companhia Telefônica de Brasília abriu concorrência pública para a instalação de 30 mil telefones automáticos no Distrito Federal. As inscrições das firmas interessadas terminam dia 2 de fevereiro e as condições são as seguintes: o equipamento deverá ser de fabricação nacional, ou pelo menos 50% do seu valor; e os aparelhos deverão ser instalados no prazo máximo de 24 meses. Três firmas já se apresentaram.

SEMAFOROS NAS AVENIDAS DO DF

O diretor do Departamento de Trânsito do Distrito Federal, cel. Helio Miranda, designou comissão para estudar a instalação de sinais luminosos nas principais avenidas de Brasília. Reconhece o diretor do DT que o aspecto estético da cidade pode ser prejudicado e que haverá muitos protestos, mas mesmos assim espera conseguir autorização para instalar os semáforos.

OBRAS RODOVIARIAS

O ministro Mario Andreazza, dos Transportes, aprovou resolução do Conselho Nacional dos Transportes que autoriza o DNER a contrair empréstimo de 10 milhões de dólares junto ao "Hambros Bank Limited", de Londres, para obras rodoviárias no Paraná e Santa Catarina.

EMPRESA EDITORA "O ESTADO" LTDA.

Administração, Redação e Oficinas: Rua Conselheiro Mafra, 160 — Caixa Postal, 139 — Fone 3022 — Florianópolis — Santa Catarina. / DIRETOR: José Matusalem Comelli / GERENTE: Domingos Fernandes de Aquino / EDITOR: Marcellio Medeiros, filho / SECRETARIO: Osmar Antônio Schindwein / REDATORES: Luiz Henrique Tancredi / Sérgio Costa Ramos / REDATOR ESPORTIVO: Pedro Paulo Machado / TESOUREIRO: Divino Mariot / REPRESENTANTES: Rio de Janeiro — GB — A.S. Lara Ltda. — Avenida Beira Mar, 451 — 11° andar — São Paulo — A.S. Lara Ltda. Avenida Vitória 657 — 3° andar — conjunto, 32 — Porto Alegre — Propri Propaganda Representações Ltda. — Rua Coronel Vicente, 456.

NOVO ATO AMPLIA AREA DE CONFISCO

Oriente Médio é ameaça à paz mundial

A União Soviética ameaçou os Estados Unidos com a possibilidade de represália de suas forças navais do Mediterrâneo, caso a VI Frota norte-americana continue a "inspirar as agressões israelenses contra os países árabes."

O vice-comandante da Marinha soviética, Almirante Vladimir Kasatonov, advertiu o Ocidente de que, para proteger os interesses dos Estados árabes, "a União Soviética possui um número suficiente de unidades de várias classes, dotadas de alta mobilidade e equipadas com armas modernas."

No Líbano, o Conselho de Ministros debateu uma eventual solicitação soviética para suas forças navais ancorarem em portos libaneses. Os jornais de Beirute revelaram que o Governo está interessado na proposta.

A União Soviética está agindo na área diplomática para impedir que os Estados Unidos concretizem a entrega de 50 caças a jato Phantom-4 ao Governo israelense. O cancelamento está sendo tentado por Moscou simultaneamente em Washington, Londres e Paris.

Rio prepara planejamento para ano 2000

O futuro do Rio nos próximos 30 anos será planejado pela Comissão do Ano 2000, criada por decreto do Governador Negrão de Lima e que equacionará os problemas industriais, sociais, urbanísticos e viários da cidade, até o século XXI. Tomarão parte da Comissão do Ano 2000, que será presidida pelo Secretário de Ciências e Tecnologia da GB, representantes de várias Secretarias de Estado

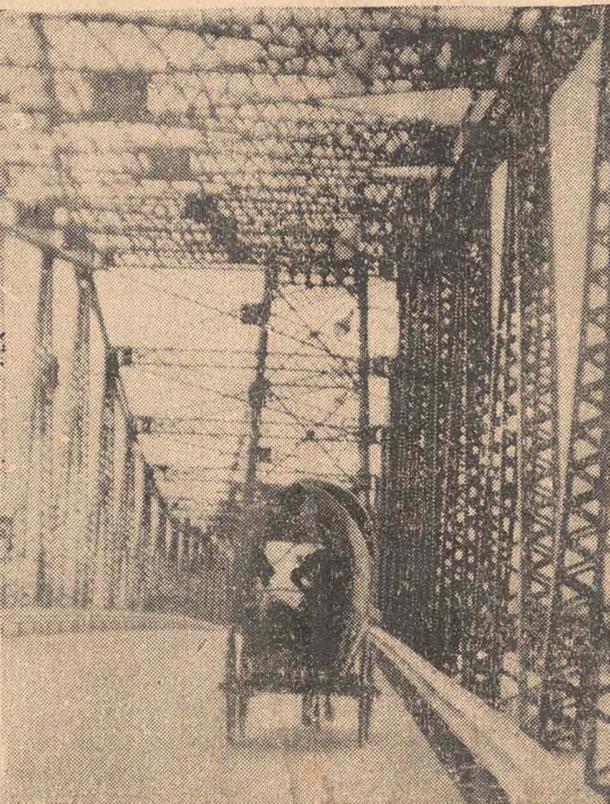
e de órgãos técnicos da administração carioca. A idéia de criar a Comissão partiu do Secretário de Ciência e Tecnologia Arnaldo Niskier e foi imediatamente aprovada pelo Governador Negrão de Lima que a achou excelente.

Decreto dará organização a Territórios

Falando à imprensa após despacho com o Presidente da República, o Ministro Albuquerque Lima, do Interior, revelou que o Chefe do Governo assinará mais dois decretos-leis, um dos quais dará nova organização administrativa aos Territórios Federais, a fim de acelerar o seu processo de desenvolvimento.

Segundo ainda o Ministro, o decreto que reorganiza a administração dos Territórios estabelece um "status" de pequenos Estados, vinculando a administração daquelas áreas ao Ministério do Interior. O Decreto cria Conselhos Territoriais, como órgãos colegiados de assessoramentos dos governadores.

Obra que recomeça



Os trabalhos de pavimentação da Ponte serão reiniciados terça-feira.

Edward Kennedy sobe de prestígio político

O Senador Edward Kennedy abriu o caminho para uma eventual candidatura à Presidência da República, nas eleições de 1972, ao conquistar o posto de Vice-Líder do Senado norte-americano, derrotando, por 31 votos contra 26 o veterano Senador Russel Long, líder do bloco sulista ultra-conservador. A vitória de Kennedy foi considerada "notável", principalmente quando se recorda que ele se decidiu a desafiar o poderoso Russel Long — vice-líder há cinco anos — há apenas uma semana.

Ao solicitar os votos para Kennedy nas salas de reuniões dos democratas, a máquina eleitoral do jovem senador funcionou tão bem

quanto na época em que era controlada por John e por Robert Kennedy.

Comentando a vitória afirmam os observadores que o senso de oportunidade característico da família Kennedy operou magistralmente. Ao se reunir o Congresso, controlado pelos democratas, foi Kennedy — e não o Presidente eleito, Richard Nixon, nem o Presidente Johnson — que permaneceu no centro do palco. Ted foi apoiado pelo grupo democrata que perdeu as eleições de novembro — Hubert Humphrey e Edmund Muskie. O pedredor atribuiu a vitória de Ted "à extrema popularidade da família Kennedy junto ao Senador norte-americano".

General culpa a elite política por corrupção

Ao presidir a cerimônia de transmissão de Comando da II Região Militar, o General Manoel Rodrigues de Carvalho Lisboa, Comandante do II Exército, disse que "todos devem imitar o General Oscar Lopes da Silva, que deixa o Exército tão pobre quanto entrou, fato que lhe dá autoridade bastante para combater a subversão e os péssimos políticos que enriquecem ilícitamente explorando o povo brasileiro". Acusou, a seguir, os "péssimos dirigentes, a elite política do País, a quem cabe precipua responsabilidade pela corrupção que assola o Brasil".

Destacou adiante que "combater a subversão ideológica e a corrupção é, atualmente, o papel mais importante a ser desempenhado pelas autoridades" acrescentando depois que "o Exército sairá a todo momento no encalço dos maus políticos, pois só assim o povo poderá sofrer menos".

Finalizando o seu pronunciamento, disse o General Manoel Rodrigues de Carvalho Lisboa: "De uma coisa os inimigos da Revolução podem ter certeza: estamos mais vigilantes do que nunca e não ligamos a ameaças". O General Oscar Lopes da Silva, naquela oportunidade, deixava o Comando da 2. Região Militar que passou a ser exercida pelo General Fernando Bethlem.

O Presidente Costa e Silva assinou um novo Ato Complementar, cujo objetivo é estender o confisco de bens a todas as pessoas, naturais ou jurídicas, que nas suas relações com o poder público — seja através de administração indireta ou direta — tenham enriquecido ilícitamente com dinheiros públicos. O novo Ato Complementar deverá ser publicado pelo "Diário Oficial" da União nas próximas horas. Ao mesmo tempo, o Chefe da Nação assinou decreto-lei regulamentando a aquisição de terras no Brasil por estrangeiros.

Nomeações proibidas

Já está em vigor o decreto presidencial que proíbe o ingresso de pessoal a qualquer título, no serviço público federal, incluindo as autarquias. Os órgãos públicos devem ainda adotar medidas para que no corrente ano haja, progressivamente, redução de pelo menos 10% nas despesas com pessoal em relação a novembro último. O ato restringe também os gastos com viagens ao exterior e proíbe a aquisição, pelas repartições públicas, no primeiro semestre deste ano, de qualquer veículo de passeio, visando a contenção de despesas.

Bens supérfluos

O gabinete do Ministro da Fazenda divulgou decreto presidencial que estabelece uma série de acréscimos nas alíquotas do Imposto de Importação, para dificultar a entrada no País de produtos considerados supérfluos. As alíquotas foram acrescidas de 100% "ad valorem". Para neutralizar eventuais aumentos de preços dos similares nacionais, decorrentes do Imposto de Exportação, dos produtos supérfluos estrangeiros, o decreto observou normas especiais. Segundo informou o Ministro Delfim Neto, estas medidas têm caráter temporário.

Taxa rodoviária

Todos os veículos motorizados em circulação no País — automóveis, caminhões, ônibus — terão de pagar uma taxa rodoviária federal, por ocasião do licenciamento, ou mesmo antes, segundo decreto-lei baixado pelo Presidente da República. A taxa criada, na base de meio por cento sobre o valor do veículo, será uma espécie de "pedágio anual", e o que for arrecadado será aplicado no custeio de obras de construção e restauração de estradas federais. O valor mínimo da taxa é de NCR\$ 50,00 e o máximo é de NCR\$ 500,00.

CGI se reúne terça

O Ministro da Justiça, Sr. Gama e Silva, instalou a Comissão Geral de Investigações, prometendo que ela não se prestará a perseguições ou vinganças, "porque trabalhará com isenção visando apenas aos que realmente se locupletaram ilícitamente em detrimento da função pública". Instalada a CGI, os integrantes da Comissão iniciaram a elaboração do regimento que ditará suas normas de trabalho e estabelecerá a tramitação dos processos. A próxima reunião da CGI será terça-feira no Gabinete do Ministro Gama e Silva.

Presidente não falará de política

O presidente da República não manifestou o propósito de retomar contactos políticos. As agências presidenciais apresentam a invariável omissão de políticos. É clara a intenção do marechal Costa e Silva de empreender as reformas e adotar as medidas autorizadas pelo Ato Institucional n.º 5 em nível que não admite a interferência de políticos.

As decisões do governo são tomadas com a assessoria exclusiva dos órgãos próprios, incluindo o Conselho de Segurança Nacional, o Ministério, os chefes militares, as Casas Civil e Militar.

Mas, já agora, o presidente se inclina por recolher conselhos e opiniões em áreas mais amplas, embora não de políticos militantes ou de parlamentares. As audiências marcadas para os próximos dias incluem nomes que fogem à rotina, indicando que o marechal Costa e Silva deseja aproveitar o período tranquilo de Petrópolis para ampliar os contactos.

Cerca de mil nomes, que integraram a lista inicial das pessoas a serem investigadas quanto à licitude da formação de seus patrimônios, estão proibidas de efetuar qualquer operação de venda ou compra de imóveis.

Alíquotas de ICM têm uma nova fixação

O Presidente Costa e Silva assinou decreto fixando alíquotas máximas para o Imposto de Circulação de Mercadorias nos Estados. As novas alíquotas do ICM serão: a) — Nas operações internas, as mesmas vigentes em cada Estado em 31 de dezembro de 1968; b) — Nas operações interestaduais e nas operações de exportações, de 15%.

O Poder Executivo, no entanto, fica autorizado a reduzir até 50% o ICM para as exportações, "no interesse da política do comércio exterior", segundo dispõe o artigo segundo do decreto presidencial, que admite essa redução somente para casos especiais.

Passarinho esclarece o reajuste

O Ministro Jarbas Passarinho afirmou que era necessário fazer uma diferenciação entre aumento e reajustamento de salários, dizendo que a esse respeito "muita coisa errada está sendo noticiada". Esclareceu o titular da pasta do Trabalho que o reajustamento preconizado "vai representar uma adaptação do salário ao aumento do custo de vida, o que, comparativamente, não significa aumento nenhum".

Disse o Sr. Jarbas Passarinho que não há nenhuma medida em concreto em perspectiva e que "a grande reivindicação do trabalhador está sendo agora o afrouxo salarial, recebendo um salário mais justo à sua condição humana".

Malthus! Malthus! Malthus!

S.S. PÓRTO

Sempre que surge polémicas nos estudos da demografia, aparece a imagem ou melhor o espectro das teorias malthusianistas.

Quando aquele economista inglês defendeu a restrição da reprodução da espécie humana por motivos de ordem econômica, seus opositores negaram seus princípios, visto que, os meios econômicos crescem na mesma proporção do crescimento demográfico. Os seus adversários foram vitoriosos. Malthus estava ultrapassado e com ele suas imagens da progressão aritmética aos alimentos e geométrica à população.

Todavia, o desenvolvimento técnico da humanidade após o 2o. ciclo da revolução industrial trouxe novos horizontes a todos os ramos do conhecimento humano. A tecnologia deu novas perspectivas à humanidade, criando gigantes centros industriais. O homem com suas máquinas começou a produzir em massa. Era o desenvolvimento econômico que se fazia sentir. Isso começou em 1870 e hoje luta em maior despesa para a aquisição de maior abundância de bens de consumo e de capital.

Mas para elamente aqueles fatos, outros mais assombrosos começaram a surgir concomitantemente ao desenvolvimento tecnológico. Nas primeiras décadas eram resultados das melhorias de saúde nos grandes centros; posteriormente, alastraram-se à todas as áreas dos países, com alto índice de desenvolvimento. Eram os melhores condições de vida, saúde e bem-estar. As ciências médicas em luta com a mortalidade conseguiram elevar a longevidade da vida humana nos citados países. A mortalidade infantil baixava em mais de 60 por cento. A humanidade começou a crescer em ritmo acelerado.

Mas novas teses foram surgindo. Demógrafos apoiados nos mesmos, concluíram que, quando

um país chega ao ápice do desenvolvimento geral, estaciona o crescimento demográfico.

Estavam certos os demógrafos. Mas a realidade do desenvolvimento econômico do mundo não foi aquilo que os técnicos esperavam; viram com assombro que só mente 25 nações em todo o globo se acham na faixa dos países desenvolvidos. E os estudiosos receberam com impacto a realidade do aspecto da explosão demográfica no mundo subdesenvolvido. Os mesmos demógrafos, agora aliados a economistas, matemáticos e sociólogos começaram a fazer fabulosos cálculos matemáticos. Causa principal: os países subdesenvolvidos tinham evoluído no campo da prevenção da mortalidade. Os meios de contenção às doenças principalmente infantil, haviam evoluído. As taxas de mortalidade na primeira infância cairam a 60 por cento. Mas o desenvolvimento econômico não acompanhava tal taxa de crescimento demográfico.

Fizeram os primeiros cálculos: qual a população do mundo em 1950? Resultado: 2.500 milhões de indivíduos; 1967 — 3.500 milhões; 1980 — 4.330 milhões.

No ano 2000 quanto seremos? Surgiu uma resposta ameaçadora — 9 bilhões. E os dados estratopáticos começaram a surgir de máquinas de calcular com resultados assustadores.

Quanto seremos no ano 2066? — Resultado: 24 bilhões de indivíduos, se continuarmos na mesma taxa de crescimento.

Assim que as respostas surgiram foram encaminhadas imediatamente aos governos. A O.N.U. tomou logo medidas para que o espectro de Malthus não se fizesse sentir outra vez sobre a humanidade. Mas não foi possível. Os problemas eram e são maiores do que os técnicos julgavam. Somente a China de Mao, nos dá um milhão de novos chineses mensalmente, o que corresponde a popu-

lação de Belo Horizonte.

Mas não só a China. Fez-se estudos em tôdas as áreas subdesenvolvidas do globo. Na América Latina os dados foram mais alarmantes: crescimento demográfico na ordem de 2,5 a 3,5 por cento anualmente; representando um ingresso de 750 mil novos seres humanos mensalmente na agitada e pobre América.

Esses são os dados. A realidade é o medo. As soluções são de ordem icomensuráveis. Os efeitos — bem esses ninguém pode saber. Hoje vê-se a miséria nas mãos de muitos e a riqueza no povo. Mas se não achamos soluções viáveis, esta miséria poderá passar a todos. Então estará o catastrófico ou fim apocalíptico. Para que isso não aconteça terá que surgir uma solução e não poderá ser a longo prazo. A mais viável, será a conjugação dos países ricos que têm 80 por cento do dinheiro e da técnica do mundo — correrem em ajuda aos necessitados. Esta ajuda não quer dizer em dinheiro e sim dotar tais países subdesenvolvidos de técnica e cultura, gerando assim maior desenvolvimento econômico; com ele virá a retração demográfica.

Mas isso terá que ser rápido porque o mundo duplica de população em cada 28 anos aproximadamente. E não acredito que os fatores produtivos dos países subdesenvolvidos possam ser agrupados pelos seus próprios esforços, em busca de uma solução que se faz urgente. O problema está na carência de meios que formam a infra-estrutura de um país subdesenvolvido.

Até quando cominharemos nesses passos incertos? — Até quando os países ricos compreenderem que a paz da humanidade, de do bem-estar da humanidade. Só a cooperação internacional poderá espantar da face da terra as sombras negras que pairam sobre nossas cabeças esperando apenas que se concretize as macabras teorias de Malthus.

Concerto da Orquestra Juvenil da Sociedade Ginástica e Desportiva São Bento do Sul

Doralício Soares

Foi à 23 de novembro do ano passado, por ocasião da Comemoração da Semana Catarinense, promovida pelo Governo do Estado, que tivemos a oportunidade de assistir no Teatro Alvaro de Carvalho, o 72o. Concerto da Orquestra Juvenil da Sociedade Ginástica e Desportiva São Bento.

Foi um desses acontecimentos de rara felicidade, proporcionado por um grupo de jovens, adolescentes alguns, e crianças outros, integrado por um dos seus professores, sob a regência do Maestro Ludwig Seyer.

E confortador no momento, em que a maioria da nossa comunidade, tendia para a chamada música nova, deparamos com um grupo integrado por quase trinta jovens, obedecendo disciplinados rítmica e harmoniosamente a batuta do maestro na apresentação da partitura de grandes compositores.

Foi com surpresa e expectativa que vimos sair dos violinos, violões, violas, pistões, escaletas, con-

tra baixo, clarinete, córneo, flauta, armôneo e piano, as composições de J. Haydn, Divertimento em Ré Maior, de C. Ricciotti, Concertino em Ré Maior; de J. Haydn, Concerto para piano e Orquestra em Sol Maior, tendo como solista Leon Malewshik; de A. Vivaldi, Concerto para flauta e orquestra em Ré Maior, "O CARDEAL", tendo como solista Norton Morozowicz, cuja interpretação foi grandiosa, merecedor dos demorados aplausos que uma platéia agradecida, sabe retribuir.

A segunda parte, tivemos abertura da Opera "NORMA" de V. Bellini; AVE MARIA de O. Gomes Valsa SANGUE VIENENSE de J. Monti Czardas, tendo como solista, Christina Bollmann Weiss, cuja interpretação atestou o alto grau de técnica, sentimento e personalidade, transmitidas as cordas do seu violino, Marcha da Coroação de G. Meyerber, e Hino de Santa Catarina de J. B. de Souza.

Essa orquestra juvenil da Sociedade de Ginástica e Desportiva de

São Bento, deveria receber o apoio oficial do nosso governo e em excursão percorrer as principais cidades brasileiras, levando a mensagem da cultura musical de Santa Catarina, a fim de que exemplo como esse florescesse em outras regiões do nosso país. Embora já tenha se apresentado em Curitiba, na TV Excelsior de S. Paulo, P. Alegre e outras cidades do R. G. do Sul, com quase total desconhecimento de nosso governo e do povo catarinense, merecem essas organizações apoio integral do poder público, a fim de que cultuando a boa música, possamos continuar legando as gerações que surgem o que nos legaram os nossos antepassados.

A orquestra juvenil da Sociedade Ginástica e Desportiva de São Bento, proporcionou aos florianopolitanos, que em a noite de 23 de novembro p.p. tiveram a oportunidade de assisti-la, um magnífico e soberbo espetáculo, sob a regência do maestro Ludwig Seyer.

logistas que observaram isto em primeiro lugar ao operarem catarata com enxerto de córnea.

Os enxertos retirados de um cadáver recente e chamados "frescos" davam piores resultados do que os enxertos cuja córnea era guardada em geladeiras.

Qual a razão? Por que um enxerto conservado em baixa temperatura era melhor?

Estudo após estudo veio mostrar que os tecidos submetidos ao frio elaboravam substâncias chamadas biostimulinas e cujas aplicações terapêuticas são enormes inclusive a substituição de células velhas por células jovens. Na própria operação de catarata observava-se que a parte que limitava o enxerto guardado sob refrigeração tornava-se menos opaca e mais clara de um a dois milímetros.

O método descoberto pelos oftalmologistas passou para as mãos de outros especialistas, sobretudo os que se dedicam às questões de estética e que estão

conseguindo resultados maravilhosos em muitos casos como, principalmente, o envelhecimento prematuro da epiderme.

Para solucionar esta questão não são usadas as biostimulinas elaboradas por fragmentos da córnea, mas sim são empregados outros tecidos, onde elas são fabricadas em muito maior número.

Na prática as biostimulinas são apresentadas em várias modalidades, sendo que uma das mais preferidas é a que vem sob a forma liofilizada, o que garante uma atividade permanente.

No momento atual todos os especialistas em estética são unânimes em reconhecer que as biostimulinas constituem o melhor arma para combater um rosto envelhecido precocemente.

Nota: Os nossos leitores poderão solicitar qualquer conselho sobre o tratamento da pele e cabelos ao médico especialista Dr. Pires, à Rua México, 31 — Rio de Janeiro, bastando enviar o presente artigo deste jornal e o endereço completo. Arquivo: Biblioteca Pública SC — Hemeroteca Digital Catarinense

REX MARCAS E PATENTES

PEIXOTO GUIMARÃES & CIA

Advogados e Agentes Oficiais da Propriedade Industrial
Registro de marcas de comércio e indústria, nomes comerciais, títulos de estabelecimentos, insígnias, frases de propagandas, patentes de invenções, marcas de exportação etc.

— Filial em FLORIANÓPOLIS —

Rua Tte. SILVEIRA nº 29 — Sala 8 — Fone 3912
End. Teleg. "PATENREX" — Caixa Postal 97
Matriz: — RIO DE JANEIRO — FILIAIS: — SÃO PAULO — CURITIBA — FLOPOLIS — P. ALEGRE

NORBERTO CZERNAY

CIRURGIÃO DENTISTA

IMPLANTE E TRANSPLANTE DE DENTES
Dentistério Operatório pelo sistema de alta rotação (tratamento Indolior).

PROTESE FIXA E MOVEL

EXCLUSIVAMENTE COM HORA MARCADA

Das 15 às 19 horas

Rua Jerônimo Coelho, 325.

Edifício Julieta, conjunto de salas 203

GUINDASTES SAMPSON

Maior desempenho e versatilidade

- móveis
- estacionários
- telescópicos
- ascensionais
- e em vários tamanhos
- Financiamento Financeiro em 36 meses

M/S LINCK
Dept. de Construção Civil
Rua 7, de Setembro, n.º 11 - fone 34-30
End. Tel. "LINCOSUL" - Florianópolis - SC

DR. WALDEMAR BARBOSA

Médico de Crianças

Consultório: rua Tiradentes, 7 — 1o. andar. —
fone 2934 — Atende diariamente das 17 às 19 horas.

DESENHISTA

H. SCHAEFER-ENGENHARIA necessita de desenhista com experiência em desenhos de instalações elétricas. Candidatos devem apresentar-se à rua Jerônimo Coelho, 359 — 1o andar — Conjunto, 14 — Florianópolis.

DATILOGRAFO

H. SCHAEFER-ENGENHARIA necessita de datilógrafo com experiência. Candidatos devem apresentar-se à Rua Jerônimo Coelho, 359 — 1o andar — Conjunto 14 — Florianópolis.

ÓTIMA OPORTUNIDADE

Importante Companhia distribuidora de Petróleo, de âmbito nacional, precisa de empregado de escritório do sexo masculino, maior de 25 anos, brasileiro, que possua (esteja cursando) curso superior, prática em contabilidade, créditos e cobranças e pessoal. Os candidatos deverão se apresentar, até 10.01.69, à Rua Jerônimo Coelho n.º 18 1o andar, de segunda a sexta-feira, no seguinte horários: 7:30 à 11:30 horas e 13:30 às 17:30 horas.

TELEFONE — COMPRA-SE

Compra-se um telefone. Os interessados deverão se dirigir pessoalmente ou através do telefone 2085 à FUNDAÇÃO SERVIÇO ESPECIAL DE SAÚDE PÚBLICA — Rua Santana, 274 — Florianópolis, com o sr. Oci Silva

em matéria de pintura quem dá as tintas é

RENNER



RENNER HERRMANN S. A.
PORTO ALEGRE - RS.
TINTAS RENNER S. A.
SALVADOR - BA

MEYER

DR. ANTONIO SANTAELLA

Professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina Problematiza — Psíquica — Neuroses

DOENÇAS MENTAIS

Consultório: Edifício Associação Catarinense de Medicina — Sala 13 — fone 2238 — Rua Jerônimo Coelho, 353 — Florianópolis.

VENDE-SE

Vende-se uma casa sítio a rua Professora Maria Julia Franco 19 fundos. Tratar no mesmo endereço. Preço de Ocasão.

EMPREGO

Precisa-se de homem para operador de máquina de contabilidade.

Tratar à Rua Tenente Silveira, 25 — 1o andar — expediente comercial.

Conselho Regional de Contabilidade em Santa Catarina

Edital de Convocação de Eleição

Pelo Presente Edital, cumprido o disposto na Resolução CFC. N.º 205/67 e Resolução 237/68, convocamos todos os Contabilistas registrados neste Conselho para a eleição de renovação do terço, que se realizará no dia 15 do mês de janeiro do ano de 1969, das 10 às 20 horas, perante a Mesa Eleitoral instalada na sede do Regional.

As vagas a preencher são 7 (3 efetivos e 4 suplentes), sendo 4 de Contador e 3 de Técnico em Contabilidade).

O voto é obrigatório e no ato de votar o contabilista deverá apresentar a carteira profissional e a prova de quitação da anuidade no exercício.

O Contabilista que deixar de votar a duas eleições consecutivas, ficará sujeito a penalidade prevista no parágrafo 3.º, do artigo 2.º, citada resolução 205/67. Será admitido o voto por correspondência em todos os Municípios do Estado, exceto o de Florianópolis, onde funciona a Mesa Eleitoral, observadas as seguintes normas: o eleitor datilografará os nomes de até 4 candidatos às vagas de Contador e de até 3 às vagas de Técnicos, em papel branco, sem qualquer marca, o qual colocará em sobrecarta comum. Esta sobrecarta, depois de fechada será colocada dentro de outra maior, em cujo verso o votante lançará sua assinatura por extenso, o número do seu registro e seu endereço. Finalmente, a sobrecarta maior será remetida ao CRC, sob registro postal. Só serão computados os votos que chegarem até às 12 horas do dia 14 do mês de janeiro de exercício de 1969.

Escareço outrossim, que são os seguintes os candidatos inscritos.

A) CONTADORES:

- 1 — Bernardo Berka
- 2 — Donatílio Silva
- 3 — Luiz Eugênio Beirão
- 4 — Rodolfo Silveira

B) TÉCNICOS EM CONTABILIDADE

- 1 — Ary Gonçalves Rodrigues
- 2 — Claudio Lebarbechon
- 3 — Claudio Alexandre Fullgraf
- 4 — Martinho Aurélio Bonetti

Florianópolis, 23 de dezembro de 1968

ANTÔNIO BRESOLIN

Presidente

Fidel diz que os 11 anos da revolução o povo os celebrará cortando cana

Os oito anos de Dean Rusk como Secretário de Estado

Por Barry Brown

WASHINGTON — Ao aproximar-se o final de seu oitavo ano no cargo de Secretário de Estado, Dean Rusk tende a ver os assuntos, com os quais esteve profundamente vinculado, de forma mais ampla do que às vezes era possível, onde a pressão da necessidade de tomar decisões diárias.

Por exemplo, em recente discurso, observou que os Estados Unidos e outros países do Ocidente estão "no umbral de um debate a respeito da forma como deve ser organizado uma paz duradoura". Acrescentou que "se a idéia de segurança coletiva não é uma resposta satisfatória, não vacilamos em conseguir outra melhor". Disse o Secretário Rusk, claramente, que está totalmente convicto de que o "idéio da segurança coletiva" é fundamentalmente boa.

Se alguma coisa se sobressaiu durante seus oito anos no cargo, foi a necessidade de "organizar a paz". Nesse objetivo, defendeu incessantemente o "integro da de do palavra empenhada pelos Estados Unidos". Disse que "se os 40 ou mais aliados dos Estados Unidos — com os quais estamos mutuamente comprometidos a fazer frente à agressão — chegassem à conclusão de que uma promessa dos Estados Unidos nada vale, a estrutura da paz se desmoronaria e talvez estivéssemos caminhando rumo a uma terrível catástrofe".

A tenacidade com que o Sr. Dean Rusk defendeu esse ponto de vista, especialmente para apoiar a política do Governo do Presidente Johnson quanto ao Vietnã, foi o alvo favorito de seus críticos. Não obstante, ao preparar-se para deixar suas responsabilidades, e ao assumir uma atitude mais afastada e característica dos observadores, viu-se claramente que sua posição não era simplesmente de teimosia ou dogmatismo. Foi uma questão de necessidade para uma pessoa encarregada de tomar decisões difíceis, diárias.

Um dirigente em tal posição nem sempre pode dar mostras de uma atitude de critério, aberta até seus extremos opostos, de tal maneira que não conserve opiniões em que possa basear-se uma atitude. Mas se for realidade o "grande debate" que ele imagina, o Sr. Rusk, como cidadão privado, está perfeitamente disposto a aceitá-lo e participar dele. E não seria surpresa que o fizesse com uma liberdade de expressão e uma flexibilidade mental de que nem sempre um homem pode dar mostras quando ocupa um cargo oficial.

Pode ser, por exemplo que o Sr. Rusk seja capaz de dar forma a algumas opiniões a que aludia referentes ao "regionalismo" dentro do idéio da segurança coletiva assunto — diga-se de passagem, em que o Sr. Henry Kissinger, assessor da Casa Branca para assuntos de política externa, tem-se mos-

trado interessado.

Durante o tempo em que desempenhou o cargo, o Secretário de Estado teve frequentemente ocasião de dizer que o esforço dos Estados Unidos para organizar a paz "não significa que sejamos os policiais do mundo... que aspiramos a uma pax americana. No entanto, estas declarações parecem haver contido algumas vezes o reconhecimento implícito das dúvidas daqueles que crêem que os Estados Unidos vêm procurando fazer demorado, por si mesmos, em nome da idéia abstrata e universal de segurança coletiva. Se o "regionalismo" pode ser o melhor caminho, poderá bem ocorrer que o Sr. Rusk tenha-se na vanguarda daqueles que preconizam essa solução.

Em qualquer caso, parece evidente ser necessário reformular uma opinião pública sobre esses assuntos. Como observou o Sr. Rusk, "a teoria e a prática da segurança coletiva constituem duas lições que aprendemos com a Segunda Guerra Mundial e com os acontecimentos que levaram a ela".

Existe o perigo de um "novo isolamento", na opinião do Sr. Rusk, e essa é a alternativa que certamente continuará combatendo, no debate esperado. Como disse em certa ocasião, "devemos encontrar as melhores soluções, e não as piores, porque desta vez se trata nada menos do que a sobrevivência da raça humana".

O Primeiro-Ministro cubano, Fidel Castro, disse que em 1970 "possivelmente não haverá reunião para celebrar o 11.º aniversário da Revolução, porque toda a população estará cortando cana" e que o Ano Novo e o Natal serão celebrados "de 10.º a 16 de julho, quando houver terminado a safra dos 10 milhões".

Castro pediu "mais sacrifício" à população e anunciou que haverá racionamento no consumo de açúcar — seis libras por capita por mês em Havana. Explicou que esses sacrifícios propiciarão uma poupança de 200 mil toneladas de açúcar para exportação, equivalente a 10 milhões de dólares em divisos.

PRINCIPIANTES

O líder cubano falava durante as comemorações do 11.º aniversário da Revolução, este ano sem desfiles ou festejos populares. Declarou que eram apenas "princípios da Revolução" e que agora "entramos no curso secundário básico e começamos outros dez anos". Insistiu em que seu Governo se preocupa com "grandes poupanças", daí por que "decidimos não gastar nem um galão de gasolina e não perder um minuto de trabalho".

Voltou a investir contra o Presidente eleito dos Estados Unidos, Richard Nixon, a quem chamou o "novo inquilino da Casa Branca". Disse que Nixon "tor-

na-se famoso por sua linguagem ameaçadora, todavia suas palavras não nos intimidam nem nos impressionam" e acrescentou que o bloqueio a Cuba será "transformado em farrapos".

PRODUÇÃO

Castro disse ainda que, nos próximos 12 anos, a produção agrícola de Cuba aumentará a um ritmo de 15 por cento, atingindo o dobro de 1959, primeiro ano da Revolução. A superfície cultivada, atualmente de 3.900.000 hectares, passará a 6.500.000, dentro de dez anos.

Afirmou que seu Governo deu bolsas-de-estudo a 300 mil estudantes e que, conforme e táticas da FAO, Cuba está à frente dos demais países latino-americanos no campo da saúde pública. E salientou que todo esse "progresso" devia em parte a "grande ajuda" da União Soviética e outros países comunistas.

A MEAÇA

Fidel atacou o Governo da Venezuela e qualificou o apresamento do navio cubano Alechin pela Marinha de Guerra venezuelana de "ato de agressão muito irritante". Acrescentou: "Poderíamos ter tomado alguma represália, mas não o fizemos, porque não queremos derrubar algum avião que sobre voo nossos corredores aéreos, ou ter capturado algum navio venezuelano".

Depois de explicar que não

tomou nenhuma dessas medidas "para não prejudicar os operários que tripulam esses navios", adjuntou: "Ao ver-se derrotados, que fizeram? Provocaram o incidente internacional, que deu como resultado o apresamento do Alechin".

REGRESSÃO

Em Paris o Jornal Le Monde afirmou que "a imagem de uma economia cubana sustentada pelos soviéticos não corresponde à realidade" e cita como "importantes intercâmbios comerciais" de Cuba o Itália, França, Suécia, Espanha, Grã-Bretanha e Suíça, concluindo que "as grandes inversões na produção de aço, cromo e níquel não poderão ser feitas antes de 1970" o que representa "um regresso à mono-produção já denunciada por José Martí e Che Guevara".

BOMBAS HIDRÁULICAS
o máximo de eficiência
DANCOR
DANCOR S.A. Indústria Mecânica
Cz. Postal 5090 - End. tel. DANCOR-RIO
Representante em Blumenau:
Ladislau Kuskoswki
Rua 15 de Novembro n.º 592
1.º andar - Caixa Postal, 407 - S. C.

Agricultura - a prospectiva catarinense

Gláuco Olinger

I — REFORMA AGRÁRIA 12 — A CAPACITAÇÃO DOS AGRICULTORES

Os agricultores devem ser preparados para a realização da Reforma Agrária. Este preparo, ou ação educacional deve ter em mira capacitar o agricultor para que ele tome consciência dos seus próprios problemas e se decida a resolvê-los, em função de suas convicções, de seus desejos, de suas necessidades, dos seus costumes, de suas possibilidades.

O papel do agente educador é duplo: Em primeiro lugar, o agricultor é despertado e animado para o problema da Reforma. Esta é a fase da motivação, ou seja, da propaganda da idéia.

E, também, sob o ponto de vista político, uma fase importantíssima pois é nela que os objetivos, o conteúdo da Reforma, podem ser deturpados tanto pelos reformistas líricos quanto pelos agitadores profissionais.

Estas duas categorias de agentes tem grande parcela de responsabilidade no emperramento da Reforma Agrária, na maioria dos países sub-desenvolvidos.

Os agitadores não a desejam pois a movimentação do problema da Reforma é meio para alcançar outros fins.

Os reformistas líricos, escrevem e propalam uma Reforma perfeccionista e impraticável, que traz, por consequência, o fracasso, tão logo tentam pôr em execução suas idéias oníricas.

A motivação para a Reforma deve ser baseada em princípios realísticos, com o "pé na terra", sem vãs promessas, para que os agricultores e a nação inteira não venham a se sentir frustrados na fase executiva.

X X X

Em segundo lugar, o agente educador, além de ser uma pessoa portadora de sólidos conhecimentos sobre a comunicação humana, deve ser um técnico que esteja a

par do programa da Reforma, seus objetivos a serem alcançados, sua metodologia e, sobretudo, acerca da realidade sócio-econômica que envolve a vida rural, no meio em que a Reforma vai ser realizada.

Estas condições, requerem dos agentes educadores, não só conhecimentos relacionados às ciências sociais mas, principalmente, às ciências tecnológicas, concernentes aos métodos de trabalho, produção e comercialização das safras agrícolas.

A afirmação de alguns teóricos de que a Reforma Agrária consiste na distribuição maciça da terra é falha.

Já vimos que a posse da terra é prioridade número um para que haja Reforma, mas isto não quer dizer que a Reforma Agrária consista na pura e simples distribuição da terra.

A capacitação dos agricultores para que se beneficiem realmente da terra recebida é condição essencial para que a Reforma seja bem sucedida.

Universidades decidem sobre número de vagas

Cont. da 8ª pág.

§ 1.º — A comissão de que trata o artigo será integrada de representantes do Conselho Federal de Educação, da Diretoria do Ensino Superior, da Secretaria-Geral e da Inspeção-Geral de Finanças do MEC, e dos Ministérios do Planejamento e Coordenação Geral e da Fazenda.

Parágrafo 2.º — As dotações destinadas, no orçamento geral da União para 1969, a instituições de ensino superior não pertencentes ao sistema federal somente poderão ser pagas como auxílios especificamente condicionados aos preceitos deste decreto-lei.

Parágrafo 3.º — A ampliação de matrículas, inclusive em extensão de cursos, será autorizada pelas próprias universidades comunicando sua resolução ao Ministério da Educação e Cultura, para os efeitos previstos no Decreto n.º 63.342, de 1.º de outubro de 1968.

Parágrafo 4.º — A entrega de qualquer auxílio decorrente da ampliação do número de vagas em estabelecimentos isolados ficará condicionada à aprovação do au-

mento de matrículas pelo Conselho Federal de Educação.

Parágrafo 5.º — A comissão promoverá levantamento geral para verificar se, nos diversos cursos, as vagas oferecidas podem ser aumentadas com os recursos de que dispõe o estabelecimento, sem prejuízo da qualidade do ensino.

Parágrafo 6.º — Verificada a possibilidade de elevação do número de vagas, a comissão proporá, por intermédio do Ministério da Educação e Cultura, que a respectiva unidade as preencha com candidatos habilitados nos concursos vestibulares realizados no próprio ou em outros estabelecimentos do mesmo curso ou área de conhecimento.

Parágrafo 7.º — A comissão proporá as medidas financeiras destinadas ao atendimento dos encargos com aumento de matrículas de ensino superior.

Art. 5.º — Os Ministérios do Planejamento e Coordenação Geral, da Fazenda e da Educação e Cultura, através de seus órgãos específicos, tomarão todas as providências para que o pagamento das

parcelas constantes de convênios assinados, para possibilitar o aumento do número de vagas, se processe rigorosamente nos prazos fixados.

Art. 6.º — As despesas decorrentes da expansão de matrículas verificadas em virtude do disposto no presente decreto-lei serão objeto de previsão orçamentária no exercício de 1970 e subsequentes, inclusive em favor das instituições privadas.

Parágrafo único — Será suspenso o auxílio concedido se, em qualquer época, ficar comprovada a não organização da turma para cuja manutenção tenha sido aquele concedido.

Art. 7.º — Os recursos de que trata o Parágrafo 2.º do Artigo 4.º, não autorizados até a instalação do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, serão a este recolhidos, para os fins previstos no presente decreto-lei.

Art. 8.º — Revogadas as disposições em contrário, este decreto-lei entrará em vigor à data de sua publicação.

no hoepcke tem

máquinas e ferragens

Dínamos e motores, jogos completos de ferramentas para mecânica, máquinas operatrizes, bombas para água, material Eternit, telefones Siemens, em cores modernas e mais, muito mais

Hoepcke 100 anos de bem servir

Quando terminei a leitura da "História de Santa Catarina" do nobre professor Oswaldo R. Cabral — refiro-me à mais recente de suas obras do gênero — tinha experimentado mais fundo a verdade daquele conceito de Eça, nas "Prosas Bárbaras": "As ciências históricas são a base fecunda das ciências sociais". Encontro nisso a explicação para certas particularidades que tornam o livro do historiógrafo catarinense algo de novo, não apenas quanto ao conteúdo, senão quanto à forma, à fluência da narrativa, que foge à convencional maneira de fazer história pelo critério da minúcia cronológica e do estilo frio, tantas vezes responsáveis pelo desinteresse dos não especializados. Creio poder atribuir precisamente à ausência desse convencionalismo, com o exagerado rigorismo na citação de datas em prejuízo da dinâmica dos fatos, a extraordinária acolhida que esse magnífico livro de Oswaldo R. Cabral teve da parte, não apenas do que se afeiçoar aos estudos históricos, mas principalmente do grande público, para o qual não serão desinteressantes os acontecimentos relacionados com a evolução catarinense.

Obra de erudição, resultado de pesquisas laboriosas, a "História de Santa Catarina", tal como a expõe o ilustre Professor, sem descer à negligência para com as responsabilidades e honestidade do historiador, consegue prender a atenção dos menos propensos a tal gênero de leitura. E constitui, então, excelente base para fecundas ilações de caráter sociológico, em que inicia o leitor, conduzindo-o a relações de fecundos efeitos com as ciências sociais, no âmbito da formação histórica da antiga Província. É um livro que se lê com invulgar curiosidade — disse-me há pouco um amigo, que, confessadamente, não gosta de leitura de erudição.

Pois, direi agora a que vem tudo isso, em relação com o preciso volume que Oswaldo Cabral acrescenta à sua já vasta bibliografia. É que, havendo cedido os direitos autorais do seu trabalho à Secretaria de Educação e Cultura, esta tomou a iniciativa de editá-lo, sob imperativo de suprir com urgência o ensino de História catarinense de um tratado bem atualizado, manuseável pelos que tenham necessidade de consultá-lo. Publicado o livro, verificou-se que a impressionante receptividade obtida no grande público excluía o pressuposto de que apenas o procurassem os estudiosos desse gênero de erudição. E a verdade é que está contribuindo para vulgarizar meritórias nas camadas populares os assuntos históricos acerca do evoluer político, social, econômico e cultural de Santa Catarina. A primeira edição, sem dúvida não contando com essa apoteótica procura, se esgotou desde logo.

Há, portanto, necessidade de nova edição. Diz-se que esse é também o pensamento do ilustre titular da Educação e Cultura, a quem têm chegado solicitações constantes. E como a propriedade daquela Secretaria de Estado, não é ao autor que se dirigem os apelos para a reedição, e sim ao professor Galileu Craveiro de Amorim, aliás o promotor da sua aquisição e divulgação, que tiveram correspondência no manifesto interesse generalizado em torno desse louvável empreendimento oficial.

Venha, pois, a segunda edição da "História de Santa Catarina" — e em quantidade maior, a fim de satisfazer a demanda. (Cont. na 5.ª pag.)

Educação

A conclusão do projeto do novo Plano Estadual de Educação, recentemente entregue ao Governador Ivo Silveira, marca um passo a mais que Santa Catarina dá, no aperfeiçoamento do ensino público estadual. Na verdade, a preocupação com que nossos governantes, nos últimos anos, vêm se dedicando à causa da educação, tem feito com que a grande maioria das dificuldades e dos defeitos do nosso ensino primário e médio fosse superada. Hoje, a despeito de ainda existir as inevitáveis imperfeições, não resta dúvida de que estas, dentro de mais algum tempo, a prosseguir o esforço atual, haverão de ser definitivamente solucionadas.

O alto nível técnico da Comissão Superior de Estudos encarregada da elaboração do Plano Estadual de Educação bastaria, por si só, para garantir o acerto das novas medidas preconizadas. Mas há ainda que se acrescentar a lucidez e o espírito realista com que os problemas educacionais foram tratados pelo Plano, ao que se alia o salutar empenho do Governo em fornecer os recursos adequados para a perfeita consecução das metas a serem atingidas. A dotação orçamentária para o presente exercício prevê substanciais verbas destinadas ao Ensino, o que vem corroborar as dotações inseridas no orçamento passado, quando atingiram cerca de 47 bilhões de cruzeiros velhos nesse setor, o que corresponde a aproximadamente 35,5% do orçamento de Santa Catarina.

Vale aqui ressaltar as palavras do Governador Ivo Silveira a esse respeito, quando o Chefe do Executivo assinou que "um Governo que assim investe no setor do Ensino demonstra perfeitamente o seu desejo de aprimorar a Educação do povo". Investimentos desta

ordem, aproveitados com sabedoria e critérios elevados, como acontece em nosso Estado, podem felizmente produzir os auspiciosos resultados que temos alcançado nos últimos anos no desenvolvimento da Educação em nosso Estado.

Mas o Plano Estadual de Educação não se restringe apenas às limitações e às necessidades regionais. Para a sua elaboração e a sua execução, são rigorosamente observados os interesses maiores da nacionalidade, ao sincronizar-se plenamente com as linhas estratégicas e os programas de educação e mão-de-obra do Governo Federal. Sob esse particular, soube Santa Catarina discernir patrioticamente em relação aos interesses comuns do ensino estadual e as diretrizes que nesta e em outras áreas orientam a conduta da União. Não se poderia, realmente, dar ao problema um tratamento isolado, restrito exclusivamente às peculiaridades estaduais. Era preciso — e assim foi feito — agir em consonância e harmonia com o programa nacional que vem sendo adotado na Educação, a fim de evitar distorções e equívocos que no futuro poderiam vir a ser lamentados.

O cumprimento do Plano Estadual de Educação, pelo que podemos observar pelas diretrizes e inovações que apresenta, há de contribuir de maneira decisiva para que atinjam, num futuro que não queremos ver muito distante, os elevados estágios pelos quais nossos últimos Governos vêm demonstrando o melhor do seu esforço, do seu sacrifício e da sua mais inteira dedicação. Desta forma, Santa Catarina poderá continuar orgulhosa dos resultados que tem sabido colher de uma política educacional objetiva, respeitável e realista.

Financiamento

Fermando o que os especialistas no assunto denominam de "instrumentalidade do desenvolvimento", os fundos de financiamento criados para vários fins, nos últimos anos, revelam pelo montante das operações contratadas o quanto estava desguarnecido o sistema econômico brasileiro, no setor que modernamente determina a escala de sua eficiência: o crédito. Poder-se-ia mesmo afirmar que a inexistência desses instrumentos de política econômica foi em grande parte responsável pelo superdimensionamento de um sem-número de empresas. Surgindo do pequeno estabelecimento manufatureiro e crescendo por processo de superposição não controlada de equipamentos e máquinas, funcionam no País empresas de porte médio, em apreciável contingente, que precisam passar pelo crivo dos departamentos de análise de projetos, para se ajustarem às condições ígneas da estabilidade monetária. O estilo de análise e avaliação de projetos, adotado pelo Programa de Financiamento à Pequena e Média Empresa, é justamente aquele que conduz os empresários, que recorrem ao seu apoio financeiro, à procura da eficiência e da produtividade. Assim é que, quando se tenta uma avaliação da atividade desenvolvida pelo FIPEME, deve-se acionar ao montante dos financiamentos concedidos, o fator eficiência ganho pelas empresas cujos projetos são por esse organismo aprovados.

A aprovação de projetos que implicam desembolsos, por parte das agências financeiras, no valor de 119 milhões de cruzeiros novos, dá a justa medida do papel que esse Fundo vem desempenhando no sistema econômico nacional. Na verdade, o FIPEME, criado e gerido pelo BNDE, protege um dos flancos antes des-

guarnecido do setor do crédito industrial especializado. Suas aplicações, somadas às parcelas que tocam aos mútuários e os agentes financeiros, representam investimentos que totalizam 238 milhões de cruzeiros novos em seus primeiros 26 meses de existência, a partir de abril de 1965. Distingue-se esse Fundo de outros em operação desde 1965 pelo fato de que seus agentes financeiros são bancos do setor público ou companhias estaduais de desenvolvimento econômico. De acordo com as fontes de recursos as aplicações do FIPEME, até junho do corrente ano, demonstram que o Banco Interamericano de Desenvolvimento — BID — assume posição de liderança, com aproximadamente US\$ 30 milhões. Embora já existam outras fontes externas com recursos à disposição do Fundo, até agora, além do BID, somente o Fundo Alemão de Desenvolvimento teve recursos efetivamente utilizados, no valor equivalente a US\$ 9,5 milhões. Os recursos próprios do BNDE equivalem, até junho de 1967, a US\$ 6,7 milhões, totalizando as aplicações US\$ 45.980.244.

A estimativa dos recursos em dólares não significa, entretanto, que as aplicações do FIPEME apenas sirvam para dar cobertura a importações de máquinas e equipamentos importados, sem similar nacional. Na realidade, do total acima, somente US\$ 16,1 milhões representam importações de componentes para os projetos encaminhados e aprovados pelo Fundo. Dêse modo, cerca de trinta milhões de dólares foram convertidos em moeda nacional para aplicação no País, o que revela esse outro aspecto positivo da atividade do organismo como incentivador da produção manufatureira interna.

DECRETO PROIBE IMPORTAÇÃO DE AVIÕES

Sob o argumento de que é preciso adotar medidas que consolidem a situação econômico-financeira das empresas brasileiras de transporte aéreo, o presidente Costa e Silva baixou decreto, determinando ao Ministério da Aeronáutica que suspenda o trâmite de todos os processos de importação de aeronaves comerciais.

A medida tem caráter transitório e o seu principal objetivo é o de fazer com que as companhias de transporte aéreo uniformizem suas frotas e só adquiram novas aeronaves de acordo com suas possibilidades financeiras.

Ao encaminhar esse decreto ao presidente da República, o ministro da Aeronáutica, brigadeiro Marcio de Souza e Melo, afirma que as novas companhias de transporte aéreo, movidas por um espírito de competição, estão adquirindo os mais modernos e diferentes modelos de avião, lançando-se muitas vezes a investimentos além da capacidade financeira, o que, além de gerar capacidade ociosa e custos elevados, acaba criando problemas financeiros para o próprio Governo, que é o avalista das transações.

MEDIDAS

O ato presidencial estabelece que os processos para importação de novas aeronaves comerciais só terão

prosseguimento depois que seja: A) Reexaminada e solucionada a política de concessão de aval do Tesouro Nacional, para aquisição de aeronaves civis para emprego no tráfego comercial; B) Solucionado em caráter definitivo o pagamento dos compromissos financeiros acumulados, pelas empresas de transportes aéreos regu-ares, junto aos órgãos governamentais, bem como ratificados, formalmente, por parte de cada empresa, os termos dessa solução; C) Integralmente satisfeito o compromisso de alienação de aeronaves, assumido pelas empresas quando de reequipamentos anteriores; D) Apresentado pela indústria de transportes aéreos o plano global de reequipamento solicitado durante a realização da III Conferência Nacional de Aviação Comercial; E) Atingida a proporcionalidade adequada, entre a oferta e a procura de assentos-quilômetros.

Essas exigências não se aplicam, segundo o ato presidencial, aos casos de reposição de aeronaves acidentadas e de aquisições, já autorizadas, de aeronaves ô-moteres, turbo-hélices, destinadas à substituição de equipamentos convencionais considerados anticenômicos. Excepcionalmente o Governo poderá dispensar de tais exigências a aquisição de aeronaves destinadas aos serviços intercontinentais.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O ESTADO

O MAIS ANTIGO DIÁRIO DE SANTA CATARINA

DIRETOR: José Matusalem Comelli — GERENTE: Domingos Fernandes de Aquino

OBSERVAÇÕES À MARGEM DA DECISÃO DO CONSELHO DE CONTRIBUINTES QUE CONSIDEROU ILEGAL A PORTARIA Nº 184/66 — (I)

Glauco José Corte

Eis a notícia: a 2ª Câmara do 1º Conselho de Contribuintes, acompanhando o voto do relator designado, conselheiro José Bittencourt Anjo Coutinho, acordou, por maioria de votos, fulminar de ilegalidade a Portaria nº 184, de 18 de junho de 1966, do então Ministro da Fazenda, Otávio Bulhões, que, interpretando a legislação vigente, isentava do Imposto de Renda a remessa de rendimentos para o exterior, em pagamento de serviços de assistência técnica, prestados no estrangeiro, a empresa localizada no Brasil. O caso teve sua origem, em consulta formulada em grau de recurso, pela Comissão Estadual de Energia Elétrica do Estado do Rio Grande do Sul, versando sobre a remessa para o exterior de moeda estrangeira, para pagamento de serviços de natureza técnico-científica, realizado no exterior, por firma que não possui no Brasil agência ou filial, sem qualquer vinculação no País (bc/fiscal, nº 277, de 27.11.68, fls. 2, comentário de Nelson Beaumont Matos).

Não é sem um certo sentimento de perplexidade que tomamos conhecimento dessa decisão que, uma vez mais, vem tumultuar à já tão conturbada relação fisco-contribuinte. Antes da Portaria nº 184, o tratamento fiscal que os órgãos fazendários vinham impondo, em flagrante conflito com os princípios fundamentais do imposto de renda, à importação de serviços como os de projetos, "engineering" e montagem de instalações industriais, transformou o referido imposto, nessa hipótese, em tributo que onerava as iniciativas de projetos de investimento indispensáveis ao desenvolvimento do País.

Precisamente para corrigir essa situação, o Ministro da Fazenda elaborou a Portaria nº 184/66, que veio restabelecer a verdadeira interpretação das normas vigentes do imposto de renda, disciplinando a tributação dos rendimentos decorrentes da produção ou venda dos seguintes serviços: a) estudos de planejamento ou programação econômica regional ou setorial; b) estudos de viabilidade técnica e econômica, ou

de localização de projetos de investimento a serem realizados no País; c) dimensionamento, desenho e especificação de conjuntos industriais, bem como das instalações e dos equipamentos que o compõem; d) desenho e especificação de equipamentos a serem importados ou adquiridos no País e que se destinem à execução de projetos de investimentos no Brasil; e) pesquisas e experiências de laboratório ou de produção industrial ou semi-industrial, realizadas por encomenda de empresas no País, a fim de determinar a viabilidade técnica e econômica do aproveitamento de matérias-primas nacionais, ou determinar a tecnologia mais adequada a esse aproveitamento; f) especificação de equipamentos para realização de coleta de preços ou concorrência para aquisição, no exterior, de equipamentos necessários à execução de projetos de investimentos no País, e de assistência no julgamento dessas coletas de preços ou concorrência; g) assistência à compra de materiais e serviços, fiscalização de produção, organização de embarque e despacho; h) montagem ou supervisão de montagem, de instalações industriais ou equipamentos; i) fiscalização e consultoria de construção ou montagem de obras, instalações e equipamentos.

Nos seus incisos III e seguintes, a Portaria distingue quatro hipóteses quanto à produção e venda dos serviços em questão:

1) o serviço é vendido por pessoa jurídica domiciliada no País, e por ela produzido mediante atividades desenvolvidas exclusivamente dentro do Brasil;

2) o serviço é vendido por empresa domiciliada no Brasil, mas sua produção corresponde a atividade exercida parcialmente fora e dentro do País;

3) o serviço é vendido por empresa domiciliada no exterior, mas a sua produção corresponde a atividade exercida parte no exterior e parte no País;

4) o serviço é vendido por pessoa domiciliada no exterior, que não possui estabelecimento no País, e é produzido pela empresa vendedora mediante atividades exercidas exclusivamente no exterior.

(cont. na próxima semana).

AGENDA ECONÔMICA

Indústrias navais afirmam que o erro de considerar-se elevado, senão exagerado, o prêmio à construção de navios no Brasil decorre, exclusivamente, da absurda comparação de quantidades heterogêneas.

Os empresários chegaram a esta conclusão depois de examinarem a parcela do custo de responsabilidade dos estaleiros, os preços dos navios e sua composição, observando que o setor passa, frequentemente, por momentos de sérias dificuldades financeiras.

ALTERNATIVAS

Em seus estudos, salientam os industriais navais que, numa exceção única entre os manufaturados brasileiros, os navios têm o seu preço, por força de lei específica, comparado com o correspondente internacional. Ora, explicam os empresários, tal comparação vem sendo sistematicamente feita sem considerar-se que os materiais e componentes nacionais, de emprego compulsório, por força de outras leis de caráter geral, são produzidos à sombra de política de industrialização que lhes assegure, no fim de proteção tarifária e fiscal, superior a 100% em média, enquanto que os navios

ainda que produzidos dentro da mesma contextura econômica, não têm proteção tarifária.

Adiante, afirmam que a consideração de que a construção naval é tipicamente uma indústria de montagem, extensivamente dependente de materiais e manufaturados que, produzidos por terceiros, formam cerca de 2/3 de seus custos, torna ainda mais evidente o contra-senso acima apontado, decorrente de diretrizes antagônicas no trato de problemas iguais, dentro da mesma estrutura econômica.

Acrescentam ainda, que desprezado o aspecto de que, no caso particular de navios, o preço internacional é sempre um preço político, direta ou indiretamente subvencionado, em maior ou menor escala, estabelecido em função das conveniências sociais ou cambiais dos países exportadores, e que o preço nacional é sempre o preço real, a comparação feita nas condições acima apontadas conduz inevitavelmente a conclusões que além de desfavoráveis, são danosas à indústria naval brasileira, por: 1. acusá-la, injustamente, por prêmios aparentemente elevados, que em verdade dela não dependem; 2. justificar como mais vantajosa, aparentemente, a importação de navios,

Zury Machado

Reveillon no Country Club: Apesar da loucura carnavalesca e da animação contagiante do ano novo, faltaram os que, a um canto falavam de política. Muita gente importante foi ao Santacatarina Country Club, que com uma belíssima decoração recebeu seus associados e convidados, para a mais longa noite do ano. Entre outros: estavam, ministros, Banqueiros, Deputados, Industriais e jornalistas, mas, liderando mesmo nas salas do Country Club, estavam, com invejável classe e bom-gosto, muitas das "10 mais Elegantes do Ano". Tudo o que aconteceu no Réveillon do Country, não foi surpresa. A festa terminou dia 1.º do ano às seis e trinta da manhã.

X X X

Em sua casa de veraneio em Camboriú, o Deputado e sra. Aroldo Carvalho reuniram sua família para a grande festa de fim de ano.

X X X

Será no Querência Palace, a elegante recepção do casamento da bonita Vanda Mussi Luz e o Engenheiro René Hauer. A lua-de-mel de Vanda e René será de apenas quatro meses pela Europa.

X X X

De muito bom-gosto era o vestido longo, em crepe vermelho, com etiqueta Lenzi, que a sra. Deputado Zany Gonzaga usou no Réveillon do Country Club.

X X X

Muita festa muitos acontecimentos, mas a grande expectativa está na espera da festa "Noite No Hayai", mais uma promoção do Santacatarina Country Club.

X X X

Os jornais noticiaram que no Reveillon do Hotel Nacional em Brasília custava uma mesa apenas quinhentos cruzeiros novos.

X X X

Depois do Réveillon no Country Club, o casal dr. Antônio Bulcão Viana em sua residência, receberam amigos para uma esticada.

X X X

Só agora fomos informados que os Engenheiros Leno Caldas e Ciro Vasconcellos, também são proprietários de uma indústria.

X X X

O arquiteto Odilon Figueiredo Monteiro que participou do Réveillon do Country Club, num grupo de amigos comentava: Não pensava de ver em Florianópolis tanta gente bonita e elegante numa só noite.

X X X

Na Igreja Luterana, amanhã às 11 horas dar-se-á a cerimônia do casamento de Telma Hoeschl e o conhecido radialista Walter Souza — Os noivos receberão cumprimentos na Igreja.

X X X

O dr. João Tolentino Neves e sra., estão de parabéns pelo nascimento de Eduardo, ocorrido no último dia do ano que passou.

X X X

Tanto sucesso teve o jantar quinta-feira no Country Club, quando era comemorado o casamento civil de Lúcia da Aquino d'Ávila e Luiz Fernando De Vincenzi, que voltamos a fazer comentários: Uma verdadeira parada de elegância e bom-gosto nos longos e black-tie. Entre os convidados estava o governador do Estado e sra. dr. Ivo Silveira — Serriamente elogiada a decoração, o excelente menu a boa música do conjunto de Paulinho e a maneira simpática como receberam os anfitriões.

X X X

Procedente de São Paulo onde reside, chegou quinta-feira a nossa cidade, o casal Gastão Gama D'Eça.

X X X

Pela sua capacidade de administração, tem sido bastante comentada a simpatia do novo gerente do Querência Palace Hotel, Sr. Francisco Vaz.

X X X

Festejando aniversário amanhã, o ilustre Deputado Ivo Montenegro.

X X X

A lista dos Cavalheiros que durante o ano 1968, na sociedade se destacaram pela discrição no bom-gosto em vestir, será divulgada na próxima semana.

X X X

Pensamento do dia: Ninguém guarda melhor um segredo do que aquele que o ignora.

Atividades solar em 1969 transtorna a vida na Terra

De repente os furacões se tornam mais forte e mais frequentes; as comunicações se interrompem e se descontrolam; os animais fogem assustados; o comportamento de certas pessoas pode ser surpreendente; e uma linda manhã de verão, prenúncio de um dia maravilhoso, pode trazer a promessa de um grande desastre.

Uma única estrela, o Sol, é a grande responsável por tudo isso. Agora, em 1969, 11 anos após a última fase de máxima atividade solar, ele se tornará novamente agressivo, como já mostram as fotos tiradas há dias pelo Observatório Nacional, exibindo as explosões cujas consequências para a Terra são vários: distúrbios nas comunicações, perturbações no campo magnético e profundas modificações climáticas.

QUANDO O SOL SE IRRITA

A's 2h37m da tarde de 12 de novembro de 1760, astrônomos norte-americanos perceberam uma fulgurante explosão na superfície do Sol. Seis horas mais tarde uma gigantesca nuvem de hidrogênio solar, com 16 milhões de quilômetros de largura e se estendendo até meio caminho do Sol, chocou-se com a Terra a uma velocidade de 6.500 quilômetros por segundo.

Embora inaudível e invisível a colisão provocou uma violenta cadeia de perturbações na Terra e em torno dela uma tempestade elétrica e magnética de grandes proporções. As agulhas das bússolas oscilaram descontroladamente. Durante horas todas as rádios de comunicação ficaram interrompidas. Clares de auroras boreais se tornavam suficientemente brilhantes para serem vistas através dos nevoeiros e das nuvens. Nas casas as lâmpadas elétricas piscavam como numa trovoadas. No entanto, o ar e o céu estavam claros e calmos.

Tudo isso poderá ocorrer agora em 1969, com maior ou menor intensidade, dependendo de várias circunstâncias, porque é neste ano, obedecendo a um ciclo com duração de 11 anos, que o Sol se tornará agressivo e atingirá o máximo de sua atividade.

No Brasil não há nenhuma previsão que permita avaliar quais serão realmente as perturbações provocadas pelas manchas solares. Em relação às modificações climáticas, o Serviço de Meteorologia do Ministério da Agricultura se mantém alheio — "não fazemos previsões a longo prazo nem dispomos de tempo para pesquisar as reações solares".

O ANO SOLAR

O Observatório Nacional, no entanto, está atento ao chamado

Ano Solar. Essa vigilância inclui o patrulhamento da superfície do Sol, a contagem, a localização e a catalogação das manchas solares que nada mais são do que grandes explosões vistas de frente. En quanto isso, as duas estações magnéticas do Observatório (uma em Vassouras e outra em Belém do Pará) registrarão as variações do campo magnético da Terra.

As viagens espaciais poderão sofrer alterações se os técnicos não as tivessem organizado prevendo a atividade solar. Quando o Sol está em sua máxima atividade o campo magnético da Terra se torna muito intenso e as faixas de radiações que envolvem o planeta tornam-se muito densas, dificultando as viagens espaciais e aumentando o perigo das irradiações sobre os cosmonautas.

O diretor do Observatório Nacional, professor Muniz Barreto, não acredita, no entanto, que elas provoquem acidentes aéreos, desprezando ainda a crença de que seriam também responsáveis pelo aparecimento de terremotos e maremotos.

— Não há um local específico que possa ser mais ou menos atingido por essas explosões — explicou. Toda a Terra sofre os efeitos das manchas solares. Naturalmente os países localizados nas regiões tropicais tornar-se-ão mais quentes, como está ocorrendo com o Brasil cujo verão promete ser mais intenso do que nos outros anos.

Segundo o professor Muniz Barreto, outra das grandes consequências das explosões agora em 1969 é o aparecimento das auroras boreais, que atrairão a atenção de cientistas e curiosos de todo o mundo. As perturbações no campo magnético possarão despercebidas ao público. Nas grandes superfícies geladas do planeta haverá um degelo gradativo e intenso. Temporais, furacões e outros acontecimentos imprevisíveis são outras das muitas consequências das explosões solares.

Apesar disso, não haverá aumento da energia que a Terra recebe do Sol, que tanto na sua fase branda como na agressiva mantém-se praticamente estável. Segundo o professor Muniz Barreto, a influência dessas explosões sobre a mente humana é ainda objeto de estudos, havendo opiniões contraditórias a respeito.

Os técnicos do Contel e do Ministério das Comunicações estão prevenidos contra as explosões solares e já há muito tempo todos os projetos de instalação de redes de telecomunicações são feitos levando em conta as alterações provocadas pelas manchas solares.

Segundo um desses técnicos, as comunicações HF (alta frequência) serão as mais afetadas, mas as alterações não chegarão a prejudicar os serviços.

A voz Espírita

(Continuação)

III

3. Isto não passa, é certo, de uma teoria mais racional do que a outra. Porém, já é muito que seja uma teoria que nem a razão, nem a consciência replem. Acresce que se os fatos o corroboram, tem ela por si a sanção do raciocínio e da experiência. Esses fatos se nos deparam no fenômeno das manifestações espíritas, que assim constituem a prova patente da existência e da sobrevivência da alma. Muitas pessoas há, entretanto, cuja crença não vai além desses pontos; que admitem a existência das almas e, consequentemente, a dos Espíritos; mas que negam a possibilidade de nos comunicarmos com eles, pela razão dizem, de que os seres imateriais não podem atuar sobre a matéria. Esta dúvida assenta na ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos, dos quais em geral fazem idéias muito falsas, supondo-os erradamente seres abstratos, vagos e indefinidos, o que não é real.

Figuremos, primeiramente, os Espíritos em união com o corpo. Ele é o ser principal, pois que é o ser que pensa e sobrevive. O corpo não passa de um acessório seu, de um invólucro, de uma veste, que ele deixa, quando usada. Além desses invólucros materiais, tem Espírito um segundo semi-material, que o liga ao primeiro.

AS EXPLOESÕES

O que faz o Sol brilhar tanto? A resposta hoje já aceita é: energia atômica. Os núcleos dos átomos de hidrogênio colidem e unem-se para formar núcleos de hélio. Quando se efetua a união há explosões de energia.

As manchas ou explosões solares constituem regiões com um campo magnético muito intenso. De 11 em 11 anos (a última de maior intensidade foi observada em 1958) elas aumentam e dessas regiões são emitidas partículas eletrizadas que se perdem no espaço. Quando um feixe dessa partícula atinge a Terra são observados vários fenômenos.

Em 1958, os cientistas do mundo inteiro organizaram um plano internacional de cooperação científica chamado Ano Geofísico Internacional. Em 1963 e em 1964, anos que corresponderam à fase de mínima agressividade do Sol, foi também feita uma campanha mundial que se denominou Ano Internacional do Sol Calmo.

Ao contrário do que muita gente pensa, as explosões solares não são as responsáveis pelos terremotos. Segundo o professor Muniz Barreto, os terremotos têm sua origem nas profundezas da Terra, que a energia das manchas solares não alcançam.

— Mesmo as experiências atômicas subterráneas não são tão responsáveis assim pelos fenômenos sísmicos. Essa experiência, comparando-a com a profundidade do centro terrestre, são feitas apenas na superfície.

Uma grande erupção solar pode ocorrer no período de uma hora com a força de um bilhão de bombas de hidrogênio. Foi uma dessas erupções que em 1960 transtornou as telecomunicações em todo mundo, com maior intensidade no Japão.

Segundo os cientistas, com o tempo o Sol esgotará seu hidrogênio. Alguns cálculos indicam que a proporção diminuiu de dois terços para um terço nos últimos cinco bilhões de anos. Exaurido o núcleo, as reações termonucleares passarão para as partes externas onde ainda existe hidrogênio não utilizado. A medida que a zona de reações ficar mais perto da superfície, o forte calor nuclear proveniente de seu núcleo também virá para a fora, obrigando o Sol a expandir-se.

O Sol então se tornará uma grande estrela vermelha. Crescerá até se transformar em uma bola de gás extremamente quente. Isso tudo talvez ocorra daqui a mais alguns bilhões de anos, segundo os cientistas.

Quando todo seu hidrogênio se tiver convertido em hélio, o Sol esfriará e encolherá, acabando por tornar-se um anão branco, não maior do que a Terra, mas pesando milhares de quilos por centímetro cúbico.

tor admite esta base. Se o estas questões:

Crêdes em Deus?
Crêdes que tendes uma alma?
Crêdes na sobrevivência da alma após a morte?

Responde: negativamente, ou, mesmo, se disser simplesmente: "Não sei; desejava que assim fosse, mas não tenho a certeza disso", o que quase sempre, equivale a uma negação polida, disfarçada sob uma forma menos categórica, para não chocar bruscamente o a que ele chama preconceitos responsáveis, tão inútil seria ir além, como querer demonstrar as propriedades da luz a um cego que não admitisse a existência da luz. Porque, em suma, as manifestações espíritas não são mais do que efeito das propriedades das almas. Com semelhante interlocutor, se se não quiser perder tempo, ter-se-á que seguir muito diversa ordem de idéias.

Admitida que seja a base, não como simples probabilidade, mas como coisa averiguada, incontestável, dela muito naturalmente decorrerá a existência dos Espíritos.

(Continua na próxima semana)
Colaboração do Movimento Espírita Universitário Catarinense (Av. Mauro Ramos, 305 — Nesta), extraída do Cap. I, Primeira Parte, de "O Livro dos Médiuns", publicado por Allan Kardec, no ano de 1861.

COMPANHIA FINANCEIRA DE INVESTIMENTOS

— COFINANCE —

CREDITO E FINANCIAMENTO

CONVOCAÇÃO

São convocados os senhores acionistas desta sociedade para se reunirem em assembléia geral ordinária, no dia (3) três de fevereiro de 1969, às (15) quinze horas, em sua sede social, à rua João Pinto, 18, nesta cidade de Florianópolis, Estado de Santa Catarina, para deliberarem sobre a seguinte:

ORDEM DO DIA

1. Leitura, discussão e votação do Relatório da Diretoria, Balanço Geral, demonstração de conta "Lucros e Perdas" e parecer de Conselho Fiscal referentes ao exercício findo em 31-12-68;
2. Eleição dos membros efetivos e suplentes do Conselho Fiscal e fixação dos seus respectivos honorários;
3. Outros assuntos de interesse da Sociedade.

AVISO

Acham-se à disposição dos senhores acionistas, na sede social, os documentos a que se refere o art. 99 do Decreto-lei n. 2.627 de 26 de setembro de 1940.

Florianópolis, SC, 31 de dezembro de 1968

OSVALDO DE PASSOS MACHADO

Diretor-Presidente

Prosa de Domingo

(Cont. da 4.ª pag.)
tiszazer a toda procura, que auspiciosamente revela, na inteligência do povo, o gosto pelos estudos dessa natureza.
Já tive oportunidade de declarar a minha admiração por esse vigoroso espírito que é Osvaldo R. Cabral e que tanto vem acrescentando, em valores imensos, o patrimônio cultural de Santa Catarina. O livro a que me referi é uma das peças de incalculável preço, e que merece conhecida especialmente de quantos, por ela, e através das ameaças de narração, tomam gosto pelo estudo da nossa história.

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL

Seção do Estado de Santa Catarina

EDITAL

PAGAMENTO DA ANUIDADE DE 1969

De ordem do Senhor Doutor Presidente deste Conselho e nos termos da decisão tomada pelo plenário, em reunião de 27 de dezembro do ano findo, comunico aos Senhores Advogados, Provisionados e Solicitantes inscritos nesta Seção, que, no período de 1.º de março a 31 de março deverá ser paga a anuidade devida no corrente exercício e que foi fixada em trinta cruzeiros novos (NC\$ 30,00).

Após o dia 31 de março sofrerá essa anuidade o acréscimo da multa de trinta por cento (30%), nos termos do Provimento baixado pelo Conselho Federal.

Florianópolis, 3 de janeiro de 1969

Túlio Pinto da Luz
1.º Secretário

SINDICATO NACIONAL DO COMERCIO ATACADISTA DE MINERIOS E COMBUSTIVEIS MINERAIS

EDITAL

CONTRIBUICAO SINDICAL EXERCICIO DE 1969

Comunicamos às Empresas que constituem a Categoria Econômica de MINERIOS E COMBUSTIVEIS MINERAIS — com atividade neste Estado, que a CONTRIBUICAO SINDICAL referente ao exercício de 1969 deverá ser paga até ao dia trinta de janeiro de 1969, após o que incorrerá na multa de 10% (dez por cento) sobre a importância devida.

As firmas interessadas deverão procurar as Guias de Recolhimento, com o sr. José Ruy Longoni da Silveira, no seguinte endereço: — Rua Jerônimo Coelho n.º 18 nesta cidade.

Florianópolis em 5 de janeiro de 1969

Mário Cabral Ramos — Presidente
José Ruy Longoni da Silveira — Delegado

Instituto Nacional de Previdência Social

Superintendência Regional de Santa Catarina

Concurso para "Escriturário e Datilógrafo"

Identificação das Provas de Datilografia

Torno público, para conhecimento dos interessados, que as provas de datilografia dos concursos em referência, realizadas neste Estado, serão identificadas no dia 15-1-69, às 9 horas no 10.º pavimento do Edifício à rua México, n.º 128, no Estado de Guanabara.

Os resultados das provas serão afixados nesta Superintendência, à Praça Pereira e Oliveira, n.º 12, e nos Postos de inscrições que funcionaram em cada uma das cidades onde foi o mencionado concurso realizado neste Estado.

GUALTER PEREIRA BAIXO

Coordenador de Pessoal

COMUNICACAO

CONCURSO DE HABILITACAO

A Direção da Faculdade de Serviço Social de Santa Catarina comunica que encontram-se abertas as inscrições ao concurso de Habilitação, na Secretaria da Faculdade, no período de 15 de janeiro a 5 de fevereiro, diariamente das 15h às 17h30 horas.

Paulinho não entra em acôrdo e deixa o Vasco

Eurico Hosterno candidato do Aldo Luz à presidência da FASC

Com maciço comparecimento de diretores e remadores, presidida pelo dr. Francisco Dall'ingna, recém empossado Presidente, esteve reunido na noite do dia 2 de janeiro em sua sede social, o Clube de Regatas Aldo Luz, oportunidade em que foram tratados importantes assuntos para a vida da agremiação remística da rua João Pinto.

Na oportunidade foi oficializada a candidatura do sr. Eurico Hosterno à Presidência da Federação Aquática de Santa Catarina, cuja eleição está marcada para o dia 14 do corrente. Estavam presentes a reunião, todos os membros diretores do Clube, entre eles o Coronel Ari Mesquita, o dr. Laclio Luz, e os ex-presidentes Aldis-tas srs. Saay Covres, Barber e

Moacyr Itaguatemy da Silveira, que deram integral apoio ao nome de Eurico Hosterno para a presidência da FASC.

Também, na ocasião, o Presidente Francisco Dall'ingna, tomando conhecimento do estado precário em que se encontra o prédio-sede do Clube, tomou as providências para a sua reforma imediata, principalmente a coberta. Aproveitando a reforma a ser feita no edifício, será construído mais um pavimento, cujas obras serão atacadas logo.

Outro assunto tratado foi a próxima excursão do Clube de Regatas Aldo Luz a Montevideo, para participar da 44.ª Regata Internacional a ser realizada na capital uruguaia em abril próximo conforme convite que lhes foi en-

dereçado pela Federação de Remo do Uruguay.

Na mesma reunião, várias providências foram tomadas tendo em vista a aproximação da data (maio de 1969) da realização da Regata Internacional, a ser desenrolada nesta capital, como parte do programa das festividades comemorativas do cinquentenário do Clube de Regatas Aldo Luz, e que transcorreu no dia 27 de dezembro próximo passado.

O entusiasmo e entendimento havido no transcorrer da importante reunião autoriza a afirmar que o Clube de Regatas Aldo Luz entrou numa fase de reorganização e já em maio próximo, na grande competição remística internacional estará apta a reeditar os feitos de outras épocas.

Paulinho deixou o Vasco, por não ter entrado em acôrdo para renovar seu contrato e o preparador físico Paulo Balthar também sairá, em solidariedade ao técnico, pois foi levado por ele para o clube. Pinga, auxiliar de Paulinho, assumiu a direção da equipe.

A diferença de critério nas bases da renovação foi o motivo principal da saída de Paulinho, pois o técnico queria NCr\$ 5 mil e o Vasco não passou dos NCr\$ 3.500,00 mensais entre luvas e ordenados. O presidente Reinaldo Reis, porém, argumentou que Paulinho era o único técnico no Rio que recebia prêmios dobrados por empates e vitórias e isso lhe dava um salário maior do que qualquer outro treinador.

SEM ACORDO

O encontro entre Paulinho e o presidente do Vasco, na sede do Cineac, não durou mais do que 10 minutos. Terça-feira passada, o técnico foi à casa do Sr. Reinaldo Reis e ambos conversaram demoradamente sobre a renovação de contrato que terminou naquele dia.

Paulinho pediu inicialmente NCr\$ 6 mil e o Vasco contrapropôs NCr\$ 3 mil. Como não chegaram a uma conclusão ambos com binaram novo encontro. Às 15 horas o técnico chegou na sede do Cineac. O Sr. Reinaldo Reis já o esperava e pouco depois Paulinho saía da sala presidencial explicando que havia deixado o Vasco.

Nessa rápida conversa o técnico baixou suas pretensões para NCr\$ 5 mil mensais, continuando com os prêmios dobrados e o dirigente elevou sua proposta para NCr\$ 3.500,00. O Sr. Reinaldo Reis ainda tentou convencer Paulinho a respeito do aumento que lhe davam nos salários os prêmios dobrados mas o técnico respondeu que "o interesse pelas vitórias do time não é só do treinador mas sim de todos do clube."

VALORIZAÇÃO

Para técnico o Vasco fez esta proposta para não renovar seu contrato. E explicou: — Sou grato ao clube e principalmente ao Sr. Reinaldo Reis por ter-me dado a oportunidade

de dirigir a equipe do Vasco. Concorde que foi uma experiência o que o Vasco fez comigo pois antes tinha dirigido apenas o Internacional e o Olaria. No entanto, recebia como um técnico em experiência: NCr\$ 2.200,00 mensais e prêmios dobrados.

Paulinho acha que agora tem que se valorizar profissionalmente já que deu provas de competência levando o Vasco a disputar os finais de dois títulos dos três que participou.

— Acho que não pedi demais — continuou. O Vasco pode perfeitamente pagar NCr\$ 5 mil a seu treinador porque paga quase isso a alguns jogadores entre luvas e ordenados.

SO UM LAMENTO

Paulinho só lamenta deixar o Vasco na fase mais fácil para trabalhar.

— Quando entrei no clube, a maioria dos jogadores estava desacreditada. Fizemos um movimento para reintegrá-los ao quadro e devolver-lhes a confiança. Hoje, os poucos erros do time são fáceis de corrigir e o ambiente é outro, bem melhor do que encontrei — disse.

O treinador declarou que não recebeu nenhum convite de qualquer clube até agora. Explicou, no entanto, que alguns amigos o sondaram sobre as possibilidades de ir para o Corinthians e Fluminense. E contou:

— Oficialmente, não tenho qualquer compromisso com ninguém.

Ontem à noite, Paulinho conversou com Paulo Balthar e desobrigou-o de qualquer atitude de solidariedade, aconselhando-o mesmo a ficar no Vasco, onde fez excelente trabalho.

SOLIDARIEDADE

Paulo Balthar, porém, foi categórico e disse que saía também, porque tinha sido levado para o Vasco por ele. O contrato do preparador físico terminou com o de Paulinho e o técnico afirmou que para qualquer lugar que fôr trabalhar levará Paulo Balthar.

O presidente Reinaldo Reis pretende falar com Paulo Balthar no início da próxima semana para resolver seu caso, mas sabe que será difícil conservá-lo no clube.

O preparador físico não estava muito satisfeito no Vasco por ter sido multado em 60 por cento do pagamento do 13.º salário porque se desentendeu com um dirigente no vestiário do Moracaná. Este incidente ocorreu em novembro, depois do jogo contra o Palmeiras no turno do Roberto Gomes Pedrosa, quando o Sr. Manoel Salvador reclamou de Silvinho ter perdido um penalti e discutiu acaloradamente com o jogador e com Paulo Balthar, que tomara a defesa.

Depois disso Paulo Balthar ficou abertecido e ainda nem foi receber o dinheiro, por fora, da multa cancelada.

Mesmo fora do clube, Paulinho e Paulo Balthar irão no próximo dia 8, quando os jogadores se apresentaram em São Januário para se despedir deles.

SURPRESA

O presidente Reinaldo Reis informou que foi uma surpresa não ter chegado a um acôrdo para renovar o contrato de Paulinho e não tem ninguém em vista para substituí-lo.

— Foi realmente duro para mim não encontrar uma fórmula para renovar o contrato de Paulinho. Acho mesmo que ele insistiu naquelas bases porque há outro clube oferecendo melhores vantagens — disse.

O sr. Reinaldo Reis afirmou que não desconhece o interesse do Corinthians e Fluminense na contratação de Paulinho. E frisou:

— Ele é realmente um bom profissional e, sobretudo, um homem leal e de caráter. Sinto-me honrado de Paulinho ser hoje cobçado por vários clubes, porque fui praticamente quem o lançou na profissão. Enfrentei muitos críticas quando o contratei e só eu acreditava realmente nas suas qualidades dentro do clube.

Por tudo isso é que o presidente do Vasco achava que era fácil contornar o problema da renovação do seu contrato. "Quando sua proposta não pôde ser enquadrada dentro do critério financeiro do clube, fui obrigado a aceitar sua saída".

O Sr. Reinaldo Reis acredita que Paulinho foi influenciado negativamente até mesmo por dirigentes atuais do clube para pressioná-lo.

CBD se reunirá para formar comissão técnica e estudar convite a Paulo Amaral

A criação e a organização de uma comissão técnica, em substituição à Cosena, além da análise e escolha de novos nomes — como Paulo Amaral e Zé Moreira — será assunto no encontro que terá em São Paulo os dirigentes do CBD, na casa do Sr. Paulo Machado de Carvalho, antes da reunião oficial da entidade, que ainda não tem data certa para ser realizada.

Esta reunião preliminar — que também tem o objetivo de

contornar as crises surgidas na última reunião oficial — é, segundo os dirigentes do CBD, uma prova de respeito ao público, pois eles estão dispostos a retirar os elementos que não produziram nas seleções brasileiras de 1968 — jogadores, dirigentes e pessoal técnico.

ARMANDO SATISFEITO

Armando Marques, que foi eleito o árbitro do ano, disse ontem que está sem moral para de-

ixar o Rio de Janeiro, em virtude da prova de carinho que recebeu dos jornalistas cariocas que escolheram seu nome.

— Aptei 90 partidas em 1968 — disse Armando — e só errei cinco vezes. A indicação do meu nome como o melhor juiz da temporada, porém foi agradável surpresa. Aliás, vou enviar dois ofícios agradecendo a minha escolha: um à Associação dos Cronistas Esportivos e outro à Sport Press.

IMPORTANTE COMPANHIA

de Seguros, desejando abrir Filial nesta cidade, procura pessoa capacitada para assumir o cargo de Gerente.

É necessário que tenha conhecimentos de seguros, apresentar boas referências, podendo ser pessoa aposentada.

Tratar com o Sr. Perci, à partir do dia 06 de janeiro no Hotel Querência.

MISSA DE 7.º DIA

Espôso, filhos, genro, irmãos e sobrinhos de Louro Daura, ainda consternados com o seu desaparecimento, convidam para a missa que mandarão rezar em sufrágio de sua boníssima alma, no dia 7, (terça-feira), na Igreja São Francisco, às 18.15 hs.

Antecipadamente agradecem.

CASA VENDE-SE

Vende-se uma ótima residência de alvenaria, com 70m², recém construída, ainda não habitada, com instalação elétrica, sanitária etc., situada na praia de Itapema. Informações pelo telefone 1121 — Blumenau.

7.1.69

COMUNICAÇÃO

Os Serviços Funerários da Associação Irmão Joaquim comunicam seu novo endereço a Rua Almirante Lamago, 114 defronte à Oficina Koesa — Telefone 3023.

12.1.69

LIRA TÊNIS CLUBE

PROGRAMAÇÃO DO MÊS DE JANEIRO
DIA 11 — Sábado — BOITE NA COLINA
DIA 18 — Sábado — 1.º GRITO DE CARNAVAL
— "COM OSWALDO NUNES"
DIA 19 — Domingo — FESTIVAL DA JUVENTUDE
DIA 25 — Sábado — BOITE NA COLINA

Velho campeão quer provar que ainda é bom no boxe

"Eu acho que tenho ainda dois anos de boxe. Isto quer dizer umas doze lutas. Penso que terei tempo suficiente para recuperar o título de campeão mundial novamente".

É Sonny Liston quem fala. Uma voz grave, cheia de experiência, que soa do fundo do peito do ex-campeão mundial dos pesados. Com uma nova licença, um novo "manager", e uma nova determinação, Liston está se recolocando em forma para iniciar uma corrida em busca do título perdido.

A sua atual licença é da Comissão Atlética do Estado da Califórnia. O novo "manager" de Liston é o cantor Sammy Davis Jr., que afirma: "Eu não estou ensinando Liston a lutar ou bater, mas apenas lhe dando uma segunda chance. Eu acredito que ele precise mais de um apoio financeiro e moral."

E mais adiante conclui: "Acredito que ele poderá voltar a ser um campeão. Ele é um caráter reformado e, sabendo que nós acreditamos nele, ele poderá render muito, pois é capaz disso".

SERA CAPAZ?

Mas poderá o velho ex-campeão render tanto? Liston ainda possui os maiores punhos e braços do boxe. O seu problema mais grave é o estômago um pouco saliente e as pernas, que dada a des-senvoltura de seu físico, sempre

rom mais do que deviam para um boxeador. Por esses e outros motivos, alguns afirmam que Liston conta atualmente com 45 anos. Entretanto, o seu treinador Joe Polino jura que a idade que consta no passaporte de Liston, 36 anos, é a idade correta do ex-campeão. "Liston parece mais velho do que é. É verdade que seus traços são aqueles de um homem mais velho, mas ele está mesmo com 36 anos."

OPORTUNIDADE PERDIDA

Há quase quatro anos o campeão Cassius Clay precisou apenas de um minuto e um soco para por fim, abruptamente, nas esperanças que Liston possuía de recuperar o título. Isto aconteceu em um ringue de Lewiston, nos EUA, em 1965.

Desde então a vida de Sonny Liston sofreria uma série de críticas e restrições por parte dos organizadores do boxe norte-americano. Essas restrições baseavam-se em dois fatos comprometedores para um homem que pretende brilhar no boxe: havia perdido uma disputa de título em apenas um minuto; Liston, era um ex-detento, fato que a publicidade contraria explorou devidamente.

Por esses motivos, foi praticamente banido dos ringues da Califórnia, Nova Iorque, e muitas outras cidades dos Estados Unidos. Porém, então retirou-se para a

Suécia, em Gotemburgo, onde reiniciou seu treinamento.

SETE LUTAS

Desde então, Liston lutou sete vezes. A última, em agosto, foi sua primeira luta nos Estados Unidos desde que foi derrotado por Cassius Clay. Liston derrotou então o peso-pesado californiano Henry Clark, o 9.º do "ranking", em sete assaltos, em São Francisco.

Era o começo da volta. Depois de uma semana, a WBA confirmou a sua colocação como o 3.º classificado na lista daqueles que pretendem disputar a coroa dos pesados. Por outro lado, a revista "Ring Magazine", uma das mais importantes do gênero, nomeou-o o seu "Lutador do Ano", e recolocou-o na lista dos dez melhores lutadores pesados do mundo.

Liston dedica-se agora, de corpo e alma, a um treinamento rigoroso em um ginásio perto de sua casa em Las Vegas. Ele e sua esposa, Geraldine, ocupam uma casa em lugar tranquilo que dá vista para o Clube de Golfe Stardust.

Ele está longe de ser pobre. É antes uma celebridade local, que indo a um cassino ou restaurante, é logo apontado por todos. Mas a diversão predileta de Liston é pescar em seu barco no Lake Mead ou então cagar cogelhos pelos arredores da cidade.

Botafogo acha que assédio a Gerson visa evitar o iri

Irritado com as notícias da possível venda de Gerson para o São Paulo o vice-presidente de futebol do Botafogo, sr. Rivaldário Correia Meier, declarou que tudo não passa de boatos com a intenção de prejudicar o seu clube na campanha do tricampeonato carioca.

O jogador, porém, garantiu que além do São Paulo há outros clubes interessados na sua contratação, acrescentando que é só o Botafogo estipular o preço do seu passe para o emissário aparecer.

PRESIDENTE NÃO VENDE

O presidente Altemar Dutra de Castilho, reafirmou que não pretende negociar nenhum jogador do Botafogo. Disse que qualquer clube interessado pode ir procurá-lo que será bem recebido, mas que ouvirá sempre uma resposta negativa se quiser comprar jogador de seu clube, seja titular, seja reserva.

— O único que tínhamos para vender já vendemos, foi o Manga, que hoje brilha no Uruguai. Os que estão aqui continuarão. Quando recebi o clube tinha imensos problemas financeiros para resolver e recuperar em grande parte a situação sem vender ninguém, por isso não há de ser agora que irei buscar em vendas a solução para aqueles problemas. Minha meta e a de todos nós no Botafogo é o tricampeonato e para alcançá-la vamos precisar de todos os atuais jogadores e até de novos. No mais, até agora não recebi nenhuma proposta de ninguém seja para Gerson ou qualquer outro. Para mim, tudo isto faz parte de uma campanha visando perturbar a nossa campanha pelo tricampeonato. Mas estamos preparados e particularmente até gosto, porque é na luta que o Botafogo costuma crescer.

PARTICIPAÇÃO

Ulmar Sarda da Silva e sra.
Vva. Hélia Schlemper d'Acampora
têm o prazer de participar o contrato de casamento de seus filhos, ocorrido dia 21 de dezembro de 1968.
LELIA MARIA — JOSÉ ARTUR
Florianópolis, 31-12-68.

Pessoas físicas deduzem 12% do Imposto em 69 para ações

Ministério da Educação e Cultura — Universidade Federal de Santa Catarina
— Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

EDITAL N° 101/68

Abre a inscrição ao Concurso de Habilitação para matrícula inicial em 1969.

De ordem do Sr. Diretor e cumprindo o disposto no art. 69, letra A, da Lei n° 4024 de 20 de dezembro de 1961, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional e nos artigos 5° e 6° do Regimento Interno da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na Trindade, a inscrição ao Concurso de Habilitação para matrícula inicial nos Cursos de Filosofia, Geografia, História, Letras, Pedagogia e Matemática.

I — O concurso versará sobre as seguintes disciplinas, com observância dos programas que se acham afixados nesta Secretaria.

Para o Curso de Filosofia: Português, Filosofia e uma língua estrangeira eletiva: Francês, Espanhol, Inglês, Alemão ou Italiano.

Para o Curso de Geografia: Português, Geografia Geral, Geografia do Brasil, História Geral e do Brasil.

Para o Curso de História: Português, História Geral, História do Brasil, Geografia Geral e do Brasil.

Para o Curso de Letras: Português, Literatura Brasileira e Portuguesa e uma Língua eletiva: Alemão, Espanhol, Francês, Inglês ou Italiano.

Para o Curso de Pedagogia: Português, História Geral e Psicologia.

Para o Curso de Matemática: Português, Matemática e Física.

II — O requerimento de inscrição será feito ao Diretor da Faculdade e nele haverá expressa menção das datas e de todos os estabelecimentos de ensino secundário cursados, e endereço do candidato, sendo instruído com os seguintes documentos originais:

a) Certidão de conclusão do curso secundário, em duas vias, com a junta das fichas modelo 18 e 19, da Diretoria do Ensino Secundário, visados pelo Inspetor Federal; ou de curso equivalente (Art. 69, letra A, Lei de Diretrizes e Bases) instruída com a respectiva vida escolar, em duas vias;

b) Carteira de identidade;

c) Atestado de idoneidade moral, passado por um professor da Faculdade, ou por duas pessoas idôneas;

d) Atestado de sanidade física e mental;

e) Atestado abeuográfico;

f) Atestado de vacinação antivaricela;

g) Certidão de nascimento, passada pelo registro civil;

h) Prova de estar em dia com as obrigações relativas ao serviço militar;

i) Título eleitoral aos maiores de 18 anos;

j) Prova de pagamento da taxa de inscrição.

III — São dispensados da apresentação de certificado do curso secundário completos os candidatos que provarem:

a) Haver concluído o curso secundário no estrangeiro, se provarem também, sua revalidação no Brasil, com a prestação de Provas determinadas pela Diretoria de Ensino secundário;

b) Haver concluído o curso de Escola Preparatória de Cadetes, de acordo com o Decreto n° 30.796, de 10 de julho de 1952 (Portaria Ministerial n° 998, de 7 de dezembro, de 1953);

IV — O diploma de qualquer curso superior, desde que, registrado na Diretoria do Ensino Superior, supre a apresentação do certificado de conclusão do Curso Secundário completo (Art. 31, Decreto Lei n° 1.190 de 4 de abril de 1939, com a redação dada pelo Art. 1° do Decreto-Lei n° 8.193, de 20 de novembro de 1945).

V — São considerados equivalentes ao curso secundário completo:

a) Os cursos comerciais Técnicos e Industriais Técnicos, completos;

b) Os cursos normais, segundo Ciclo, nos termos da Lei n° 1.759 de 12 de dezembro de 1952;

c) Os cursos de seminário, de

duração de sete anos.

VI — O Concurso de Habilitação constará de prova escrita. Em qualquer fase do concurso, é lícita a fiscalização a exigência de prova de identidade.

Das provas do Concurso de Habilitação não haverá revisão, salvo para corrigir erro de identificação.

Será considerado habilitado o candidato que, no mínimo, obtiver média global quatro (4) e não tiver zero (0) em nenhuma das disciplinas.

A classificação dos candidatos habilitados obedecerá à ordem decrescente da soma das notas finais de todas as disciplinas, sendo vedado o arredondamento de notas ou médias, sob qualquer pretexto.

A admissão à matrícula obedecerá rigorosamente à ordem de classificação e nos limites de vagas fixadas neste edital.

Independente de limites préfixados, serão matriculados todos os que empataram no último lugar da classificação, levada até a segunda decimal.

Da classificação dos candidatos será divulgado um mapa assinado pelo Diretor e Secretário e contendo, apenas os nomes dos chamados à matrícula.

Os demais candidatos, se o requererem, serão fornecidas certidões das notas alcançadas em cada disciplina após o encerramento da matrícula.

VII — O número de inscrição é ilimitado, sendo o número de vagas na 1ª série de todos os cursos de 40 vagas, conforme foi aprovado em sessão do Conselho Departamental de 18 de novembro de 1965.

Para que chegue ao conhecimento dos interessados, lavrou-se o presente edital que será, na forma da Lei, publicado no Diário Oficial do Estado de Santa Catarina e afixado nesta Secretaria.

Secretaria da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Santa Catarina aos vinte dias do mês de dezembro do ano de mil novecentos e sessenta e oito.

Joana Dalva Nunes Pires
Secretária

Visto:
Edmundo Acácio Teixeira Moreira
Diretor

As pessoas físicas poderão deduzir de seu imposto devido em 1969 12% para aplicação em ações de acordo com o sistema do Decreto-Lei 157 e os pessoas jurídicas poderão deduzir 3% em 1969, 1% em 1970 e nada mais de 1971 em diante, segundo estabeleceu um decreto-lei ontem divulgado.

O mesmo decreto assegura o anonimato dos compradores de letras de câmbio, determinando que o imposto a ser pago sobre o rendimento dos títulos de renda fixa será retido na fonte, em alíquotas que variam de 10 a 4% inversamente proporcional ao prazo do título.

DECRETO

O decreto-lei tem o seguinte teor:

“O Presidente da República no uso das atribuições que lhe confere o parágrafo 1° do Artigo 2° do Ato Institucional n° 5, de 13 de dezembro de 1968.

Decreto:

Art. 1° — O valor total dos rendimentos produzidos por títulos de renda fixa — letras de câmbio com aceite de instituições financeiras, certificados de depósitos a prazo fixo e debêntures em geral — qualquer que seja o forma de seu pagamento, inclusive correção monetária prefixada, estarão sujeitos a imposto de renda, calculado de acordo com as seguintes taxas:

Títulos de: 180 a 269 dias de prazo a contar da data da emissão	10%
270 a 359 dias, idem	9%
360 a 449 dias, idem	5%
450 a 539 dias, idem	7%
540 a 629 dias, idem	6%
630 a 719 dias, idem	5%
720 ou mais dias de prazo, a contar da data da emissão	4%

Parágrafo Único — Nos títulos de rendimento parcelado, prevalece, para efeito deste artigo, o prazo total de sua emissão.

Art. 2° — Excetuam-se do disposto no artigo anterior os títulos das espécies ali referidas, nos quais seja estabelecida correção monetária idêntica à atribuída às Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional, pagável juntamente com os juros, apenas por ocasião do resgate, vedada qualquer antecipação.

Parágrafo único — Na hipótese deste artigo, a parcela correspondente à correção monetária estará isenta de tributação, incidindo o imposto de renda apenas sobre os juros, mediante aplicação dos seguintes taxas:

Títulos de: 180 a 719 dias de prazo, a contar da data da emissão	25%
720 ou mais de prazo a contar da data da emissão	15%

Art. 3° — O Conselho Monetário Nacional poderá reduzir ou aumentar, até a metade de seus valores, as taxas indicadas nos artigos anteriores.

Art. 4° — O imposto de renda calculado na forma dos artigos precedentes será sempre descontado na fonte, qualquer que seja o beneficiário dos rendimentos, inclusive pessoas jurídicas, sendo:

a) no ato da primeira negociação do título, nos casos previstos no artigo primeiro devendo, nele ser anotado, pela instituição financeira ou corretor interveniente, o valor da negociação com especificação do imposto retido;

b) no ato da liquidação do título, nos casos previsto no artigo segundo.

§ 1° — Quando o beneficiário dos rendimentos for pessoa jurídica, o imposto retido na fonte poderá ser deduzido do total do imposto de renda devido em função do lucro apurado em balanço.

§ 3° — Os adiantamentos sobre os contratos de aceite cambial, constituem também fato gerador do imposto, para os efeitos deste artigo.

§ 4° — Nos casos referidos na alínea “a”, acima, se ocorrer renegociação do título por valor inferior ao da negociação anterior, caberá a instituição financeira ou ao corretor interveniente na operação reter o valor complementar do imposto, anotando a ocorrência no título.

§ 5° — A inobservância das disposições estabelecidas neste artigo sujeitará a instituição financeira ou corretor responsável a multa igual a 15% (quinze por cento) do valor do título, imposta pelos órgãos de fiscalização fazendária.

§ 6° — O imposto retido na forma deste artigo será recolhido à repartição ou agente arrecadador da União no prazo máximo de 5 (cinco) dias, sujeitando-se os infratores às penalidades legais em vigor.

Art. 5° — As disposições dos artigos anteriores só se aplicam aos títulos emitidos a partir de 1° de janeiro de 1969, permanecendo os demais subordinados, quanto à tributação dos rendimentos, às normas legais anteriormente em vigor.

Art. 6° — Os rendimentos dos títulos das espécies referidas no artigo 1°, emitidos até 31 de dezembro de 1968, não estão sujeitos à retenção do imposto na fonte, desde que levados a resgate por pessoas jurídicas.

§ 1° — Nos casos em que tenha havido inadequada observância das disposições legais relativas à retenção e ao recolhimento do imposto de renda devido sobre os títulos de que trata este artigo, levados a resgate por pessoas físicas, as instituições responsáveis terão o prazo de 60 (sessenta) dias, a partir da vigência deste Decreto-Lei, para requererem a regularização de sua situação fiscal, relacionando as operações realizadas.

§ 2° — A efetivação do requerimento aludido no parágrafo anterior, eximirá as instituições ali referidas das penalidades ex officio e condicionará o pagamento do débito fiscal apurado, em prestações mensais iguais e sucessivas, até o limite de 12 (doze) parcelas.

Art. 7° — A dedução autorizada pelo Artigo 4° do Decreto-lei n° 157, de 10 de fevereiro de 1967, com a redação que lhe deu o Artigo 2° do Decreto-Lei n° 238, de 28 de fevereiro de 1967, cuja vigência foi prorrogada no exercício de 1968 pelo Artigo 10

da Lei n° 5409, de 9 de abril de 1968, fica prorrogada até 1970, na forma da redução da tabela abaixo:

a) 1969 3% (três por cento)

b) 1970 1% (um por cento).

Art. 8° — O abatimento no imposto de renda autorizado pelo Artigo 3° do Decreto-Lei n° 157, de 10 de fevereiro de 1967, a título de estímulo ao desenvolvimento de capitais, fica elevado para 12% (doze por cento).

Art. 9° — Os recursos arrecadados, e destinados à constituição de Fundos de Investimento, na forma prevista no Decreto-Lei n° 157 de 10 de fevereiro de 1967, e legislação posterior, poderão ter a seguinte aplicação pelas instituições encarregadas de sua administração:

I — um mínimo de 2/3 (dois terços) da arrecadação, na aquisição de ações novas ou na subscrição de debêntures emitidas por:

a) empresas enquadradas nas condições previstas nos Decretos-Leis n°s. 157, de 10 de fevereiro de 1967 e 238, de 26 de fevereiro de 1967;

b) empresas dedicadas à instalação ou ampliação de indústrias básicas, ou a elas equiparadas, por lei, registradas no Banco Central do Brasil, especialmente para esse fim.

II — O restante, na aquisição, em Bolsas de Valores, de ações ou debêntures emitidas de conformidade com os citados Decretos-Leis, ou na sustentação das quotas dos Fundos de que trata a letra “b” do Artigo 10.

§ 1° — É vedada em qualquer hipótese a aplicação dos recursos de que trata este artigo em ações ou debêntures de instituições financeiras, definidas como tais na Lei n° 4595, de 31 de dezembro de 1964.

§ 2° — As instituições administradoras de fundos que detenham aplicações em ações ou debêntures das instituições a que se refere o parágrafo anterior, terão o prazo de 90 (noventa) dias para repassá-los a outros investidores.

§ 3° — O Conselho Monetário Nacional fica autorizado a alterar as proporções fixadas neste Artigo.

Art. 10 — A liquidação prevista no § 2°, do Artigo 2°, do Decreto-lei n° 157, de 10 de fevereiro de 1967, far-se-á, mediante acordo entre a instituição encarregada da administração do Fundo e o titular da aplicação, de uma das seguintes formas:

a) mediante a entrega dos títulos correspondentes aos certificados de compra de ações ou certificados de depósito, proporcional à composição quantitativa da Carteira, excluídas as parcelas inferiores ao valor de uma ação, que serão resgatadas em moeda corrente;

b) pela transformação dos certificados de compra de ações ou certificados de depósito em títulos representativos de quotas do mesmo Fundo, livremente transferível e negociáveis, regulando-se as operações da espécie pela legislação vigente aplicável aos Fundos Mútuos de Investimentos.

Art. 11 — O presente Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.”

Arzuza empossa presidente do IBRA anunciando impulso na reforma agrária

Os poderes conferidos ao Governo pelo Ato Institucional n° 5 permitirão “quebrar algumas estruturas que impediam a execução da reforma agrária” — afirmou o Ministro da Agricultura, Sr. Ivo Arzuza, ao empossar a nova diretoria do IBRA.

Presidida pelo General Carlos de Moraes, a diretoria do Instituto Brasileiro de Reforma Agrária pretende “levar adiante a decisão de regularizar por ano as situações jurídicas, social e econômica de 40 mil famílias de camponeses, nas regiões onde há maior tensão.”

NAVA FAIXA

Segundo o Ministro Ivo Arzuza, assim “será incorporada automaticamente ao mercado consumidor uma faixa bastante grande da população rural. Ressaltou que a reforma agrária é apenas um dos pontos para melhorar a vida dos

— O Governo está dinamizando a tecnologia no setor rural, para conseguir maior produtividade, trabalho dos governos estaduais, que foram solicitados a opinar sobre a melhor fórmula de acelerar a reforma agrária em suas respectivas áreas.”

REALIZAÇÕES

Em seu discurso de posse, o General Carlos de Moraes afirmou que — embora haja opiniões em contrário — a IBRA realizou muito desde 1964. Apontou como aspectos positivos da reforma agrária a realização do cadastro territorial e sua atualização, a implantação do sistema tributário rural e os trabalhos de regularização das terras da União, dos Estados e dos municípios.

Foram empossados também como diretores do IBRA, os Srs. Hélio Buck e Silva, Sérgio Ludo-

galves. A solenidade, realizada no gabinete do Ministério da Agricultura, compareceram oficiais gerais das três Forças Armadas e dirigentes de órgãos vinculados ao Ministério da Agricultura. Começam a ser executado o Plano Nacional da Semente e o Plano Nacional da Mecanização encontrando-se em fase de elaboração o Plano Nacional do Calcário.

Frisou também a importância da reforma administrativa no Ministério da Agricultura, afirmando: “Hoje a estrutura do Ministério está totalmente voltada para o trabalho de apoio tecnológico à agropecuária, quando em outras épocas funcionava, inteiramente desmembrada, ao sabor dos interesses político-eleitorais. A nova política é de centralização do planejamento e de descentralização execu-

VEJA OS TRUINHOS DA CHRYSLER PARA '69

ESPLANADA '69 - novo requinte, novo interior.

GTX primeiro GT de linha do Brasil.

REGENTE '69 - ainda mais bonito, e luxuoso.

E CONHEÇA OS NOSSOS

Temos os melhores planos de financiamento para Você comprar seu carro da linha Chrysler '69 sem sentir...

Siga a tendência, Mude para Chrysler. Agora, a diferença ficou ainda maior... Venha dirigir os novos carros Chrysler '69 em nossa loja.

REVENDEDOR AUTORIZADO **CHRYSLER** do BRASIL S.A.

MEYER — VEICULOS
Rua Felipe Schmidt, 38 — FLORIANOPOLIS

Rondon III inicia com participação de 60 catarinenses

Sessenta universitários catarinenses, juntamente com colegas de outros Estados, iniciarão terça-feira a viagem com destino à Amazônia, participando da "Operação Rondon III". Os estudantes, que têm como pensamento "integrar para não entregar", vão a 84 localidades daquela região, levar assistência médica, sanitária, hospitalar e educacional, plantando "as sementes de brasilidade e do amor ao próximo". A expedição cobrirá desta vez, além da Amazônia, o Nordeste, a região do São Francisco, o Centro-Oeste e o Vale do Jequitinhonha.

Para a Amazônia seguirão 1.100 universitários de medicina, engenharia, agronomia, assistência so-

cial, professoras e estudantes de outros ramos de atividade. Do Estado do Rio e Guanabara seguirão 232 estudantes, juntamente com 150 de Minas Gerais, 263 de São Paulo, 25 do Distrito Federal, 60 de Santa Catarina, 130 do Paraná, 233 do Rio Grande do Sul e 30 do Espírito Santo.

A "Operação Rondon III" terá a colaboração da Força Aérea Brasileira, da Paraense, do Ministério da Marinha e do Exército, Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário, ACAR e outras entidades.

Os universitários levarão máquinas de fazer tijolos para diferentes localidades, onde ensinarão seu manuseio, deixando-as em condições de fabricar 600 a 800 unida-

des diários. Os engenheiros farão estudos sobre o fluxo de carga do Amazonas, com vistas a encontrar o tipo de embarcação ideal para o grande rio. Outros estudantes promoverão cursos populares sobre enfermagem e medicina de urgência, educação sanitária, higiene, etc.

Os universitários gaúchos que vão participar da "Operação" já iniciaram os preparativos para a viagem aos Territórios Roraima e Rondonia, Vale do Rio Negro, Centro-Oeste, Vale do São Francisco e Vale do Jequitinhonha. Seguirão nos dias 7, 10 e 16 do corrente, em aviões especiais. Antes terão uma palestra com o Coordenador-geral do Projeto, Coronel Mauro da Costa Rodrigues, que se encontra em Porto Alegre.

Folclore vai mudar



Os objetos de cerâmica popular, vendidos na parte externa do mercado, deverão ser removidos para a nova ala, reformada pela Prefeitura.

OMEP inicia hoje semana de estudos

Com um coquetel à imprensa, autoridades e participantes, será oficialmente instalado às 17 horas de hoje no Colégio Coração de Jesus a VI Semana Nacional de Estudos da Organização Mundial para Educação Pré-Escolar — OMEP.

A Semana contará com a participação de delegação de vários Estados, entre os quais Guanabara, São Paulo, Rio Grande do Sul e Acre e durante o seu desenrolar será instalado o núcleo da OMEP em Santa Catarina.

A Vice-Presidente da Organização, Sra. Geralda do Vale Novais, informou a O ESTADO que o núcleo catarinense da OMEP terá sua sede em uma sala do SESC, uma vez que aquela entidade prontificou-se a ceder espaço para o seu funcionamento. Esclareceu que o tema principal da VI Semana de Estudos será "O Direito da Criança e o Desenvolvimento de todas as suas Potencialidades", que foi a tese principal da última assembleia mundial da OMEP, realizada em Washington. Disse que a partir de amanhã serão iniciadas as conferências, sendo que a primeira, a cargo do Professor Lourenço Filho, abordará o tema "Necessidades Básicas do Pré-Escolar".

O QUE É A OMEP

O Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar, fundada em 1943, tem como finalidade principal suscitar um melhor conhecimento geral das crianças de menos de oito anos, e de fazer com que todos os países aproveitem da experiência e dos conhecimentos adquiridos pelos outros no que se refere aos cuidados e à educação a serem ministrados às crianças durante os primeiros anos de existência. Trata-se de uma organização educativa internacional, podendo dar sua adesão toda a pessoa que organização que desejar, sem distinção de raça, religião ou nacionalidade.

De dois em dois anos a OMEP realiza assembleias mundiais, e, desde a sua fundação, já foram efetuadas assembleias em Praga, Paris, Viena, México, Copenhague, Atenas, Bruxelas, Zagreb, Londres, Londres, Estocolmo, Paris e Washington.

O Comitê Nacional da Organização Mundial de Ensino Pré-Primário é presidido pela Sra. Laura Jacobina Lacombe, que ontem chegou a esta Capital, a fim de participar da VI Semana de Estudos.

Após a instalação do Núcleo da OMEP em Florianópolis, seus dirigentes deverão manter contatos com a Legião Brasileira de Assistência e outras entidades congêneres, visando proporcionar assistência às crianças abandonadas, segundo informou sua Presidente.

Esclareceu que até agora a entidade somente realizava Semanas de Estudos em cidades onde já existiam núcleos, sistema que foi alterado em 1968, visando a ampliação da organização, com a criação de outros núcleos nas localidades onde eles não existiam, como é o caso de Florianópolis.

Povo assiste carnaval de arquibancada

O Presidente da Comissão Organizadora do Carnaval de Florianópolis, radialista Acy Cabral Teive, manteve contato com dirigentes da firma Wilmar Henrique Becker, visando a construção de arquibancadas de frente à Catedral Metropolitana, a exemplo do que foi feito no ano passado. Do contato ficou acertado que aquela empresa voltará a montar as arquibancadas, aumentando inclusive a sua capacidade que será de 4.000 pessoas. A renda líquida proveniente da venda de ingressos, será distribuída para a Casa da Amizade do Estreito, Serte e Farmácia da Paróquia do Estreito.

CODESUL faz estudos sobre fertilizantes

O Sr. Armando Calil Bulos, Secretário Sem Pasta e Secretário do Conselho de Desenvolvimento do Extremo Sul, informou que já foram impressos os primeiros exemplares do trabalho realizado sobre fertilizantes. Disse que depois de haver lançado a Realidade Pesqueira em Santa Catarina e a Industrialização e Comercialização da Mandioca, o escritório catarinense do Codesul propôs e viu aprovado pelos Governadores Ivo Silveira, Paulo Pimentel e Perachi Barcellos o programa para 1969 que compreende três temas: Fertilizantes, Industrialização de Carnes e Economia Madeireira.

14.º BC convoca candidatos a concurso

O 14.º Batalhão de Caçadores está convocando candidatos ao concurso da Escola Preparatória de Campinas a comparecerem à 3.ª Seção daquela unidade militar, a fim de receberem os seus cartões de identificação para aquele concurso, cujas provas serão iniciadas amanhã. Os candidatos chamados pelo 14.º Batalhão de Caçadores são, os Srs. Gilvaneu Ouriques Machado, Jandyr dos Santos, João José da Silveira Vieira, José Carlos da Silveira Vieira, José Tadeu Simões Speck, Omar Lorêto Carli e Rogério Moffeti, que deverão comparecer ao 14.º BC no horário das 7 às 11 horas.

Universidades decidem sobre número de vagas

O Presidente Costa e Silva assinou decreto-lei dispondo que cabe às universidades decidirem o aumento de vagas em seus cursos e prevendo que haverá 110 mil matrículas nas séries iniciais em 1969 — 30 mil a mais do que no ano passado.

O aumento de vagas poderá ser feito, inclusive, depois de iniciado ou realizado o vestibular, e seu preenchimento será pelo critério de classificação, podendo a unidade de ensino aproveitar os candidatos habilitados em concursos prestados em estabelecimentos congêneres.

AUXÍLIO DO GOVERNO

O Governo dará auxílio financeiro aos estabelecimentos de ensino nas áreas de Saúde, Tecnologia e de formação de professores de ensino médio, quando o número de candidatos for superior ao de vagas.

O DECRETO-LEI

A íntegra do decreto-lei é a seguinte:

"Art. 1.º — O número de vagas fixado em editais de concursos vestibulares para ingresso em cursos de ensino superior poderá ser aumentado mediante simples publicação em Diário Oficial ou jornal de grande circulação local, independentemente de qualquer prazo, se assim decidirem os órgãos deliberativos das respectivas unidades, tendo em vista as condições do estabelecimento e a completa utilização de sua capacidade.

§ 1.º — Admitir-se-á aumento de vagas depois de iniciado ou realizado o concurso vestibular, sendo, neste caso, dispensada qualquer publicação.

§ 2.º — Na hipótese de ocorrer o

aumento a que se refere este artigo e seu Parágrafo 1.º, o preenchimento das novas vagas será igualmente feito de acordo com o critério de classificação, não assistindo direito de aproveitamento aos que, mesmo em face do incremento de matrículas autorizado e da ordem de classificação, deixarem de ser atendidos.

Art. 2.º — Se não forem preenchidas todas as vagas, ou sendo estas em número maior que o de candidatos, a unidade respectiva deverá realizar novo concurso vestibular.

Parágrafo único — Para o preenchimento das vagas, poderá a unidade optar, segundo critérios que estabelecer, pelo aproveitamento de candidatos habilitados em concursos vestibulares prestados perante estabelecimentos congêneres.

Art. 3.º — O Governo federal proporcionará auxílio financeiro aos estabelecimentos de ensino superior compreendidos nas áreas de Saúde, de Tecnologia e de formação de professores de ensino médio que dele carecerem para aumentar o número de vagas no primeiro ano de seus cursos.

Parágrafo único — O auxílio a que se refere este artigo destinar-se-á apenas aos cursos em que a demanda seja superior à oferta de vagas, dependendo seu recebimento de comprovação do efetivo aumento de matrículas.

Art. 4.º — Enquanto não for instalado o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o Ministério da Educação e Cultura constituirá comissão para fixar os auxílios que o Governo deva proporcionar, nos termos do Artigo 3.º deste Decreto-Lei.

Conti, no 3.º pag.

Costa recebe dia 15 documento que define a reforma agrária

O documento que vai definir a posição do Governo diante da reforma agrária, elaborado por um grupo de trabalho interministerial, terá redação final no próximo dia 10 e será entregue ao Presidente Costa e Silva no dia 15, pelo Ministro da Agricultura, Sr. Ivo Arzua.

A reunião para a redação final do documento será realizada no Instituto Brasileiro de Reforma Agrária, cujo novo presidente, General Carlos de Moraes, somente assumirá o cargo na próxima semana, porque ainda convalesce de uma operação de vesícula. No dia 10, o General será informado sobre o plano elaborado pelo grupo de trabalho, integrado por representantes dos Ministérios da Agricultura, Planejamento e Interior.

A nomeação do General Carlos de Moraes para a presidência do IBRA não alterará a orientação do Governo para a implantação da reforma agrária, definida no documento interministerial, segundo revelaram ontem fontes do Ministério da Agricultura.

O General Carlos de Moraes, depois de 44 anos de serviços prestados ao Exército, sem nunca ter tido antes uma comissão civil, assumiu agora a presidência do Instituto Brasileiro de Reforma Agrária. Sua última função militar foi a de diretor do Serviço Geográfico do Exército. O General Carlos de Moraes é engenheiro geógrafo, com curso de energia nuclear. Um dos seus principais trabalhos de

que se denomina Processo Plástico-Gravura, no preparo dos originais cartográficos.

Entre as conclusões mais importantes definidas no documento do grupo de trabalho está a que preconiza o assentamento de uma cota mínima de 40 mil lavradores no campo durante este ano, número que deverá ser ultrapassado, segundo a previsão dos técnicos.

O documento faz uma ampla análise a respeito da situação rural brasileira, identificando os principais obstáculos à realização da reforma agrária, e sugerindo quais as providências que devem ser adotadas pelo Governo, no campo administrativo, econômico e jurídico, para a sua efetivação.

Preconiza também o documento um maior investimento do Governo no programa da reforma agrária. Os recursos próprios do IBRA são considerados insuficientes, tornando necessário um entendimento do Ministro da Agricultura com os seus colegas da Fazenda e do Planejamento, para a liberação de maiores verbas.

Outra conclusão é a de que dentro as áreas prioritárias para a reforma deverão ser atacadas de início aquelas onde a tensão social é maior, especialmente o Nordeste.

A descentralização da reforma é também apontada como providência importante. Para isto, foram solicitadas sugestões, durante a fase de estudos, a todos os Estados. Estas sugestões estão

sam a tornar os Governos estaduais co-responsáveis pelo programa, evitando que as falhas sejam creditadas exclusivamente ao Governo federal.

Entenderam ainda os técnicos governamentais que apesar da insuficiência de recursos a reforma não deve se limitar ao parcelamento da terra. Uma orientação constante aos novos proprietários, que receberão também instrumentos governamentais ao trabalho, faz parte do plano, visando garantir a venda dos produtos colhidos e a melhoria das famílias residentes nas áreas.

Não pretende o Governo incidir no mesmo erro ocorrido na experiência no plano-piloto do Núcleo Alexandre Gusmão, em Brasília onde cada parceleiro custou aos cofres públicos NCr\$ 40 mil, com a construção de casas e dependências luxuosas para os seus moradores.

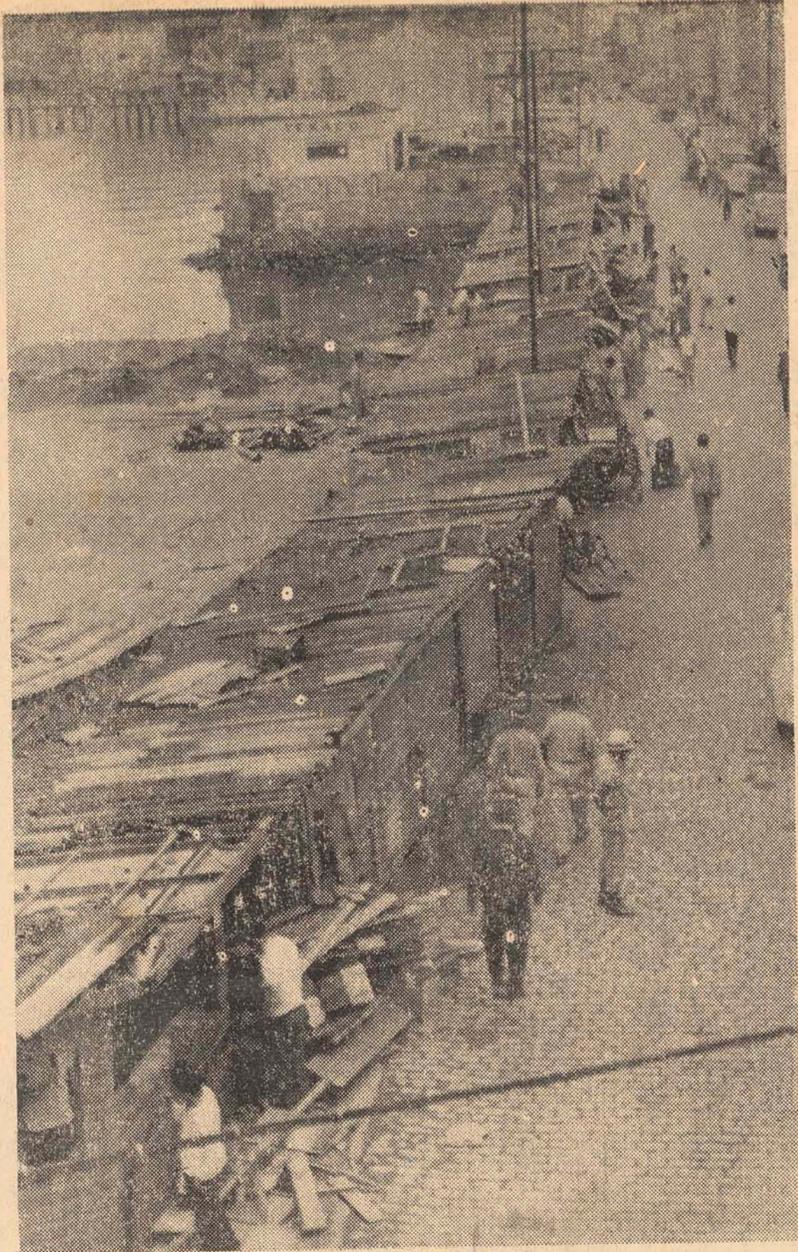
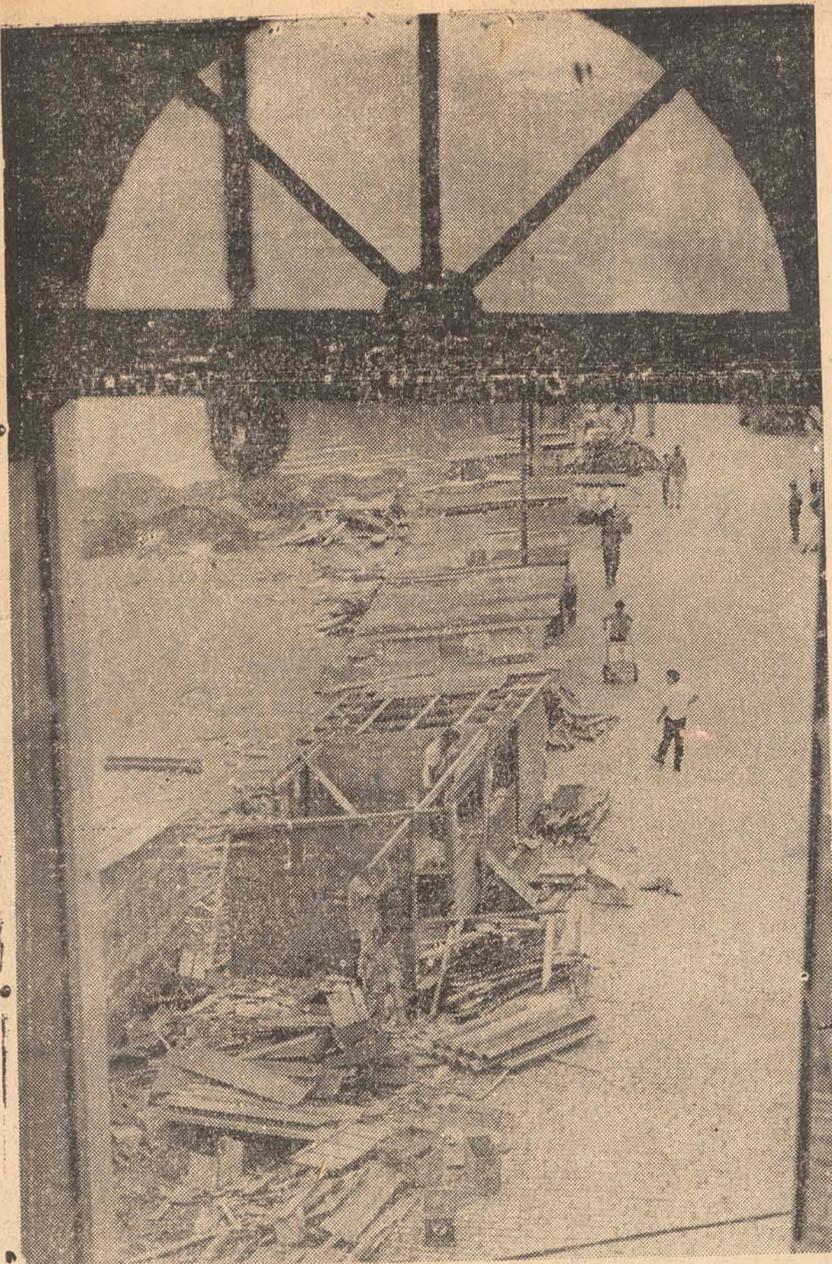
O fracasso deste plano e a aplicação indevida do dinheiro público em sua execução são apontados, inclusive, como uma das causas da intervenção decretada no IBRA, durante a gestão do Sr. César Cantanhede.

Por último, e esta é uma orientação defendida em tese apresentada pelo Ministro da Agricultura, Sr. Ivo Arzua, presidente do grupo de trabalho, não deverão ser fixadas áreas mínimas e máximas para as glebas que serão entregues aos agricultores, porque acha o Ministro que isto deve variar em função das peculiaridades de cada região.

O fim do caos

Três das fotos que ilustram esta página fazem lembrar uma cena constantemente mostrada pelas revistas do País: as favelas do Rio de Janeiro. No entanto os flagrantes são daqui mesmo e retratam o momento em que era iniciada a remoção dos barracos armados na parte externa no mercado. Aquelas casinholas, que provocavam uma indiscutível falta de higiene, davam uma péssima impressão por se situarem em dos pontos mais centrais da Cidade e causavam sérias dificuldades para o trânsito, provocando constantemente engarrafamentos de veículos. Em boa hora o Poder Público Municipal tratou da solução do problema, transferindo para as dependências internas do mercado todos aqueles que usavam os barracos para a venda de produtos hortigranjeiros, oferecendo-lhes, com a medida, melhores condições de trabalho, bem como ponto de termo ao caos em que se havia transformado aquela área do nosso principal mercado.

Sessenta e um novos stands de venda, além de várias sobrelojas foram instalados na ala do mercado público onde até há bem pouco funcionavam as feiras semanais. Necessário se torna, a partir de agora, que as autoridades sanitárias estejam sempre atentas, a fim de que o local permaneça sempre limpo, pois do contrário em breve estará se transformando em vão os esforços dispendidos para dar um melhor aspecto ao nosso mercado público municipal.

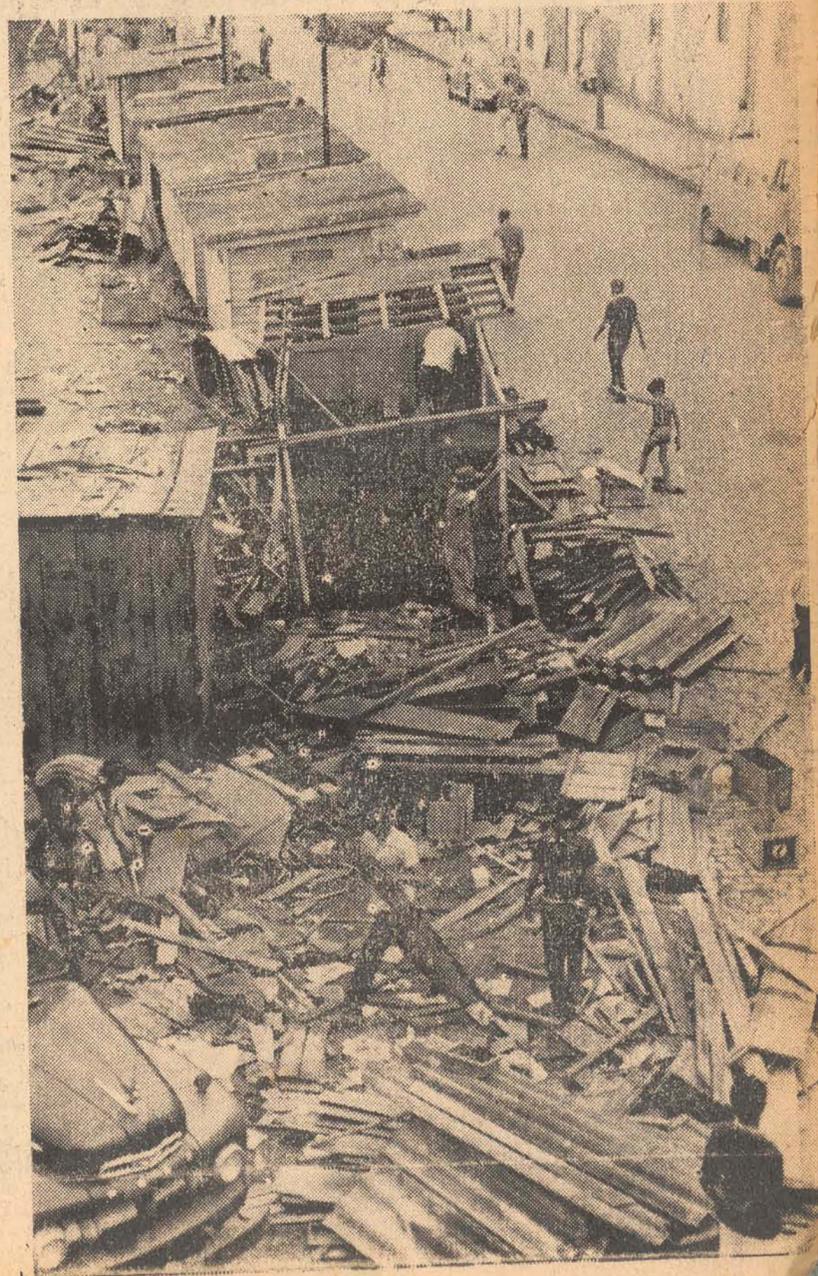


FOTOS: Paulo Dutra e Orestes Araújo

Caderno 2

EDITOR: Luiz Henrique Tancredo

O ESTADO, Florianópolis, Domingo, 5 de janeiro de 196



CINEMA / Darci Costa

Os impiedosos

MADDIGAN — Direção e produção de Don Siegel — Fotografia de Rusel Melty — Música de Don Costa — Interpretes: Richard Widmark, Henry Fonda, Inger Stevens, Harry Guardino, James Whitmore, Susan Clark, Sheree North, Warren Stevens e Outros. Universal, 1968.

A estreia de Don Siegel, no terreno da longa metragem, foi brilhante e auspiciosa; em 1943, um thriller no mesmo estilo dos filmes de Jean Negulesco, e com a dupla então em voga nos filmes da WB — Sidney Greenstreet e Peter Lorre.

O título foi The Verdict/JUSTIÇA TARDIA e o filme, realizado com absoluta correção e bom gosto, chegava a se confundir mesmo com outros de Negulesco da mesma época: A MASCARA DE DIMÍTRIOS/The Mask of Dimitrios e OS 3 DESCONHECIDOS/Three Strangers, ambos excelentes.

A carreira de Don Siegel, até agora, vem se caracterizando pela irregularidade, podendo-se dividir a sua filmografia em dois grupos: filmes realizados com indiferença e sem entusiasmo e o grupo de filmes nas quais o diretor vislumbrou as qualidades e, estimulado, realizou obras de valor que vão, de interessantes a curiosas, até o nível do filme de verdade.

O talento tem surgido, sempre que apareceu a oportunidade — JUSTIÇA TARDIA/The Verdict, NOITE APOS NOITE/Night Unto Night, REBELIAO NO PRESIDIO

/Riot on Cel Block 11, A RUA DO CRIME/Crime in the Streets, ESTRELA DE FOGO/FLAMING Star, o SADICO SELVAGEM/The Line-Up, VAMPIROS DE ALMAS/Invasion of Body Snatchers e a recente versão de OS ASSASSINOS/The Killers.

A fase atual do diretor o mantém preso a um contrato que lhe ofereceu a Universal em 1957, contrato de exclusividade; e que lhe ofereceu a Universal em de maior pretensão e categoria, na área da chamada produção A.

Em muitos casos, certos diretores, ao serem transferidos dos filmes B para os Filmes A, acabaram se acomodando de tal forma ao comercialismo e ao regime da super produção que perderam toda a energia e o talento anteriormente demonstrado em filmes menores; um dos casos mais recentes é o de Mark Robson, melancolicamente soterrado no mar de mediocridade de O VALE DA BONECAS/Valley of Dolls.

OS IMPIEDOSOS, primeira realização de Siegel, na área da produção A, não foge, em qualidade e interesse às características dos bons filmes menores já feitos pelo realizador; um filme policial, um thriller, exatamente o gênero com o qual o diretor tem revelado maior afinidade.

Baseada na novela The Commissioner, de Richard Dougherty, com roteiro de Henri Simon e Abraham Polonski, o filme põe em pauta a ação da polícia de New

York e suas relações com o mundo do crime, ao mesmo tempo que estuda a vida íntima dos elementos que trabalham na polícia.

É um filme sóbrio antes de tudo, embora pontilhado por momentos de violência que o proprio assunto exige, revelando também as falhas a que está sujeito o elemento humano, exatamente por essa condição, por mais afinada que seja a organização.

Desempenhos corretos e eficientes de Fonda e Widmark, liderando um elenco que funciona harmoniosamente, direção firme e sem deslises, uma boa historia, resultam num filme inteligente e bem acabado; sem ser uma obra de brilho, raro, é, entretanto um dos bons filmes da temporada.

CINE CLUBE: CLEO DE 5 AS 7

O Cine Clube da Faculdade de Filosofia, iniciou suas atividades referente ao ano de 1969, exibindo o filme francês "CLEO DE 5 AS 7", dirigido por Agnes Varda, em sessão realizada Quinta-feira, dia 2 de Janeiro, as 20, 15 horas, no auditorio da Faculdade de Ciências Economicas.

A Diretoria do Clube está avisando que o mesmo programa exibido dia 2, terá um reapresentação Segunda-Feira, dia 6, no mesmo local.

A copia em exibição é sem legendas em português.

Carta (de ano novo) a Sua Santidade

Marcelio Dias dos Santos

Quando se inicia um novo ano que promete ser decisivo para a história da "desarvorada Barca de São Pedro"; quando personalidades destacadas endereçam a Vossa Santidade cartas, bilhetes, cartões, conselhos, arrazoados e até admoestações; quando meio mundo — católicos, não-católicos e meio-católicos — se sente responsável pelo destino da Santa Madre Igreja, sinto-me também tocado pelo prurido das manifestações públicas, participe que sou do momento histórico. Não creio que esteja a cometer alguma temeridade. Mas, mesmo assim, insiste em manter a distância que me separa de Vossa Santidade — posição que talvez pareça a muitos, conservadora e até quadrada. Insisto, dizia, em tratá-lo de Vossa Santidade, por razões que mais adiante espero deixar mais claras.

A Igreja, no meu entender, Sua Santidade, enveredou, com o espírito campestre e magnânimo de S.S. o Papa João XXIII, por caminhos que não foram precisamente os da previdência e da reflexão, quanto às consequências últimas do alargamento dos horizontes: do ecumenismo. A tentativa, por outro lado, de unir o eterno e o temporal com os instrumentos de que dispunham lhes pareceu tarefa tão urgente quanto viável, a curto prazo. E os resultados, tão claros nas antevistas iniciais, são agora angustiantes e desoladores. "A Igreja está a caminhar para a sua autodestruição". E a solução, disse também Vossa Santidade, já não está nas mãos do Pastor mas nas mãos de Deus.

As várias encíclicas de cunho social, uma mescla de Keynes,

Concilio. As fontes não foram citadas e nem poderiam sê-lo, evidentemente. E foram lançadas a público, no caso brasileiro, sem que os intérpretes naturais, os veículos dessas mensagens, dentro do meio católico, estivessem preparados para tão delicada missão. E não estavam preparados por que esses mesmos intérpretes, na sua quase totalidade, conhece de sociologia apenas o pouco que lhes dá um Amaral Fontoura, um Theobaldo de Miranda Santos, um Padre Beltrão e outros amadores; e de economia e organização social tanto quanto de energia atômica.

E eles quiseram por em prática os ensinamentos dessas encíclicas. Quiseram ser enganados, prafrente e, até certo ponto, fiéis ao pensamento de Vossa Santidade. E o resultado foi desconcertante: sacerdotes fazendo manifestações ingênuas, com aquelas mesmas atitudes de jovens que querem fazer sua revolução sexual tomando como cavalo de batalha problemas sociais.

E o pior é que foram mais longe e mais longe ainda irão se um basta não for lançado alto e bom som: querem reformar a estrutura (burocrática) da Igreja, pois estão convencidos de que a estrutura é o acidental; a fé o essencial. Parecem desconhecer que fé implica (—) exceto mudança recente do conceito (—) em uma atitude de confiança e não de rebeldia, e que a confiança só perdura quando existem bases estruturais sólidas; é a estrutura, portanto, o essencial e não o acidental. E como não chegam a compreender essas coisas, querem romper com essas mesmas estruturas. E investem já "desestruturados", independentes, com seu Deus Universal,

mas sociais, especialmente) que eles não chegam a visualizar muito bem, tal como quixotes contra seus moinhos de vento. Parece até que voltaremos ao tempo dos catecúmenos. Padres, hoje, entregam-se à prisão com a mesma convicção e tranquilidade de espírito daqueles, quando se deixavam devorar pelas feras no circo romano.

A estrutura é o acidental: o essencial é a fé. Vossa Santidade não é mais o Representante de Deus na Terra: é tu, simplesmente. É um homem como qualquer outro, ou seja, fêz-se a "igualdade" entre os homens e, portanto, teoricamente, a estrutura da Igreja já está desmontada. Querem, enfim, combater o reacionarismo, dentro e fora da Igreja, com a aanarquia.

E o que mais surpreende é o fato de que os que pregam o rompimento da estrutura da Igreja ainda não propuseram nada que a substituisse. E parece mesmo que não têm intenções, pelo menos manifesta de fazê-lo. Resolveram, simplesmente, conversar com seu Deus Universal e camarada, livres, desalienados e independentes, sem preocupações mínimas com normas ou obediência.

O desconcertante de tudo isso para mim, observador participante, Sua Santidade, é o fato de que insistam em permanecer religiosos, católicos. Apostólicos Romanos.

Diante de todo esse quadro desolador, Sua Santidade, parece que não são muitas as alternativas: ou Vossa Santidade adere ao protestantismo proposto, ou usa do poder que lhe confere o comando da Barca de São Pedro e enquadra os rebeldes, ou... esperar que se cumpra a promessa de que as

Variedades dominicais

Jorge Chereim

Comenta-se que Zezé Moreira poderá voltar a dirigir o Fluminense Futebol Clube, da GB. Justiça se faça: nem todo a família Moreira está contaminada de "aimoreísmo" ou "péfrismo". Zezé deu título de campeão ao Fluminense e ao Botafogo.

Acreditem ou não: comeci a escrever esta coluna em 1.968 e só fui terminar em 1.969.

De um reconhecido "inimigo" do Clube de Regatas do Flamengo, do Rio, ao abraçar um torcedor rubro-negro, na passagem de ano: — "Que o Veiga Brito permaneça na presidência do Mengo por muitos e muitos anos mais". Amém!

Neste ano, ao que tudo indica, o homem estará na Lua. A expressão estar no mundo da Lua perderá o seu simbolismo, para assumir um significado literal. Estar no mundo da Lua expressará exatamente estar no mundo da Lua.

Anacronizam-se as esperanças dos que ainda contavam existir vida superficial lunar. Nada leva a essa conclusão. Na definição dos astronautas, "é triste, uma vasta extensão do nada". Não seria, pois, o lugar ideal para nela instalar-se o "Clube do Bate-Papo", poderosíssima instituição litero-ambulante de Florianópolis.

Depois da singular façanha da Anolo-8, a expressão lunático carece de urgente reformulação.

E se a Lua fosse, mesmo habitada — só para argumentar — não achariam mais avulso uma partida pelo campeonato intermunicipal, entre as seleções dos terráqueos e lunares — ou lunáticos —, disputada no Estádio Espacial de Lamasilho?

Os candidatos a astronautas lunares surgem por féla parte. Na Franca, três cavalheiros comunicaram o propósito de viajar a qualquer momento, bastando que se reúnam os serviços. Em Florianópolis, conhecidos "astronautas" preferem continuar a sê-lo com os pés pisando em terra firme.

Já pensaram em que a distância do Brasil a Portugal, por via marítima, é mais longa de que a de Terra à Lua?

Aqui vão algumas terrenas: De um prefeito de município interiorano, às voltas com o problema nada lunar de prestar contas sêbre aplicação de despesas de capital, junto ao Tribunal de Contas da União: — "Mas, o que é que eu tenho com isso? O meu município não é Capital".

Definição de um emérito valista: "O vale é sólida instituição social, responsável pelo temporário apaziguamento de espíritos".

Nova definição de "papagaio": "é o papel que se incorpora ao meio podendo ser circulante — em tempos bicudas. Não é combatido pelas diversas correntes monetárias...

Por falar em vale, Airton — o garçom — bossa nova — finha método infalível de vencer os períodos de retração valista — imposição de política sócio-econômica doméstica. Chegava ao chefe: — "Senhor, não se trata de vale e sim de um adiantamento. Se preferir, de um empréstimo". E superava a barreira proibitiva.

Prece ao gerente de banco: "Amigo nosso, que estais nesta cadeia, perdais, temporariamente, as nossas dívidas — até tempos melhores — assim como o faríamos, se aí e tivéssemos". Foi ouvida de um "promissorista", que pediu absoluto silêncio em torno de sua identidade. Promessa cumprida.

São Paulo — não sabemos se por influência do santo padroeiro do Estado repetiu a façanha do pré-Natal, ganhando a Loteria federal do último dia 28. Conhecidos e perancosos da praça — contumazes perseguidores da sorte grande — já pensam mudar-se com armas e bagagens para a Paulicéia.

Hoje, não sei sob que influência, a coluna recebeu forte contribuição de matéria econômico-financeira.

Por um melhor coração

Uma válvula cardíaca artificial que procura imitar com tanta perfeição quanto possível a natural, está sendo estudada por médicos britânicos na Faculdade de Engenharia da Universidade de Oxford.

A válvula copia a natureza por ser extremamente delgada, com "cúspides" de 0,01mm. As cúspides se emelham-se a pétalas e fecham a aorta, a principal artéria de saída, quando o coração se enche de sangue.

Encarregem-se do trabalho os Drs. Brian Bellhouse e Kenneth Reid, sob o auspício do Conselho Britânico de Pesquisas Médicas. A válvula será testada brevemente num coração de porco.

A turbulência do fluxo cardíaco foi a principal falha das tentativas de desenvolver uma válvula eficiente. O Dr. Bellhouse procura solucionar a dificuldade mediante aumento da eficiência das cúspides, levando-as a se fecharem na proporção de três quartos antes de começar o reenchimento do coração.

As cúspides da válvula serão feitas de rede de nylon impregnada de borracha especial, montada sobre um anel de "silastic" que poderá ser costurado na aorta. A vida útil do material é evidentemente de crucial importância e, por isto mesmo, êle está sendo submetido a extensos testes nas mais rigorosas condições.

O Dr. Bellhouse acredita que os níveis de tensão no corpo não causarão defeitos de fadiga e que os tecidos talvez sejam "convencidos" a crescer ao longo do silástico, tornando as cúspides auto-regenerativas, como o tecido normal.

Ensino catarinense tem novos métodos

O Sistema de ensino atualmente adotado em Santa Catarina deverá sofrer uma mudança radical a partir de 1970, conforme prevê o Plano Estadual de Educação, elaborado por uma Comissão de Alto Nível e entregue quinta-feira ao Governador do Estado. Entre as mais importantes modificações está a que diz respeito à verificação do rendimento escolar no ciclo fundamental comum que terá consequências puramente didáticas, visando o acompanhamento e posterior recuperação do educando, excluindo-se os critérios de aprovação ou reprovação, sem prejuízo de exigências relativas a um mínimo de frequência obrigatória.

O Plano — o segundo no gênero existente no País — entretanto, só será posto na prática quando for efetuada uma reciclagem de professores, diretores e inspetores de ensino, o que está previsto já para o corrente exercício.

Para que se tenha uma idéia das profundas alterações a serem introduzidas no ensino catarinense, basta que se enumere dez das principais metas do Plano Estadual de Educação:

1 — O ciclo fundamental comum será oferecido em oito graus contínuos e articulados, abrangendo oito anos de estudos. As crianças infra-dotadas receberão educação especial independente desta estrutura;

2 — A verificação do rendimento escolar no ciclo fundamental comum terá consequências puramente didáticas, visando o acompanhamento e posterior recuperação do educando, excluindo-se os critérios de aprovação ou reprovação, sem prejuízo de exigências relativas a um mínimo de frequência obrigatória;

3 — Nos quatro últimos graus se adotará o currículo mínimo fixado pelo Conselho Federal de Educação para os cursos ginasiais. Outrossim, nestes graus se proporcionará ao escolar o despertar de vocações e orientação profissional;

4 — O ingresso no primeiro grau será aos sete anos completos ou o completar até o final do primeiro semestre letivo do ano da matrícula;

5 — O primeiro grau em especial o primeiro semestre será destinado à adaptação da criança à escola, oferecendo-lhe educação dos sentidos, educação social e artística, familiarização com símbolos e sinais gráficos da leitura, da escrita e da aritmética, e proporcionando-se-lhe hábitos de higiene;

6 — Mediante teste de verificação, poderá ser admitida no segundo grau a criança que houver recebido adequada a processo de alfabetização. Inclusive, educação pré e coar e inicial — no através de verificação de aprendizagem poderá ser matriculada até o 5º grau, inclusive a criança que houver recebido educação primária no lar, correspondente ao grau imediatamente anterior;

7 — Aos egressos do oitavo grau que não desejem ou não possam prosseguir os estudos em nível médio, serão oferecidas oportunidades, em colaboração com as empresas e entidades patronais, através de cursos intensivos e outras modalidades de ensino objetivo;

8 — O ciclo médio se dividirá em três áreas: ensino secundário; ensino pedagógico (norma) e ensino técnico (industrial, comercial, de enfermagem, agrícola etc.). Os dois primeiros graus do ciclo médio serão comuns. O terceiro grau de ensino secundário será diversificado para atender, principalmente, o acesso à Universidade; o ensino pedagógico terá um grau exclusivamente profissionalizante, seguido de um ano de estágio obrigatório e remunerado; o ensino técnico contará com dois anos de profissionalização, incluído estágio;

9 — Os concorrentes do terceiro grau em qualquer das áreas do ciclo médio, poderão postular acesso à Universidade;

10 — A duração do ano escolar, nos cursos regulares para todos os graus e níveis, será, obrigatoriamente, de 210 dias letivos, no mínimo.

OS OBJETIVOS DO PLANO

O Plano Estadual de Educação, de acordo com a Comissão que o elaborou tem, entre outros, os seguintes objetivos:

1 — Vincular o sistema de ensino às expectativas de desenvolvimento sócio-econômico, aos anseios de vida democrática e aos princípios de solidariedade humana de toda a nossa ação, além de considerar as potencialidades técnicas da vida contemporânea.

2 — Garantir igualmente de oportunidades educacionais à população do Estado, independente de classe, etnia ou cor política partidária, visando promover a expansão social, econômica e cultural em todo o seu território;

3 — Estabelecer a obrigatoriedade escolar às crianças entre 7 e 14 anos em todo o território catarinense, garantindo o E todo a escolarização por 8 anos seguidos;

4 — Implantar nova estrutura escolar de modo a eliminar a dissociação entre o primário e o médio de 1º nível, através de um ciclo fundamental comum de 8 anos e reorganizar o ensino médio de 2º nível, objetivando eliminar a diferenciação dos diversos cursos nas duas primeiras séries e implantando o regime de opções (secundário, pedagógico e profissional) após a conclusão do 2º grau, sem entretanto obstar que o egresso de qualquer das opções postule a universidade, após a conclusão do 3º grau.

5 — Ajustar os objetivos, o conteúdo e os progressos dos vários graus do ensino às necessidades do desenvolvimento e às potencialidades técnicas da vida contemporânea;

6 — Incentivar a iniciativa privada para o desenvolvimento do ensino nos estabelecimentos destinados à educação pré-primária;

7 — Formar, aperfeiçoar e reciclar o pessoal docente, técnico e administrativo para a expansão e aprimoramento dos diferentes graus, ramos e modalidades de ensino;

8 — Difundir e estimular os processos não convencionais de ensino com o emprego dos recursos de ampla divulgação, entre outros o rádio e a televisão;

9 — Despertar e conscientizar a comunidade no sentido de que também participe, de maneira ativa, do esforço comum;

10 — Implantar planos regionais de educação de base, visando dar prioritariamente ao indivíduo de 15 a 30 anos novas oportunidades de educação e adestramento profissional;

11 — Incentivar a formação de centros locais de educação-física e práticas desportivas;

12 — Apoiar as iniciativas que visem o desenvolvimento da educação artística e cultural, na forma do recomeço

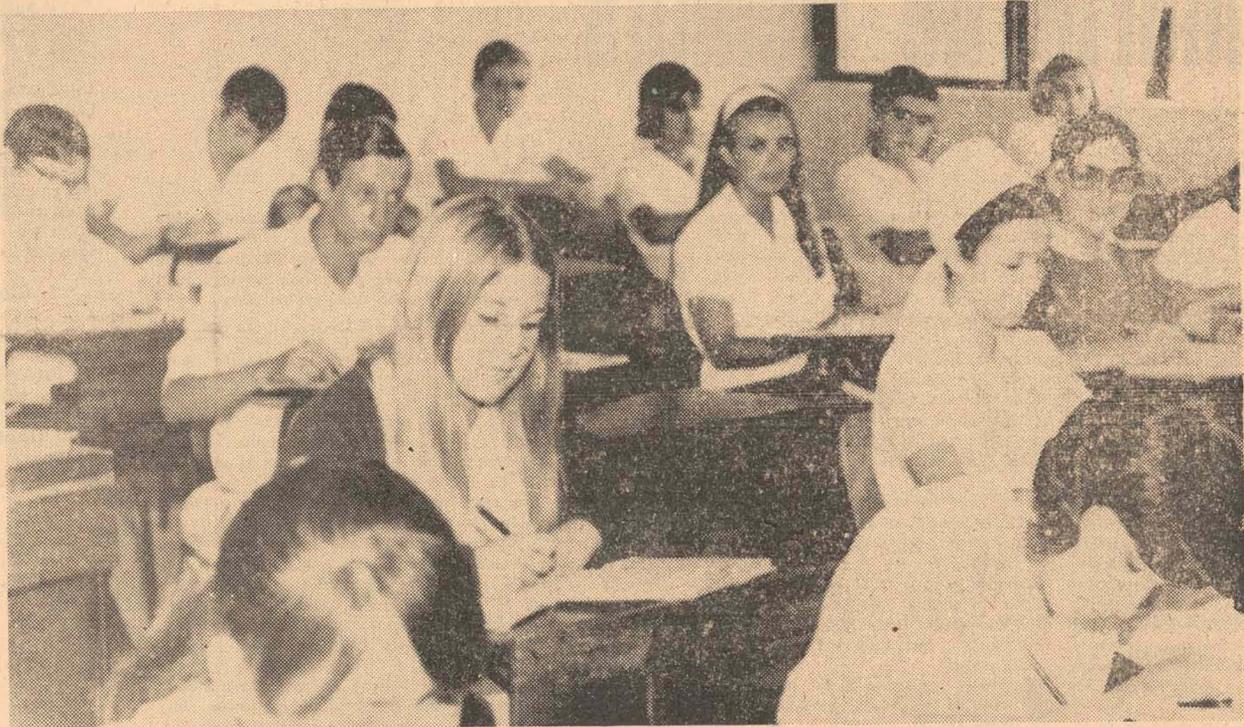
feito pelo Plano Estadual de Cultura;

13 — Estimular a criação de classes especiais, estabelecimentos e instituições destinados a atender aos excepcionais do físico; dos sentidos e da inteligência;

14 — Coordenar a ação educacional das entidades patronais visando o aproveitamento das oportunidades oferecidas na aprendizagem agrícola, comercial e industrial por maior número de jovens desejosos de ingressar no mercado de trabalho e, paralelamente, orientar e controlar a execução das obrigações das empresas para a manutenção e expansão do ensino;

15 — Destacar a importância dos serviços de assistência ao escolar, dinamizando a sua ação para assegurar: merenda, assistência médica, material didático e bolsa aos estudantes carentes de recursos;

16 — Estimular a implantação de cursos diversificados com o objetivo de formar pessoal destinado a atender carências locais, que o avanço técnico-científico está a exigir.



Feito Gil Vicente

Jair
Francisco
Hamms

Mais que quente. Estava uma fornalha. Durante todo o dia não soprara uma brisa. Agora, à tardinha, pesada manta de nuvens pardas esmagava tudo. Mesmo assim São Pedro negava água. São Paulo chorria de calor.

Tão logo vislumbrei uma cadeira, joguei-me. Porque banco, banco de sentar, em São Paulo, não há. Era uma cadeira de um barzinho do Largo do Arouche. De mesinhas na calçada. E São Paulo agonizava. De tanta queimadura.

Pedi um chope dêste tamanho. Gelado. Indecentemente gelado. Veio. Gelado. Não indecente. Gelado. Só.

De princípio, nem conseguia pensar. Eis que tinha um fogareiro no estuário. Mas à medida que fui apagando as brasas o cérebro dava

sinal de vida. Inicialmente, fixe-me na bolacha do chope. No desenho da bolacha. Depois, atirei os olhos pra frente. Pra calçada. Pra passeio. Nas gentes. Nas que vinham da rua Vieira de Carvalho. Pras que iam pra lá. Pra Vieira de Carvalho. Pequeninha. Naniquinha. Pitoca. Um pequeno vaso do grande organismo. Nem vaso. Capilar. Um Capilarzinho do gigantesco capanzil de São Paulo.

E virei Gil Vicente. Moderno Gil Vicente. Como fez o dramaturgo do antanho em alhures, passava eu em revista a sociedade. Ele, a medieval. Eu, a moderna. Brasileira. Paulista. Seus personagens desfilavam num pequeno cais de embarque. Em direção às barcas. Barca do Céu. Barca do Inferno. Os meus o faziam na calçada. Pra

onde não sei. Talvez pro Céu. Quiçá pro Inferno.

Pois como vou saber se o velho de terno cinza e gravata borboleta azul, sobraçando o pacote verde, vai pro Céu ou pro Inferno? Encontrará ele no seu apartamento-zinho do Sumaré uma anja de cabelos brancos que afagará os seus. Também, já brancos. Ou vai ele ao encontro do diagnóstico do terrível doutor sem estranhas que lhe dirá. As claras. Três meses de vida, senhor.

E o guarda, suarento dentro da farda azul-marinho, caminha para a grande promoção por serviços prestados? Ou surpreenderá a sua doce amada nos braços de um tipo qualquer?

A próxima esquina reserva para o mogo de calça Lee e camisa

de sangue um terno encontro com o pai desaparecido? Ou o aleijão no acidente sob a tonelada de ferro e aço?

E a senhora de vestido branco e bôca cheia de sorvete? E o casalzinho de japoneses que passa arulhando? E o velhinho sem mãos? Cotococ, só. E êsses? Êsses pai e mãe e oito filhinhos? Feito escadilha. Desguedelhados e sebotos. E essa sexagenária serlepe e perfumada? De cabelo azul. E êsse de bigodão e barrigudo com o umbigo à vista? E aquê? E êsse? E aqueloutro? Não sei. Não sei.

Só sei que, de repente, São Pedro fez xixi. Encharcou São Paulo todo. Deixei a mesinha. O barzinho. O Largo do Arouche. São Paulo.

Fui pro Rio. Pro Rio, não. Pro Céu. E isso, nem Gil Vicente sabe

A morte de Nelinho

Oliveira
de
Menezes

— E a Santa, Nelinho?
— Ela aparece todos os dias, quando eu vou dormir. Ela diz que eu tenho paciência, que seja um bom menino, que não diga nomes feios. Ela vai me levar para o céu, quando eu morrer.
— Você não deve mentir, Nelinho! Nossa Senhora não gosta de menino mentiroso.

— Não é mentira, não. Dona. Eu vejo ela. Eu falo com ela. Tem uma coroa de luz na cabeça. Mas pai não ouve a voz dela. Só eu.
Assim, Nelinho contava às senhoras da modesta rua suburbana as suas alucinações visuais e auditivas, de maneira simples, como um fato real. Com sua vozinha fraca, seus olhos miúdos, mal lavados, o paletó demasiadamente grande, sua simpatia de menino raquítico, falava da Santa com humildade e convicção.

Da mãe não gostava de falar, desde que ela abandonara a casa, ficando com o cabo Expedito. Ao pai, por força da pouca convicção, não mostrava grande estima. Era apenas o seu pai, e isso não tinha muita significação pa-

ra ele. Amor mesmo, vontade de estar perto, ele dedicava a sua cadelinha, que dera o nome de Nelita. Tratava-se de um vira-lata raquítico, de pernas tortas, costelas à mostra, grandes olhos sem brilho, cobertos por secreção purulenta. Embora fosse penoso admitir, a cadelinha, em se olhando bem, tinha traços acentuados de semelhança com Nelinho, como se fossem irmãos, pelo menos parentes próximos.

Os dois formavam um par gaio, e já estavam incorporados na paisagem da rua sua. Tudo que Nelinho recebia — um pedaço de pão, uma fatia de bolo dormido, até mesmo uma banana — dividia com sua fiel e inseparável companheira, que cada vez emagrecia mais.

Nelinho passava a maior parte do dia na rua, pôsto que o pai só regressava do trabalho à noite. Almoçava na casa da negra Isaura, na lavadeira profissional, cuja pensão Alfredo pagava quando recebia o salário da Central do Brasil.

Um dia, quando Alfredo re-

gressou do trabalho, arrastando a perna de pau, encontrou a casa cheia de gente. O coração de Alfredo advinhou desgraça, mesmo que endurecido pelos sofrimentos. Correr não podia. E de que adiantava?

Alfredo olhou para o filho morto, deitado sobre a mesa da cozinha e, com os olhos distantes, perguntou aos vizinhos como tinha acontecido. A negra Isaura lhe disse que o caminhão do lixo tinha deixado cair um osso. Nelita correu para apanhá-lo. Nelinho percebeu o perigo. Correu para impedir a morte da sua amiguinha. Tropeçou numa pedra e os dois projetaram sob as rodas trazeiras do pesado veículo. Nenhum grito. Nenhum gemido. Nem sequer um arrastar de rodas.

Aos gritos dos moradores, o motorista estancou o carro com facilidade. Viu a massa vermelha-cinza na poeira da rua. O corpo de Nelinho foi apanhado pelas mulheres, aos gritos de desespero. Os homens sentiram náuseas e permaneceram imobiliza-

dos, lívidos. O motorista abriu a porta do lado do motorista e convulso. O corpo de Nelinho foi levado, como um passarinho morto, para a velha mesa da cozinha.

Muita gente afirmou ter visto um Santa, igual àquela com quem Nelinho conversava, puxando-lhe o corpo raquítico para sob as rodas do caminhão do lixo.

Alfredo ouviu tudo calado, torcendo o boné com as mãos ruínas. Sentiu dores no coto da perna amputada. Apoiou-se no velho fogão e olhou, através da janela, para o fundo do quintal. Uma estrêla riscou o céu escuro e apagou-se. Lembrou-se que costumava dizer a Nelinho que as estrêlas que correm, morrem para sempre.

Mesmo de costa, estendeu a mão calçada e posou-a na cabeça do filho. A luz trêmula do candeeiro não lhe atingia o rosto sulcado pelo sofrimento. Por isso, ninguém notou que grossas lágrimas, amargas lágrimas, desciam por entre os fios da barba crescida.

Futebol é assim mesmo ...

Saul
Oliveira

1 — Tudo é igual — No nosso campeonato de futebol, existe uma filosofia de alguns dirigentes, "de que não se deve perder jogo em casa", isto é, quando o clube da nossa predileção disputa partida em seu próprio campo. Tal maneira de pensar, criou muitos casos no decorrer do ano de 1968, quando as torcidas, aceitando os dogmas das diretorias das nossas associações, entenderam que vencer jogo em casa, era vencer de qualquer maneira.

De tais entendimentos, vieram as pressões aos árbitros, agressões a atletas de clubes adversários e tudo mais que proporcionasse vantagem para o clube local.

passado, onde todo mundo grita que jogar aqui e ali não dava pé, porque as torcidas e os árbitros prejudicavam, tremendamente, e time visitante.

Agora, dando uma olhadinha nos resultados das eliminatórias da Copa do Mundo, de 1970, verifico que a coisa lá fora, não é muito diferente do que ocorre aqui.

No Grupo 6, de tal disputa, depara-se com os seguintes resultados: Finlândia 2 x Bélgica 2 — Bélgica 6 x Finlândia 1 — Iugoslávia 9 x Finlândia 1 — Bélgica 2 x Iugoslávia 0 — Iugoslávia 0 x Espanha 0 e Espanha 1 x Bélgica 1.

Como se sabe, o primeiro país apontado é o que constitui a sede do jogo, e o que se vê é

que ninguém, a exemplo daqui, perdeu jogo em "Casa".

Será mesmo que o negócio lá é como aqui...?

2 — C.B.D. criou problema — Com a tremenda e incabível medida da Confederação Brasileira de Desportos, da interdição do estádio Heriberto Hulse, do Comércio, de Criciúma, para o jogo final entre Metrópol e Botafogo, pela Taça Brasil, vê-se a Federação Catarinense de Futebol em verdadeiro palpo de aranha, com tal situação.

A decisão cebelense, apesar de injusta e extra legal, foi adotada pelo órgão máximo do futebol brasileiro e, por isso, tem validade, como realmente ocorreu com a transferência da partida Metrópol x Botafogo, para Florianópolis que deveria, de direito, ser jogada em Criciúma.

No corrente mês, deverá ser iniciado o nosso campeonato estadual e Criciúma, evidentemente, deverá comparecer com três ou quatro representantes.

Ora, diante da interdição do campo do Comércio e dos outros mais da capital do carvão, pois Criciúma possui quatro estádios em condições de jogo do nosso campeonato, parece que vai haver problemas, salvo de uma Confederação Brasileira de Desportos, a tempo, revogar a estráxula medida que determinou contra as praças de esporte de Criciúma, porque, em campo interdição, não poderá haver jogo.

Literatura Catarinense / 1968 (I)

Celestino Sachet

Introdução:

Recente notícia de jornal carioca informava do sucesso de um livro editado em Santa Catarina. Por autor quase barriga-verde. E abordando temas de

nosso Estado. Isto me levou a mergulhar no mundo editorial da Província.

E, ao voltar à tona, surpreendime. Nunca se escreveu tanto. E tão bem. Por estas bandas esquecidas do quase extremo sul do País.

Minhas pesquisas começaram com Florianópolis. Por quanto, as informações de que se dispõe sobre o que se passa além ponte Hercílio Luz são quase zero.

Meio assim, é de se esfregar as mãos.

Ninguém tem idéia de quanto se pensa. De quanto se escreve. De quanto se cria. De quanto se edita nesta "Ilha de sol e mar".

E se edita de tudo. História. Educação. Geografia. Direito. Gramática. Literatura. Ficção. E Poesia.

E por todos os meios. Modos e medidas.

Pela Imprensa Universitária. Pela Imprensa Oficial. Pela Divisão de Informação da Acaresc. Pelo próprio autor. Por tipografias particulares. Indo desde o mimeógrafo à editora Leitura. E, até do Bloch.

E, praticamente, em tudo o que se vem publicando, aliam-se esforços do Governo Federal — Plano Nacional de Educação —, Governo Estadual — Secretaria de Educação e Cultura —, de entidades outras.

Enfim, tutti quanti. Num autêntico mutirão cultural.

E mais: é grande a preocupação didática de todos os autores. E editores. Como que a atender, especificamente a esta batelada de estudantes que aí está. Estudando. Pesquisando. Descobriundo. Querendo ser.

Uma espécie de Universidade Popular, com professores que não se contentam com seus alunos anônimos. Mas que anseiam por entrar em contacto com todos os que, de certa forma, também fazem da cultura uma preocupação insistente.

1. Ciências Sociais:

1.1 — Para abrir a lista de nossa síntese, "História de Santa Catarina". Do Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral. Que, a estas alturas, entrega o 58º livro a um grande público acostumado a lê-lo. Há quarenta anos. Acrescido pelos seus jovens alunos da nossa Faculdade de Filosofia. E agora, de todo o Estado.

Através do Plano Nacional de Educação e da Secretaria de Educação e Cultura, num volume de 430 páginas, com excelentes índices e anexos — quase 100 páginas —, ORC conseguiu reunir e compilar fotos já narradas pelos clássicos das nossas letras históricas. Acrescidos de farta documentação original que, em mais de 30 anos, andou compulsando nos arquivos e nos velhos jornais de nossa velha Biblioteca Pública — o titular da Cadeira de Antropologia da UFSC, reconstruiu, uma série de fatos, até então, inéditos.

Tudo dentro daquele "tônus" pessoal. Com um estilo saboroso, e muitas vezes pitoresco, transformando o trabalho em uma sequência de páginas de elaborado composição estética.

Para ilustrar, eis como conclui a narração de "A Guerra dos Farrapos e a República Juliana" (Pág. 129)

"De toda a eponéia Juliana restaram a glória de Anita e as ruínas do Seival.

O lanchão que assistira à luta desesperada dos bravos e se molhou com o sangue dos heróis, ficou encachado à praia de Laguna.

Mais tarde, curam-lhe as feridas de guerra, mas perdeu o nobreza e o nome. Dêle fizeram um iate que recebeu o nome vulgar de "Garrafão".

Depois, com os anos o inutilizaram e na praia o esqueceram. E assim foi apodrecendo aos olhos de toda a Laguna, a relíquia da guerra que lhe importalizou o nome. Por fim, restou apenas sua carcaça, o seu cavername, até que das suas juntas, entre duas vigas, brotou uma figueira. Brotou, cresceu e teve o dom de enternecer os corações lagunenses, reforçados pela palavra de um eminente historiador barriga-verde. Levaram-na para o jardim da cidade, replantaram-na em tocante cerimônia cívica, e lá está até hoje a Arvore de Anita".

1.2 — Numa edição do autor, e original como de Hélio Lange, o Prof. Jaldyr B. Faustino da Silva, apresenta sua "História do Brasil". Para Curso Superior e Professores de Nível Médio.

Na apreensão do trabalho, JBFS coloca-se dentro daquele enfoque defendido por Lauro de Oliveira Lima quando diz que "o professor não ensina, ojuca o aluno a aprender". Diz mais, que os volumes — outros estão prometidos — nretendem ser um elo entre o livro didático e a obra erudita.

Se considerarmos que o trabalho apresenta a História do Brasil, não através de dados, fatos e datas, mas por "pensamentos atuantes", chega-se à conclusão de que o trabalho não é simplesmente um elo entre duas maneiras de encarar a História — a forma erudita e a didática —, mas consegue ser, ao mesmo tempo, os dois.

Numa visão de conjunto, acompanha-se um mesmo pensamento desde sua origem. Dissecase a evolução até às conseqüências. Que irão provocar um novo pensamento atuante.

1.3 — Ainda do mesmo autor, mas agora em companhia do Coronel Ayrton Capella, numa tiragem de 5.000 exemplares, rodada em menos de trinta dias na Imprensa Oficial do Estado, "Organização Social e Política do Brasil", outro livro há muito esperado. Fruto da experiência do ensino das Instituições Brasileiras, durante um bom par de anos, no Instituto Estadual de Educação e no Colégio Coração de Jesus.

Em sete capítulos, onde a preocupação didática de dizer as coisas, somete à simplicidade e à exatidão, os dois professores debatem o Estado Brasileiro. Cidadania e Nacionalidade, A Sociedade Brasileira, O Brasil e as Relações Internacionais, Os Objetivos Nacionais, A Segurança Nacional e Os Símbolos Nacionais.

Por abordar temas de alto interesse nacional — como o da Segurança —, o livro estrapola as fronteiras de obra simplesmente destinada a estudantes de nível médio para invadir os campos de um verdadeiro Guia de Civismo.

Algumas afirmativas arrojadas — "a educação é fator de segurança nacional" (Pág. 28) — cu prolongadas análises sobre as avras — tabus — "direito de greve, direito do trabalho, sindicato, reforma agrária" —, mostram que seus autores não se detiveram diante de nenhum tema. E sem medo de desagradar a quem quer que seja, procuraram, dentro da democracia, apontar soluções para uma boa penca de problemas que têm incomodado bastante as nossas autoridades.

(Continua)

Jornal velho

Há 24 anos,
O ESTADO publicava:

1 — OS HORRORES DA GUERRA — A Segunda Grande Guerra Mundial era a manchete de todos os dias nos jornais. A principal notícia da edição de O ESTADO do dia 5 de janeiro de 1945 era a de que Winston Churchill havia viajado para Paris, onde conferenciou com os Generais Eisenhower, De Gaulle, Montgomery, bem como com o Ministro Duff Cooper. Churchill anunciou em seu regresso uma próxima reunião com Roosevelt e Stalin, que seria realizada em Washington. Enquanto isso o General Mascarenhas de Moraes, Comandante da Força Expedicionária Brasileira que se encontrava lutando na Itália, telegrafava ao Ministro da Guerra comunicando que os pracinhas do Brasil continuavam dando demonstrações de bravura, lutando tenazmente em favor da vitória dos Aliados.

De Moscou vinha a notícia de que eram enormes as baixas alemãs na Rússia. Ao mesmo tempo em que se anunciava ter falhado o plano do alto comando alemão para levantar o sítio de Budapeste.

2 — PREVISÃO SOBRE O BRASIL — Num livro intitulado "Gentlemen Talk os Peace", William Ziff opinava que o Brasil "está fadado a tornar-se uma das quatro grandes potências do mundo, ao lado dos Estados Unidos, Rússia e China". O autor acrescentava que "o Império Britânico é um organismo moribundo e que a França está perdendo o seu lugar como potência mundial".

3 — A MORTE DO EMBAIXADOR — Morria em Genebra o Embaixador Raul do Rio Branco, último filho do ex-Chanceler brasileiro José da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco.

4 — NOME A CAVALO — Do Rio vinha a notícia de que o Presidente do Tribunal de Segurança recebera um telegrama de protesto contra o fato de ter sido dado o nome de Dom Pedro II a um cavalo de corridas. O telegrama apelava para que fosse chamado e responsabilizado perante aquele Tribunal "o cidadão Adolfo Schmalz, residente em Santa Catarina, que denominou Dom Pedro II um cavalo de sua propriedade, procurando achincalhar a memória do grande vulto da nossa história".

Oswaldo R. Cabral

Nercu Corrêa

Em agosto de 1968 recebemos uma enquete do jornal "A Nação", dos Diários Associados, indagando sobre problemas da cultura em Santa Catarina. Entre várias perguntas, havia esta: "Qual a sua obra mais importante de autor catarinense?" Tive dúvida em responder que a obra mais importante, de autor vivo, encarada no seu conjunto, é a de Oswaldo R. Cabral.

A bagagem do ilustre homem de letras já monta em cerca de sessenta trabalhos, entre livros, conferências e discursos. Não sei se encontraremos entre os nossos escritores, do presente ou do passado, quem o tenha excedido em fecundidade bibliográfica. Mas seria um desautorizar afeirar os méritos de um escritor apenas pelo número de livros que lançou no mercado. Se assim fosse Coelho Neto seria o maior escritor brasileiro, e Manuel Antônio de Almeida, que apenas escreveu "As Memórias de um Sargento de Milícias", um autor apagado. Na obra de Oswaldo R. Cabral, justo é que se diga, não há um só livro que não troga a marca do seu talento e a originalidade do seu espírito. Mesmo nos trabalhos de circunstância, como as conferências e os discursos, há sempre uma mensagem de cultura e de bom gosto literário. Bastariam esses predicados para garantir-lhe um lugar de relevo nas letras nacionais, dentro da sua especialidade.

E por falar em especialidade, qual é o escritor que não tem a sua, aquilo que os franceses chamam de "faculté maitresse", por mais largo e multiforme que seja o seu campo de trabalho? A de Oswaldo R. Cabral é a História. Na sua bibliografia encontram-se livros de medicina, folclore, etnologia, impressões de viagem, não faltando, mesmo, dois volumes de ficção. Entretanto, é a história que ocupa o maior espaço, com cerca de três dezenas de títulos. São pesquisas e estudos sobre o passado catarinense, em que, a par de episódios controvertidos ou fatos obscuros, iluminados sob a lupa do mestre, erguem-se alguns valores humanos, nomes que fizeram história em Santa Catarina.

Oswaldo R. Cabral não pertence a esse tipo de historiador que se compraz apenas em trabalhar sobre material de segunda mão. Ao assinalar esse fato, não quero com isso diminuir o mérito dos estudos feitos nessa base, nem afirmar que, na investigação do passado, se possa dispensar os subsídios de alheias pesquisas. Pelo contrário. Sem esses subsídios não haveria história. Creio mesmo não existir outro gênero literário que mais dependa da contribuição de terceiros — dir-se-ia uma espécie de miratão literário — do que o historiografia. Mas, de outra parte, não é menos certo que tais estudos se revelem de maior valor quando, ao lado das águas que moveram outros moinhos, o autor vai buscar também as suas nas vertentes escondidas na floresta.

Oswaldo R. Cabral tem esse mérito: vai às fontes, esmiúça velhos alfarrábios, mergulha nos arquivos empoeirados pelo tempo, adentra-se em antigas coleções de jornais, ouve testemunhos. Não fica nas achegas. Não se contenta em arrombar portas abertas ou em trilhar caminhos pedinados pelos que o antecederam na exploração do mesmo sítio. E quando na sua mão nos serve algumas iguarias aheias, nós logo sentimos, pelo sabor, como dizia o velho Frei Amador Arrais, que o guisamento é da sua casa. Dado de um estilo simples, que lhe flui da pena

com graça e naturalidade, o autor de "João Maria" jamais é cansativo, por mais fatigante que se nos afigure o tema versado.

Todas essas qualidades estão presentes no seu último livro, "História de Santa Catarina", que a Secretaria de Educação e Cultura acaba de editar. Impresso nas oficinas da U.F.S.C., com boa feição gráfica, o livro em questão veio de fato preencher uma lacuna que há muito se fazia sentir na bibliografia sobre a história do nosso Estado. É verdade que ele já nos havia dado "Santa Catarina", obra publicada pela Cia. Editora Nacional, na coleção "Brasileira". Mas esse livro, além de se achar esgotado há muitos anos, rematava a história do nosso Estado nos idos de 1930. Havia, portanto, uma defasagem de mais de trinta anos no levantamento da história catarinense. Poderá dizer-se que essa é a história que estamos vivendo, a história em ser, de que somos comparsas e testemunhas. Nem por isso é menos digna da atenção dos historiadores. Tanto mais se considerarmos que, na sociedade de hoje, as mudanças são tão frequentes, e de tal modo profundas, que cada vez se torna mais violento o conflito entre as gerações, nessa vertiginosa sucessão de valores com que se tece o contexto social deste século. Um homem de trinta anos, em nossos dias, já é um "coroa" para um jovem de dezoito primaveras. O presente é uma realidade evanescente na ordem dos valores, nessa ciranda do ser e do não ser que é a maior tragédia do nosso tempo.

Confrontando-se os dois livros, "Santa Catarina", editado em 1937, e agora este "História de Santa Catarina", vê-se logo que são duas obras diferentes. O primeiro não serviu nem sequer de modelo ao segundo. "Santa Catarina" é quase que a história vista através das conquistas e dos conflitos armados. No último livro o autor abre um largo espaço ao estudo da evolução econômica e da vida dos municípios. Sem menosprezar a obra no seu conjunto, podemos dizer que esse é um dos aspectos mais interessantes do livro. Ao longo das suas páginas encontramos, intercalados no texto, à maneira de rápidos "flashes" compostos em itálico, os históricos de cada município. Livro volumoso, de mais de 400 páginas, o autor enriqueceu-o, para facilitar a consulta, de três índices: o onomástico, o toponímico e o geral. Além disso, a obra oferece aos estudiosos, em apêndice, a genealogia dos municípios catarinenses, a divisão judiciária, a jurisdição eclesiástica, a relação dos governadores, presidentes, juntas governativas, interventores e substitutos eventuais no governo de Santa Catarina, com as respectivas datas; as representações no Senado e na Câmara desde o Império e uma copiosa bibliografia das obras consultadas.

Obra essencialmente informativa, reunindo farto material sobre a história e a vida catarinense, vê-se claramente pelo plano a que obedeceu, e pelo sentido didático da exposição, que o autor quis escrever uma "História de Santa Catarina" para professores e estudantes, como é próprio o diz no prefácio. Podemos afirmar que Oswaldo R. Cabral não só atingiu plenamente o seu objetivo, como o ultrapassou. Isso porque o livro que acaba de editar não servirá apenas a estudantes e professores, mas se a obra de consulta obrigatória a todos aqueles que, doqui por diante, se obalancem em escrever sobre o Estado de Santa Catarina.

Baile de gala

Adolfo Zigelli

Pois irmãos, eu fui a um baile de gala. Não que eu não tivesse ido antes. Jornalista vai até a recepção de Rainha, papagaio existe para isso mesmo.

Mas este é diferente, baile com pretensões o acontecimento, lantejoulas nas colunas e ai-ai-ai de madamas emperucadas.

Fui. Em meio a um calorão de 40 graus vestir o smoking, a gravatinha de vaquero de far-west, afinal reveillon só acontece uma vez por ano. A primeira olhada no espelho já me considerei um pinguim fora do gelo. Consolei-me com a cara de mártir do meu amigo, o convidante. Suava até nos calcanhares, suava mesmo, aquilo não era transpiração não. Antes, o coitado já sofrera um desfalque extra-orçamentário por causa do vestido da madame, vestido de gala, longo, é baile à rigor.

11 horas da noite. Três patetas suportando, heróicamente, os minutos que antecedem o grande acontecimento, um wiskeyzinho com gelo para animar. Ao clube que já é quase meia-noite. O dito. Verdadeira sauna, mesmo porque, por aqui, ainda não chegaram essas novidades de refrigeração, vai com leque de revistinha mesmo.

Empurrões e encontros suarentos até a meia. Mal dá para cumprimentar um ou dois amigos e a orquestra ataca de ano novo, segura esse samba não deixa cair.

Carnaval. É baile de gala. A rigor, diz o convite. Os honrados e solenes paletós de smoking jozem esquecidos sobre as cadeiras, camisas fora das calças, gravata atravessada, rostos pingando. O baile de gala continua.

Os vestidos longos se descomentam, sobem mais aqui do que ali, alguns suportes anatômicos fora da linha de equilíbrio, manchas debaixo dos braços, pintura escorrendo pelo rosto, revelando cruelmente certas realidades tão penosamente escondidas pelo make-up. É o baile de gala.

A cerveja horrivelmente quente, empadinhas de ante-onem, produto da teoria de Lavoisier, nada se perde na natureza, tudo se transforma. O serviço é péssimo, o wiskey made in Estado do Rio.

TRANSFERENCIA

É triste, mas é verdade. O Prefeito de São José dos Pinhais, Atilio Talamini, esteve em Blumenau acompanhado de representantes da Câmara de Vereadores daquele município, acertando todos os detalhes para a transferência definitiva da indústria de toalhas ARTEX para o Paraná. O grupo pretende transferir todas as suas instalações para o vizinho Estado. De tal forma estão adiantados os estudos para essa transferência, que a fábrica paranaense da ARTEX terá a sua construção neste mês de janeiro, devendo ser concluída no prazo máximo de 18 meses.

Isto chama-se descapitalização do Estado.

FRASE

Do Papa Paulo Sexto, insistindo na paz:

— "A paz não é uma flor que brota espontaneamente em nossa terra árida, desprovida de amor e banhada de sangue. A paz é o fruto da transformação moral da humanidade. Exige uma cultura conceitual, ética, sociológica e jurídica".

OUTRAS FRASE

Conta a Revista MANCHETE que ao ouvir o senhor João Havelange, presidente da CBD, dizer que o Brasil tem bons jogadores e que falta é dinheiro, o Presidente Costa e Silva respondeu: — "Então console-se, pois acontece o mesmo com o Governo".

TELEGRAMA

Quem ficou embatucado com um telegrama recebido de Joinville foi o Deputado Mário Olinger. O telegrama, misterioso, dizia apenas: "Deputado Mário Olinger. Assembleia. Fórmula Um. Abraços. Deputado Pedro Collin". O telegrama, aliás, poderia causar uma confusão digna de Kafka se caísse nas mãos de alguma autoridade com imaginação fértil.

Aquela expressão lacônica "FORMULA UM" poderia ser um código, ora se podia. Quem decifrou o mistério foi o Deputado Walter Zigelli. Aquela FORMULA UM, não era nada mais que a primeira fórmula telegráfica de mensagem de boas-festas do nosso inefável DCT. O telegrafista de Joinville achou mais fácil despachar assim mesmo.

Acontece que o Deputado Pedro Collin teve mais de 7 mil votos e muito eleitor deve andar, a esta altura, com o telegrama na mão, tentando decifrar a mensagem.

Tranquillizem-se. Quer dizer apenas "Feliz Natal e Próspero Ano Novo".

MAIS LUZ

Da Rua Pisca-Pisca mandam um recado para o dr. Lúcio Freitas da Silva: O Natal já acabou e se aquela iluminação alternada com escuridão fica muito bem num pinheirinho, não tem graça nenhuma para uma rua central da cidade. Há namorados que levam cada susto! E pedem que o dr. Lúcio faça a gentileza de mandar um homem para acabar com o pisca-pisca cervante.

Em tempo: o pisca-pisca é ali, na Rua General Bittencourt.

BOA NOTICIA

Foi iniciada ontem, pela Prefeitura, a operação por um longo. Cerca de 300 homens e diversas viaturas foram mobilizados para combater os focos de pernilongos nas principais zonas alagadas. ...

OS PERUS

Depois dessas prolongadas festividades de fim de ano, aumentadas pelos fins de semana, aumentou também o consumo de anti-ácidos efervescentes, sorrisais e familiares. E, como o peru é o prato típico dessas ocasiões, os cercados sofreram violento desfalque e a mortandade entre o nobre família dos galináceos atingiu níveis nunca antes alcançados. É bem verdade que não se sabe bem se os perus pagaram o pato ou se os patos pagaram os perus, porque os pregos foram subindo na razão direta da procura. Acontece que o estrago e a devastação nos apavorados arraiais emplumados só não foram menores que o desequilíbrio e a violenta revolução intestinal deflagrada no sistema gástrico dos consumidores. A tal ponto chegou essa autêntica perufobia pós-natalina, que o jornalista Jali Mcirinho, com o rosto refletindo o seu enjôo, afirmava, entre um Sorrisal e um copo d'água gelado:

— "Pelo amor de Deus não me falem em peru! Não posso ver peru nem em galinheiro. Se fizerem glu-glu perto de mim não me responsabilizo pelo vexame".

É o baile de gala. O reveillon festivo.

Aí vem um cara que a gente nunca viu mais gordo na vida e manda em daqueles abraços monumentais, feliz ano-novo, pega na lapela do paletó, puxa na manga, tapinha nas costas.

E vem outro, mais outro, enfim dezenas, até que raia sanguinea e fresca a madrugada.

É o baile de gala. E tome Carnaval, de-lhe oguinê, samba, marchinha.

No próximo ano eu vou do pierrot, de arlequin, sei lá.

Um de palhaço mesmo.

FARRAPOS DE MEMÓRIAS

Gustavo Neves

Das minhas memórias de jornalista, por entre as alegrias e tristezas que sempre assaltam a sensibilidade dos que têm de viver as emoções dos acontecimentos dia a dia noticiados ou comentados, são muitas as recordações de coletivismo que repontavam em gestos e deferências dos companheiros de redação. Mas há também a lembrança de uma excelente colaboradora de todos os instantes, prestativa e anônima, a cuja eficiência o jornal, diariamente, devia parte considerável da matéria que lhe ocupava as colunas: era a tesoura. Quando o serviço telegráfico não nos chegava a tempo, ou na ausência de alguma colaboração com a qual contávamos, funcionava a tesoura.

Ainda hoje é assim ponderoso o papel que a tesoura exerce num jornal que, tendo de aparecer todos os dias, nem em todos dispõe de quem lhes forneça escritos inéditos. Outrora, vivíamos constantemente a utilizar a tesoura, para recortes de noticiário ou artigos de outras folhas que nos chegavam à redação, vindos dos grandes centros do país. Antes das linhas regulares da aviação comercial, havia os correspondentes especiais, no Rio e em São Paulo, que nos enviavam por telegrama o noticiário extraído dos grandes matutinos paulistanos ou cariocas. Acontecia, porém, e não raramente, que o serviço telegráfico era deficiente ou não nos chegava com a regularidade precisa. Não havia, pois maneira de evitar que as notícias com que desejávamos satisfazer a curiosidade ou o interesse dos leitores tivessem de ser transcritas dos maiores órgãos da imprensa de outros estados. Entrava, assim, em ação a nossa valorosa companheira, a tesoura.

Mais tarde, (não posso aqui precisar a época) a aviação comercial se tornou o meio de transporte mais rápido e passaria a substituir o serviço telegráfico dos jornais, suprimindo-os de matéria novinha, trazida pelos periódicos das grandes capitais.

Por outro lado, o rádio, com os seus jornais falados, passaria a constituir também fonte de informações sempre acessíveis, — e, nesse caso, folgaria a tesoura.

A verdade, porém, é que nem de todo terá sido dispensado o prestíno auxílio desse jornalista anônimo, resignado ao trabalho gracioso e correto. Quantos jornais não haverá ainda por aí, que conservam, com reconhecido carinho, os serviços da tesoura? Digam-me se tudo o que se publica, em matéria de informações diárias, é mesmo captado diretamente das agências de notícia, que possuem serviço especial de rádio... Não é mais fácil, mais cômodo, mais natural, especialmente para os jornais de modestos recursos, colher nos diários que lhes chegam por avião a notícia de maior interesse?

É certo que o noticiário assim obtido é quase sempre atrasado de pelo menos um dia. Anote-se, ainda assim, a vantagem que isso representa sobre o antigo serviço telegráfico especial, que chegava frequentemente retardado.

Há, sim, os jornais que, dispendo de entendimento com agências de informações, oficiais ou não, mantêm atento o pessoal habilitado para captar o noticiário sempre novo. Mas não compõem estes a generalidade da imprensa provinciana.

Posso assim imaginar a dificuldade com que, há cem anos atrás, se faziam jornais por aqui... E percebo a razão dos grandes folhetins que publicavam em rodapé, proporcionando aos seus leitores a leitura dos romances de maior fama editados no país, ou traduzidos principalmente do Francês. E, diga-se de passagem, alguns desses folhetins possuíam tal força de sensação que só eles justificariam, naqueles velhos idos, a procura e estima pública pelos periódicos locais.

Aparece-me, não que, ainda e tempos recentes, há pessoas que procuram na Biblioteca Pública as coleções de jornais do passado para... lhes recortarem os folhetins. A essa suposição me inclino porque verifico que muitas das velhas folhas da antiga imprensa se encontram ali mutiladas: atenuadas, que as consultores não resistiu à tentação de levar consigo a parte do rodapé, em que havia sempre um capítulo de romance.

A tesoura, ou, mais modernamente, a lâmina de barbear?

Arzuza anuncia nova reforma

Ao empossar o general Carlos de Moraes na presidência do IBRA, o ministro da Agricultura, sr. Ivo Arzuza, anunciou que o processo de Reforma Agrária no Brasil ganhará novo impulso com a regularização das relações jurídicas, sociais e econômicas de cerca de 40.000 famílias de agricultores por ano.

O trabalho de promoção do desenvolvimento agrário será, segundo acentuou o sr. Ivo Arzuza, facilitado pelas disposições do Ato Institucional n.º 5, valorizando o homem do campo e facilitando o acesso à propriedade da terra.

"A adoção da nova tecnologia agrícola — sublinhou o ministro da Agricultura — possibilitará a incorporação ao mercado consumidor dos 50 milhões de brasileiros que vivem alheios aos benefícios do progresso".

Disse o ministro Ivo Arzuza que a implantação da Reforma Agrária representa meta prioritária do atual governo e que, depois de sanada a administração do IBRA, pela oportuna intervenção decretada pelo presidente Costa e Silva e executada pelo general Luiz Carlos Tourinho, e terminado o estudo do Grupo de Trabalho Interministerial que examinou detalhadamente o assunto, "já se pode reforçar os pontos bons, indicados no relatório CT, e reformular o que foi apontado de negativo, pois o processo da Reforma Agrária há de ser sempre dinâmico".

Acentuou que os resultados apresentados pelo GT, cuja redação final levará no próximo dia 15 ao presidente da República, representam um novo impulso para implantar as medidas necessárias ao aceleramento da Reforma Agrária.

Disse que o governo partirá, decididamente, para a execução desta reforma, descendo a detalhes regionais, face aos subsídios encaaminhados pelos Estados e as características da agricultura de cada região.

Alinhou, a seguir, observações colhidas em diversos países da América Latina, no que se refere à estrutura agrária, e voltou a defender a tese da descentralização da reforma agrária, com a participação dos governos estaduais, a fim de que seja obedecidas as características e as necessidades de cada região brasileira.

Acentuou que ainda existe muita coisa a ser feita em termos de reforma agrária, mas que o governo tem o propósito inabalável de promovê-la, por todos os meios e formas possíveis, sendo que uma delas será "a melhor utilização da terra, para que o aumento da produtividade possa acompanhar o ritmo crescente da demanda de alimentos, resultantes da expansão demográfica".

O novo presidente do Instituto Brasileiro da Reforma Agrária e general Carlos de Moraes, disse ao ser empossado no cargo que o trabalho da nova diretoria terá sua etapa mais decisiva na distribuição de terras em áreas prioritárias selecionadas, a partir da reformulação do processo de reforma agrária em fase final de estudos pelo Grupo de Trabalho Interministerial.

Fez precisão de fé nas diretrizes do Estatuto da Terra, ditada ao tempo do governo Castelo Branco, acentuando que zelará pela integridade daquela doutrina, e executará suas disposições, com o que — acrescentou — contribuirá para o incremento da produtividade agrícola e de melhores condições de vida para o homem do campo brasileiro.

Acentuou o general Carlos de Moraes, que, embora haja opiniões em contrário o IBRA realizou muito durante os 4 anos da revolução de março e apontou, como aspectos positivos da reforma agrária, a realização do cadastro territorial e sua atualização, a implantação do sistema tributário e os trabalhos de regularização das terras da União, dos Estados e Municípios.

Carvão nacional - pesquisa - indústrias de transformação e economia

Ten.Cel. Eng.º Elias Paladino

A indústria carbonífera tem suas características próprias profundamente originais. A indústria carbonífera é, na civilização moderna, uma indústria chave, indispensável à fabricação de certos produtos que representam um papel importante na economia de uma nação: produtos siderúrgicos, produtos agrícolas, produtos químicos, eletricidade, etc.

É uma indústria pesada, que mobiliza meios materiais e financeiros consideráveis, para bem extrair, transportar e transformar o carvão: procepar o subsolo, furar os poços, perfurar galeria, construir vias férreas, estradas, portos, edificar cidades mineiras, centrais elétricas, coquerias, usinas químicas, etc.

É uma indústria de mão-de-obra, que emprega os homens por dezenas de milhares, dentro da atualidade brasileira.

A mina é um mundo original onde os problemas sociais são particularmente importantes.

É por todas estas razões que em muitos países, o Estado intervém no setor carbonífero.

Na Grã-Bretanha e na França, por exemplo, as empresas carboníferas se encontram estatizadas.

Uma análise do problema atual do carvão nacional indica a necessidade de serem tomadas certas medidas que assegurem o equilíbrio no seu ciclo econômico.

Existem problemas grandes para serem equacionados em prazo curto, ou seja, para uma apreciação até 31 de dezembro de 1970, quando a Comissão do Plano do Carvão Nacional (CEPCAN) se extinguirá por força da Lei n.º 3.860, de 24 de dezembro de 1960.

As soluções para estes problemas exigirão a montagem de uma estrutura, onde deverão ser considerados:

- planejamento global, de alto nível, do ciclo econômico do carvão na região Sul do país; e a estruturação objetiva e realista de sua administração de produção;
- planejamento de alto nível e execução de pesquisas para a determinação exata do potencial econômico das jazidas carboníferas da região Norte do país, notadamente na bacia do alto Amazonas e região do Tocantins-Araguaia (Estados de Goiás, Maranhão e Pará);
- criação de um organismo que, após 31 de dezembro de 1970, tenha por atribuições:
- controle e coordenação das atividades das bacias carboníferas;
- política dos preços e dos salários;
- coordenação dos investimentos;
- fixação do nível da produção nacional;
- pesquisas técnicas, e formação profissional;
- criação de um Centro de Estudos e de Pesquisas do Carvão Nacional, o que virá possibilitar a renovação técnica indispensável à solução alta do problema carbonífero.

Como medidas complementares e que deverão ser tomadas, a curto prazo, sugerimos:

- No setor de extração do carvão, uma concentração da produção, com uma redução objetiva e realista no número de empresas mineradoras e no número de bacias de minas, seguida de uma mecanização racional e crescente da lavra.
- O esforço de modernização apresentará uma tripla consequência: generalização das novas técnicas, humanização de trabalhos dos mineiros e aumento de produtividade.
- No setor de indústrias de transformação deveremos considerar a eletricidade, o coque e o gás, as atividades químicas e o aproveitamento dos rejeitos piríticos.

Nestas condições, poderemos prever o aproveitamento do carvão-vapor para uma geração de 500 a 800 MW, a diversificação da

indústria siderúrgica, ampliando a tecnologia na siderurgia brasileira, adotando medidas positivas em relação a Aços Frios Piratini, prevendo a instalação de coqueria para atender a Manesmann e a terceiros, implantando a carboquímica dentro de uma tecnologia moderna, assim como, o aproveitamento racional do rejeito pirítico no sentido de se obter o ácido sulfúrico, diretamente, ou no sentido de se obter o ácido sulfúrico com uma parte em enxofre elementar.

A hora atual, o grande cliente do carvão brasileiro é a indústria siderúrgica, principalmente para o coque do alto-forno.

O coque metalúrgico é de uso obrigatório nos altos-fornos das grandes siderúrgicas do país, para a produção de ferro gusa.

Devido ao alto teor de cinzas e de enxofre do carvão metalúrgico nacional, ele é usado nas usinas siderúrgicas na proporção de 40% para 60% do carvão importado, o que representa, assim mesmo, um ônus pesado para o setor siderúrgico, face ao elevado preço do nosso carvão, atualmente em vigor, este, que deverá entrar em decréscimo, desde que sejam tomadas medidas objetivas de racionalização.

Mas não se pode raciocinar unicamente em função do preço, devemos considerar também, os problemas de segurança e os problemas de ordem social.

Se a solução fosse a importação do carvão metalúrgico, poder-se-ia imaginar facilmente, que em caso de dificuldades, de caráter político-internacional, haveria dificuldades de provisão, porque os países produtores não estariam muitas vezes dispostos a fornecer aquilo que seria desejável.

De qualquer maneira, o problema dos transportes em função da crise, é sempre difícil, pois os navios são em quantidade insuficiente para fazer frente a todas as necessidades e pode-se chegar a situação dos aprovisionamentos insuficientes.

O outro fator que se deve ter em conta é o de ordem social. Um grande número de mineiros trabalha nas minas de carvão, e se bem que se trate de um emprego difícil e perigoso, para o qual o recrutamento é duro, não se pode reduzir os efetivos muito rapidamente, se não um grande número de mineiros se encontraria sem emprego e, muitas vezes em regiões onde não há possibilidade de novos empregos.

Essa situação não deve ser agravada, impondo-se sustar o aumento da produção do carvão bruto de Santa Catarina, nos moldes do recente decreto referente à fração metalúrgica.

Por tudo isto é necessário reservar em uma proporção dada a produção nacional do carvão. Mas, devemos considerar que:

- o carvão nacional tem vários usos, uns efetivos e outros em estudos;
- o carvão nacional do Estado de Santa Catarina tem uma fração coqueificável, chamada carvão metalúrgico, que representa cerca de 47% do carvão lavador beneficiado em Capivari, uma fração de carvão-vapor com cerca de 28% de carvão beneficiado e uma fração de rejeitos piríticos que complementa o total do carvão beneficiado.

— a parte utilizável do carvão nacional de Santa Catarina ou sejam as frações metalúrgicas e vapor, podem ser utilizadas em várias indústrias siderúrgicas como no caso dos vários processos modernos ditos de redução direta — para-siderúrgicos, como no preparo de pelotas de minério de ferro para carga de alto-forno, ou de energia térmica, como no caso da Sotela.

— a parte chamada de rejeito, ou pirita carbonosa, está a clamar por um beneficiamento que lhe retire o enxofre na forma elementar combinado na forma de ácido sulfúrico, para a indústria química nacional.

O projeto SIDESC preconiza, conforme o Relatório da Diretoria de 1967, produzir 130.000 t/a de enxofre (elementos ou derivados) e 170.000 t/a de óxido de ferro (mi- nério ou produtos equivalentes) a partir de 300.000 t/a do concentrado pirítico com 44% S, o que nos parece elevado.

A obtenção do enxofre elementar, da pirita, em escala industrial, não é uma operação fácil, acarretando uma elevação nos custos do enxofre produzido. Aliado a este fato que cerca de 70% do enxofre consumido destina-se a produção de ácido sulfúrico e que a tecnologia de fabricação deste, a partir da pirita, está amplamente desenvolvida, como é o caso do Japão, conclui-se que o aproveitamento do rejeito pirítico de verá ser no sentido de se obter o ácido sulfúrico, diretamente, cu no sentido de se obter o ácido sulfúrico com uma parte em enxofre elementar.

As medidas tomadas no projeto SIDESC, no sentido de contornar o problema de custos do enxofre, ou derivados, foi de aproveitar o óxido de ferro decorrente do processo.

Aqui, deverão ser analisados problemas, tais como: custo do óxido de ferro, teor do enxofre do óxido, mercado consumidor, processo a ser utilizado na redução, etc.

Uma grande opção para o carvão nacional, dentro da tecnologia moderna, seria a carboquímica.

Marcada por uma evolução rápida e profunda, a grande indústria química moderna pode se caracterizar por 3 feições principais:

— Abundância de fontes de matérias-primas, ritmo de crescimento rápido e necessidade de grandes dimensões.

Sobre um mercado mundial aberto, os consumidores podem procurar todas as matérias-primas e semifabricadas.

Em muitos países, e por muitos produtos, a consumação dobra todos os cinco anos, todos os três anos mesmo, e por vezes mais rapidamente ainda. Estas taxas de crescimento devem impreterivelmente ter conta do progresso tecnológico. De onde os graves e numerosos problemas de pesquisa de produção, de investimentos, de levantamento de mercados, que se impõem.

As usinas, as mais modernas e as maiores, as mais integradas e as mais amplamente munidas em patentes obtêm as melhores saídas sobre um mercado mais aberto.

A concorrência é muito intensa neste setor industrial. Uma empresa deve dispor de um poderoso aparelho de pesquisa pura e aplicada, de uma rede de prospeção do mercado nacional e internacional, de recursos financeiros consideráveis e fluídos.

Isto explica a fusão Montecat/Edison acontecida na Europa estes últimos tempos e as fusões de grandes sociedades químicas na França, e em outros países em ritmo acelerado de desenvolvimento.

Toda a química de carvão é até o presente derivada do forno C coque. Outros métodos têm sido ensaiados, e mesmo explorados. Os procedimentos imagináveis são numerosos: oxidação sobre pressão, hidrólise, extração por solventes, novos catalisadores, utilização das radiações, etc.

Pesquisas numerosas e diversas estão em curso no mundo inteiro. A economia destes procedimentos é estudada com grande profundidade e a extensão destas pesquisas e os meios postos em disponibilidade são consideráveis.

O caminho certo para o qual tende a se orientar a carboquímica é aquele da utilização dos derivados petrolíferos, para dele extrair um pouco de certas despesas, grandes, intermediárias de base. Entretanto, a rentabilidade de carbonização está estritamente ligada a condições econômicas, jurídicas, políticas, etc. e é

por este motivo que é tão difícil de se prever claro, no dia de hoje.

O extraordinário desenvolvimento que tem tomado nos dias de hoje a indústria química concebe sobretudo a química orgânica, quer dizer a química dos derivados do carbono.

Ora, se os outros corpos simples da química orgânica oxigênio, azoto, hidrogênio — são disponíveis em quantidades praticamente ilimitadas na água e no ar, no carbono é mais raro, porém mais precioso. E por isso que a fonte, a mais abundante e a mais econômica do elemento carbono, o carvão, é uma matéria-prima essencial para a química orgânica.

Não é fácil de se seguir, em detalhes, todas as operações químicas, que a partir dos quatro produtos de base da destilação, coque, gás, licor amoniacal e o alcatrão (o sulfato de amônio de recuperação sendo diretamente usado como fertilizante), apresentam perto de trinta mil produtos diferentes da carboquímica, da mesma maneira como se passa com a petroquímica.

Tomemos um só exemplo, aquele do gás, deste pode-se extrair o hidrogênio (ficando gasoso) que por combinação com o azoto do ar, possibilitará a fabricação do amoníaco sintético, mais o ácido nítrico, enfim os fertilizantes azotados (sulfato e nitrato de amônio), o metano servirá para fabricar o acetileno, o álcool sintético, ou ainda as matérias-primas da borracha sintética e de certas fibras artificiais, enfim, a parte etileno é a origem de produções variadas, depois o glicol etilênico (solvente, detergentes, etc.) até o dicloroetano que serve de solvente ou que é utilizado como matéria-prima do cloroterepreno (plástico) passando pelo polietileno (matéria plástica) e o estireno (matéria-prima da borracha e de resinas sintéticas).

Os alcatrões, o licor amoniacal, tratados eles, por destilação fracionada, têm carreiras, também ricas e também variadas. E é por este motivo que no carvão se encontra finalmente a origem de metade dos fertilizantes dos países da Europa Ocidental, da aspirina, do nylon, dos corantes, dos perfumes artificiais dos tecidos sintéticos, e também das principais matérias plásticas, que transformam cada vez mais a nossa existência.

Torna-se imperioso, pois, que se desperte para a plena utilização do carvão nacional, em moldes de produtividade, impondo-se uma base permanente e sólida para o dimensionamento dos empreendimentos citados, que só se pode configurar na estrutura de uma produção racional e determinada, face a estudos macro-econômicos, consentâneos com a atual conjuntura brasileira.

Sómente, desta forma, o pesado ônus, que está sendo imposto ao setor siderúrgico nacional poderá ser corrigido, amenizando suas consequências, o que viria, em última análise, fortalecer a situação do aço brasileiro no mercado internacional.

Os grandes consumidores de carvão passando em revista as principais utilizações do carvão — combustíveis, fonte de energia, matéria-prima — se definem ao mesmo tempo como os grandes clientes da indústria carbonífera. Mas os mercados do carvão não têm a mesma importância em todos os países, isto depende da estrutura industrial do país considerado de outras fontes de energia de que ele dispõe e das qualidades do carvão que ele possui.

No Brasil, por exemplo, ele não faria ver em que o carvão consumido se repartisse segundo regras imutáveis, ao contrário, há certos setores que crescem regularmente suas necessidades, e outros, que tendem a desaparecer pouco a pouco do mercado. (Artigo publicado na Revista "Mineração Metalúrgica", n.º 287, edição de Novembro de 1968).

Na base desta crise acham-se quatro problemas fundamentais:

- o balanço de pagamentos dos Estados Unidos, à atual taxa cambial, que parece estar num estado de desequilíbrio fundamental;
- a situação econômica do Reino Unido, que provavelmente é tão séria que a Inglaterra poderá não ter meios para continuar mantendo a libra como moeda forte, a despeito da sua paridade;
- uma disponibilidade insuficiente de ouro para atender às necessidades da reserva, da indústria e do comércio mundiais;
- uma crise em moedas "menores", como por exemplo o franco francês, a qual poderia produzir uma reação em cadeia que faria cair todo o sistema.

Síntese Econômica

PETROLEO — A exploração e a industrialização de petróleo assume, dia a dia, no mundo, uma importância crescente. As tensões políticas em evidência cada vez maior e em áreas específicas, que o chamado ouro preto tornou estratégicas foram premente a descoberta de novas jazidas em regiões inexploradas ainda.

É este o caso do Ártico, onde as grandes companhias internacionais iniciaram uma corrida contra o relógio, aplicando os métodos de pesquisa mais modernos e cujos resultados dão crescentes esperanças aos pesquisadores que já garantem praticamente a existência de enormes reservas no Alasca. O Ártico, à medida que se forem conhecendo suas condições específicas, e desde que se encontrem sistemas econômicos para o trabalho no gelo, tem grandes possibilidades de se transformar num novo Oriente Médio.

A parte do Ártico pertencente ao Canadá na qual foram realizados inúmeros serviços de prospeção nos últimos 20 anos sem grande sucesso, está sendo alvo de um grandioso projeto de prospeção que compreende uma área de 300 mil milhas. A União Soviética, por seu lado, também está realizando importantes trabalhos e recentemente, o geólogo Mikhail Kalinko escreveu um artigo no qual afirma que as reservas petrolíferas do Ártico têm muitas possibilidades de ultrapassar as melhores perspectivas. afirmou que a história geológica do Ártico, que vem sendo acompanhada nos últimos 500 anos, tem características muito semelhantes às do golfo do México.

INDÚSTRIA — Até o último dia 23, quando iniciou férias coletivas que se encerram a 15 de janeiro, o Volkswagen do Brasil tinha esta seleção novos recordes de produção. Em 1968, o total de veículos vendidos atingiu a 154.931 unidades, contra 115.830 em 1967, aumento real de 30.101 unidades, representa um acréscimo percentual de quase 34% sobre o ano anterior.

EXPORTAÇÕES — Segundo as Nações Unidas, a taxa de crescimento das exportações japonesas é a maior do mundo, tendo atingido, no período, 1963/66 a cifra de 79%. Parte desse espantoso incremento se deve à expansão do comércio mundial, mas o aumento do poder competitivo dos produtos japoneses foi também o grande responsável. As indústrias de exportação do Japão fizeram investimentos em larga escala para modernizar sua tecnologia e ampliar sua produtividade. E os resultados foram altamente satisfatórios: em 10 anos, a produtividade da indústria do Japão cresceu em 9,4%, contra 5,6% da Alemanha Ocidental e 3,5% dos Estados Unidos.

PROGRAMA — O Governador da Bahia já anunciou que em 1969 pretende realizar investimentos de NCr\$ 45 milhões, apenas no Centro Industrial de Aratu; construir nove mil unidades habitacionais; concluir as obras do ferryboat; erguer quarenta e uma unidades hospitalares e ampliar o ensino primário, médio e superior, com a criação, inclusive, de universidades em Feira de Santana e Sul baiano.

SEMINÁRIO — A Confederação Nacional da Indústria patrocinará, de 6 a 10 de janeiro, no auditório do CENPL, órgão da CNI, Seminário sobre Normalização em Nível de Empresas ou Reparação Pública.

SISTEMA MONETÁRIO — Os últimos 12 meses se mostraram dos mais intranquilos para o sistema monetário internacional desde a Segunda Guerra Mundial. Todo o sistema monetário, estabelecido em Bretton Woods quase ao término dessa guerra, acha-se, talvez, em risco de um colapso total, a menos que se faça algo para revigorá-lo.

Na base desta crise acham-se quatro problemas fundamentais:

- o balanço de pagamentos dos Estados Unidos, à atual taxa cambial, que parece estar num estado de desequilíbrio fundamental;
- a situação econômica do Reino Unido, que provavelmente é tão séria que a Inglaterra poderá não ter meios para continuar mantendo a libra como moeda forte, a despeito da sua paridade;
- uma disponibilidade insuficiente de ouro para atender às necessidades da reserva, da indústria e do comércio mundiais;
- uma crise em moedas "menores", como por exemplo o franco francês, a qual poderia produzir uma reação em cadeia que faria cair todo o sistema.

Na base desta crise acham-se quatro problemas fundamentais:

- o balanço de pagamentos dos Estados Unidos, à atual taxa cambial, que parece estar num estado de desequilíbrio fundamental;
- a situação econômica do Reino Unido, que provavelmente é tão séria que a Inglaterra poderá não ter meios para continuar mantendo a libra como moeda forte, a despeito da sua paridade;
- uma disponibilidade insuficiente de ouro para atender às necessidades da reserva, da indústria e do comércio mundiais;
- uma crise em moedas "menores", como por exemplo o franco francês, a qual poderia produzir uma reação em cadeia que faria cair todo o sistema.

Na base desta crise acham-se quatro problemas fundamentais:

- o balanço de pagamentos dos Estados Unidos, à atual taxa cambial, que parece estar num estado de desequilíbrio fundamental;
- a situação econômica do Reino Unido, que provavelmente é tão séria que a Inglaterra poderá não ter meios para continuar mantendo a libra como moeda forte, a despeito da sua paridade;
- uma disponibilidade insuficiente de ouro para atender às necessidades da reserva, da indústria e do comércio mundiais;
- uma crise em moedas "menores", como por exemplo o franco francês, a qual poderia produzir uma reação em cadeia que faria cair todo o sistema.

Quando



...cai uma mosca na sua bebida e você não se preocupa em removê-la, tomando tudo de um gole só, preocupado apenas em não consumir no processo a dita cuja;

...você assina o seu nome na conta do bar com aceleração gradativa;

...percebe que está conversando com excessiva polidez com certas pessoas um pouco mais idosas e sabidamente opostas ao consumo exagerado de álcool;

...diz "muito agradecido" em vez de "obrigado" aos empregados que estão servindo a sua mesa;

...está dirigindo seu carro em velocidade razoável mas diminui cuidadosamente a velocidade em cada cruzamento, observa a rua com muita atenção e buzina para cada carro ou pedestre que passa, de repente, fazer qualquer coisa de diferente;

...dançando com uma jovem vinte anos mais moça que você, tenta o mesmo passo com que fazia sucesso na sua juventude e, para grande surpresa sua, fica satisfeito com o resultado;

...não faz cerimônia e apanha canapé, cerimoniosamente recusado por todos os presentes;

...vai habitualmente para casa de ônibus e, dessa vez, pega um táxi, sabendo que a corrida lhe custará o almoço de amanhã;

...você diz para si mesmo que, afinal de contas, "ela" até que não é tão ruim como parecia à primeira vista;

...começou a preparar outro martini e entorna gim demais dá uma golada de gim puro para restabelecer a medida certo;

...percebe que está falando um pouco alto demais, "para alegrar o ambiente";

...não consegue pronunciar certo determinada palavra e, repetindo-a fala bem depressa para que ninguém perceba o erro;

...ergue o seu copo para fazer o quarto brinde seguido e propõe que todos bebam "à saúde da mulher";

...começa a contar uma história cheia de detalhes, com um objetivo certo e, de repente se dá conta de que perdeu o fio da meada e então inventa outro final para justificar o tempo perdido do auditório;

...você já não liga mais para o que possa sua mulher dizer a propósito de suas intimidades com a mocinha de azul;

...você tem apenas cinco minutos para pegar o ônibus e acha que ainda dá tempo para o último drinque;

...pede à orquestra para repetir, outra vez, sua música favorita e chega a derramar duas lágrimas, em memória "daquele tempo";

...começa a sorrir satisfeito e explica que é "porque amanhã é domingo";

...vai repetidas vezes "lá dentro" e chega à conclusão de que "não vale a pena abotoar tudo para desabotoar daqui a pouco";

...ESTÁ NA HORA DE PEDIR UM CAFÉ BEM QUENTE E TOMAR UMA BOA DOSE DE SAL DE FRUTAS, PORQUE VOCÊ JÁ BEBEU ALÉM DA CONTA E ESTA NA CHAMADA FRONTEIRA DO PILEQUE.

Uma glória da lua

Joyce Cary

As crianças brincavam de enterrar. Um garotinho moreno de uns seis anos estava estendido num caixote de laranjas, à beira da cova, olhos cerrados, mãos cruzadas no peito. O caixote era pequeno demais e ele tinha que dobrar os joelhos, mas procurava conservá-los de lado, num esforço para ficar o mais estendido possível.

Uma menina de ombros largos, de seus dez anos, com um rosto redondo bem moreno, sustentava a ponta de uma corda de pular, passada debaixo do caixote. A outra ponta estava nas mãos do padre, um menino magro, da mesma altura da menina, de nariz extremamente comprido e fino, e grandes olhos cinzentos que pareciam saltar de impaciência.

Um avental da empregada, preso aos ombros, fazia de sobrepele. Segurava um pedaço de jornal e fingia ler, usando frases pomposas que aprendera, ou na igreja ou no rádio. Entoava essas palavras em estilo sacro, com uma intensidade peculiar e trêmula, excitado não só pelas palavras em si como também pelo seu próprio sucesso como padre.

— Somos como a grama, verde de manhã mas a tarde ceifa-

da e murcha, e os vermes devorarão nosso corpo.

O garotinho no caixote de laranjas bateu as longas pestanas e piscou. Umameminazinha menor, muito loura, parada um pouco atrás, como carpideira, não olhava para ele; suas maninhas os imensos olhos fascinados no orador. Seus lábios moviam-se a tentar repetir as palavras.

O padre, após uma pausa de recolhimento, continuou em voz aguda, com a mesma ênfase dramática.

— O derradeiro inimigo é a morte, pois ela tudo calca aos seus pés. Vamos logo Mag.

Isso era para a menina de rosto moreno que estivera acompanhando o tempo todo com um trejeito nervoso e com olhares ansiosos para o menino deitado no caixão.

— Vamos logo Mag — repetiu ásperamente o padre, sacudindo a sua ponta da corda — Está dormindo?

A menina levou um susto e puxou a corda. O caixote foi erguido e juntos o arrastaram até o buraco e o colocaram lá dentro, sobre folhas mortas, grama amarelada e flores murchas.

A menina morena perguntou ao garotinho:

— Está tudo bem, David?

E logo o padre virou-se, reclamando zangado:

— Cala a boca, Mag.

— Mas foi só para...

— Ele está morto; morto, estou dizendo, como é que ele vai falar? Ele está muito bem, desde que você não mexa com ele. Ele nem se incomoda.

A isso David apertou ainda mais os lábios. O padre disse alto:

— No meio da vida estamos na morte.

Súbito o cadáver levantou-se do caixote. O padre atirou fora o jornal e gritou aborrecido:

— Oh! Não adianta!

O garotinho subia e encosta, fazendo um muxôco. Olhou de lado para os mais velhos com aquele olhar que significa: "Pode me matar. Mas já estou cheio".

— Ele está com medo — disse Mag. — Eu falei que ele ia ficar com medo.

— Ora, vamos desistir logo. Pensei que você quizesse fazer a coisa direito, mas em vez fica aí toda cheia de dedos por causa dos guris.

— Eu não! Só disse que David...

— Tá bem. Já desisti. Está acabado. — Atirou o jornal no chão, com a raiva de um artista frustrado. Mag, furiosa, virou-se para a menininha:

— Kate, você não se importa, se importa, Kate?

Kate respondeu alto, numa voz sonhadora, como se os pensamentos estivessem bem longe:

— Não, me importo, não.

— Oh! Vamos acabar de uma vez, não adianta.

— Você só vive dizendo isto — Mag ainda estava furiosa. — Vamos, eu mesma enterro ela, se você quiser. Entrai logo, Kate.

A menininha estendeu-se no caixote, que era a conta dela, cruzou os braços no peito e fechou os olhos. Mag correu a apanhar o jornal mas o padre foi mais rápido.

— Tá bem, Kate, mas não se esqueça que você está morta, hem?

Os lábios da criança se mecheram. Aceitava aquela condição, mas num murmúrio próprio às pessoas em outro estado de existência.

O ofício continuou:

— O homem filho da mulher tem apenas um curto tempo de vida. Segue como sombra. E' ceifado que nem flor.

Kate ia repetindo em silêncio e suas faces pouco a pouco enrubesciam.

O padre apanhou um punhado de folhas e espalhou-as sobre

a menina. Uma delas, ainda com a longa haste presa, caiu em seu pescoço, mas a menina continuava firme como uma pedra.

— Pó para pó, cinza para cinza. — Parou para examinar aquele defunto formidável, depois triunfante de êxito, cada vez mais excitado pelo som de sua própria voz, começou numa cantoria. — Há uma glória do sol e uma glória das estrelas e uma glória da lua.

Os lábios da menininha mecheram-se de novo para acompanhar as palavras. De repente seu rosto enrugou-se numa careta de choro. Lágrimas brilharam por entre suas pálpebras fechadas.

O padre parou e disse indignado:

— Que raiva! Que houve agora?

— Não, nada.

Ah! Sai daí, anda. Eu não falei que essas crianças iam estragar tudo?

— Mas eu não quero sair daqui. Estou gostando.

— Então por que esse choro?

A menininha levantou uns olhos pensativos. As folhas mortas estremeciam no peito do seu vestido enquanto ela tentava evitá-lo.

— Não sei.

Jornal de Domingo

Marcilio Medeiros, filho

Paulo da Costa Ramos

O caso do 'lunático' que ficou 'terrático' por causa da Apollo-8

Vuborg tem 2.214 anos e reside em Clavius, o maior país da Lua. Sua profissão é a de guarda noturno, que ele exerce há 1.150 anos. É alto, com cerca de 0,187 milímetros, e muito simpático. Sua cor esverdeada, conseguida através do rebatimento das radiações solares, é muito invejada pelos amigos, bem como a sua posição social. O cargo que ocupa é muito importante na hierarquia lunar, e foi graças à influência de seu avô que o obteve.

Vuborg está noivo da família Tog; na lua, os representantes do sexo masculino compõem uma bemaventurada minoria, e, quando casam, tem a obrigação legal de fazê-lo com pelo menos seis lunáticas. Vuborg, um rapaz sensato, resolveu casar com as seis lindas irmãs; Tog, assim, a diferença de temperamentos não será tão pronunciada. Há outros motivos, é claro, mas nenhum tão relevante quanto este.

No dia 25 de dezembro, que na Lua é véspera de carnaval, Vuborg estava dando a sua ronda habitual pelas crateras, quando, por detrás do pico Imalg, surgiu uma bela Terra cheia. Vuborg é um jovem sonhador, e se pôs a pensar nas amadas, e em quanto era feliz por ter noivado com as Tog. Outros colegas seus, para cumprir a disposição legal, perdiam o interesse e a paixão lá pela terceira noiva, e as três faltantes eram providenciadas numa agência especializada. Essas combinações, como é de se supor, raramente davam certo. Esses casamentos acabavam em desquite, que era severamente punido: as mulheres iam servir apenas como "reprodutoras" e o homem era deslunado para a face oculta, que lá se chama Sibéria.

Vuborg pensava nisto e em outras coisas, quando teve a sua atenção desviada para um objeto que brilhava no céu. Era um objeto em forma de cone, com o vértice truncado. Vuborg esfregou os olhos, beliscou-se, mas o objeto não desapareceu; apenas movia-se em direção ao sul, nem depressa, nem devagar.

"Afinal de contas, não bebi" — disse Vuborg para si próprio; "aquilo que está ali no céu é real". Olhou para os lados e não encontrou ninguém — aquela altura, também, não poderia encontrar ninguém, pois todos já estavam recolhidos no fundo de suas crateras, repousando para o carnaval. O objeto seguia sua marcha, e antes que Vuborg se recuperasse da surpresa, desapareceu.

Quarenta e cinco horas depois (embora aqui na Terra tivessem decorrido apenas quarenta e cinco minutos), o objeto fez nova aparição, enquanto Vuborg debatia-se diante da ideia de registrar ou não a ocorrência. Desta vez surgiu no norte, aparentemente vindo da direção anterior.

Vuborg começou a tremer; seria uma invasão? Decidiu-se, por fim, a chamar alguém para testemunhar a original visão, e desapareceu entre as crateras. Quando voltou, trouxe consigo um sujeito que estava visivelmente bêbado, e que exclamou, ao deparar com o objeto: "Ora, aquilo? É só uma cápsula espacial americana, a Apollo-8. Só isso?" — e voltou, cambaleante, para o bar de onde viera.

Vuborg amaldiçoou-se por ter apelado para um bêbado, e correu para trazer alguém mais responsável; nessa corrida, entretanto, escorregou, bateu com a tromba numa pedra e deslucou as asas. Impedido de prosseguir, ficou ali deitado, impotente, assistindo, de quarenta e cinco em quarenta e cinco horas, a passagem do estranho objeto. Oito vezes ainda o objeto sobrevôou o pobre Vuborg, e, ao amanhecer, desapareceu de vez.

Pouco depois, duas velhas acharam Vuborg quando iam para o mercado; chamaram uma ambulância, e levaram-no para o Hospital. Depois de medicado, com as doze asas enfaixadas, Vuborg pediu que o seu superior se acercasse dele e contou: havia visto um disco voador, que, depois de dar dez voltas pelo espaço, rumara para a Terra.

O chefe de Vuborg assentiu com a tromba, e disse-lhe para descansar. Vuborg insistiu; o chefe também. Vuborg então chamou às seis noivas e contou-lhes. Elas ficaram muito contristadas e fizeram-lhe carinhos. Vuborg chamou o pai e as mães e eles ficaram muito preocupados com a sua saúde. Vuborg chamou então os enfermeiros, os médicos, as freiras, todos enfim. E contou-lhes. Deram-lhe um sedativo e duas pílulas para dormir.

Mas Vuborg não se deixou vencer; quando acordou, telefonou para os jornais, e, dentro em pouco, a notícia era conhecida em toda a cratera, mais ainda, em todo o país. Mandaram vir um psicanalista.

Este tratou Vuborg durante vinte anos, explicando-lhe pacientemente que a Terra é apenas um satélite da Lua, que é inabitável pois contém muito ar e muita água. Que os cientistas lunáticos demonstraram a inexistência de qualquer ser vivo na Terra. Que as naves espaciais enviadas pela Lua fotografaram a Terra a apenas 112 quilômetros de altura, e que só registraram imensidões de substâncias insípidas chamadas terras e mares. Que, enfim, etc. etc.

Vuborg não se convenceu. As Tog romperam o noivado, a Guarda Lunar o aposentou. Foi internado num hospício, de onde só deverá sair daqui há 25 anos lunares, ou seja, em julho de 1969, quando a Apollo-11 pousar na Lua.

Enquanto isso não acontece, os amigos de Vuborg lamentam a sua fortuna, dizendo: "Pobre Vuborg, esta combinação terrática".



A cervejinha, bebida nacional

pinha sobre o orifício do gargalo, mesmo depois de aberta a garrafa, sob pretexto de não esquentar a cerveja. Ah, só se toma "Pilsen Extra".

Outra mesa das mais respeitadas que se reúne para saborear uma cervejinha é formada com exclusividade por doutores em leis, magistrados e procuradores. Reunem-se num canto discreto do Clube 12 de Agosto ou na Sociedade dos Atradores. Nessa roda não há preferência por marcas, mas a exigência unânime é no sentido de que o produto venha bem gelado.

Os denodados "Lobisomens", do Coqueiros Praia Clube, formam uma das mais pujantes sociedades desta praça no consumo da cerveja. Enquanto as bolas rolam nas pistas de bolão, a espuma rola pela borda dos copos, nas sextas-feiras à noite, quando têm lugar as suas reuniões. Os renitentes frequentadores do bar do Clube 12, muitos dos quais empatados com aquela sociedade em anos vividos e em "badalação", são outros que absorvem grande parte do consumo de cerveja da Cidade, que lhes é servida graças à paciência e ao êxito financeiro de Rodolfo, com a exploração do referido bar. Não poderíamos deixar de fazer referências aos "velhos lóbos do mar" que frequentam a sede e os galpões dos "Veleiros da Ilha de Santa Catarina", ao falarmos dos bebedores de

cerveja. Após um dia inteiro de emocionantes aventuras oceano a dentro, nada melhor que um bom copo de cervejinha gelada para aplacar a inclemência do sol e as canseiras marítimas.

Mas, voltando aos que bebem na sombra, cumpre especial destaque à freguesia pontual do "Meu Cantinho", especialista em chope e em "mini saia", que é como se chama a garrafinha pequena da "Brahma Chopp". Também os habituais frequentadores do "Miramar" não poderiam ficar atentos desta interminável relação. Ao marulhar das ondas na amurada do velho brigue de cimento, os goles de cerveja são intercalados com outros não menos ávidos da cachacinha branca que ali é servida, entre almôndegas e camarões. E quem não se lembra do Chiquinho, de tão saudosa memória? No princípio, servia café, com mesinhas e orquestra. Depois, a Cidade ganhou mais uma farmácia e perdeu meio bar. Mesmo assim, verdadeiras multidões se acotovavam nos balcões de mármore para disputar a tapas as deliciosas empadas que eram acompanhadas à base de cerveja. Vale lembrar ainda o Bar Pérola, o Bar do Estrêla e tantos outros que o tempo levou. Mas os bares passam e a cerveja fica, como, por exemplo, nos bares da Rua João Pinto, no Bar do Filinto, no Poema Bar, que hoje mudou de nome, e no secular Bar do

Katcips, onde várias gerações, entre as quais a minha, se iniciaram no salutar aprendizado de tomar cerveja.

E por essas e outras que hoje, em todo o continente americano, somente os Estados Unidos e México fabricam e consomem cerveja que o Brasil cuja produção atingiu 707.743 mil litros, suas 40 fábricas, segundo levantamento feito pela ONU no ano passado.

De ano para ano o Brasil vem aumentando a sua produção de cerveja e de chope. As 192 fábricas de chope, cerveja e refrigerantes faturaram NCr\$ 506.043 mil, em 1967. Isto, por outro lado, é muito bom para o País, que arrecada mais impostos. Para fabricar a cerveja, o Brasil importou malte e outros cereais no valor de 10 milhões de dólares.

Segundo dados estatísticos feitos pelo IBGE, nosso País possui há dois anos 25 fábricas de cerveja e 19 de chope. No primeiro semestre de 1968, esse número passou para 40 fábricas de cerveja e 21 de chope. É um dado animador, pois, pelo que tudo indica, a produção poderá atender perfeitamente à demanda, em virtude do crescimento demográfico e do País ser significativamente inferior ao aumento da produção de cerveja, embora o consumo "per capita" tenha se elevado bastante nos últimos anos.

Por falar nisso, está na hora de tomar uma bem geladinha.

Entrevista com a Princesa Lee Radzwill

PCR — Muito bem, Princesa, com que então Jacqueline impediu o seu casamento com Onassis, em 1963?

PLR — Impediu, propriamente, não é o termo; apenas me aconselhou...

PCR — Não estaria ela própria, na ocasião, pensando, isto é, não teria passado pela sua cabeça que Jacqueline estivesse com intenções de... bem, enfim, falando claro, será que sua irmã não viu em Onassis uma, digamos assim, "reserva técnica"?

PLR — Oh, não! Jackie, na época, se o senhor bem se lembra, estava muito bem casada.

PCR — Sobre isso não há dúvida; mas a verdade é que também Vossa Alteza não estava assim tão solteira para aspirar ao coração de Onassis, não é verdade?

PLR — Na verdade, não; na época, como hoje, era casada com Stanislav Radzwill, mas chegá-

mos naquele ponto do casamento em que diante dos esposos se apresenta uma encruzilhada: ou terminar tudo, ou continuar para sempre.

PCR — Vossa Alteza entrou, então, pelo desvio?

PLR — Como assim? PCR — Esqueça; então, uma vez nessa encruzilhada, a senhora telefonou para Onassis, e...

PLR — Exatamente; Ari, que Stas e eu conhecíamos de longa data, gentilmente ofereceu o seu iate para um passeio pelo Mediterrâneo; para minha surpresa, ele próprio me esperou no aeroporto e comunicou-me que também estaria à bordo — bem como uma série de casais amigos.

PCR — O Príncipe Stas, nessa altura, dando duro em Londres?

PLR — Não só em Londres como em vários pontos da Europa, onde tem negócios.

PCR — Ele sabia, naturalmente, do seu cruzeiro?

PLR — Mas, certamente! Ele

mesmo sugeriu-me uma viagem, sentindo que me achava muito deprimida.

PCR — Uma ótima receita para sair da fossa, sem dúvida. E Onassis, comportou-se à altura da situação?

PLR — Não entendi bem a pergunta, mas posso garantir que Ari é um homem maravilhoso, em todas as situações. Qualquer garota de 15 anos se apaixonaria por ele. Vendo-o ali, no escritório do iate, telefonando para todas as partes do mundo, comandando os seus negócios, eu pensava no pobre Stas, viajando de uma parte para outra como um caixeiro-viajante qualquer...

PCR — E nessa comparação, Stas perdia longe, não?

PLR — Oh, não se trata disto, absolutamente; passamos dias e noites adoráveis, no "Christina", durante quase um mês. Senti que estava apaixonada, e telefonci a Jackie que viesse.

PCR — E ela veio?

PLR — Mas, claro! Pedi a sua opinião, e Jackie achou que eu estava agindo precipitadamente; pediu-me que esperasse mais um ou dois meses, e, aí, então, decidi. E, como você vê, continuei com Stas. Isto é tudo. Quem iria imaginar que, cinco anos mais tarde...

PCR — Uma última pergunta, Princesa: a sua casa em Londres tem a porta bastante larga e alta?

PLR — Alta e Larga? Bem... não sei, creio que sim, isto é, é alta quanto as outras, eu não estou bem certa. Mas, por que perguntar?

PCR — Só para saber; muito obrigado, Princesa.

(NOTA DA REDAÇÃO DO JORNAL) Apesar do tratamento que recebeu a entrevista acima é absolutamente verdadeira, e foi originalmente concedida a um repórter inglês publicada em "O Globo" de 21-6 a quarta página)